VELVET

NOV/DEZ 2026 EDIÇÃO 26



Regina Casé

por Bob Wolfenson

Walcyr Carrasco
Paulinho da Viola
Helena Rizzo
Ferran Adrià
Ismael Nery

Galeria Lume
Eliana Alves Cruz
Giovanni Bianco
Marcio Kogan
Denise Stoklos

Isabela Capeto
Mariana Aydar
Gilberto Elkis
Roberta Zogbi
Breno Ferreira

vivo | STARLINK

VIVO *SEMPRE* COM SINAL

Satélite

Líder em 5G. Líder em Fibra. Líder em Roaming Internacional.

E, agora, única com tecnologia de satélite da Starlink.

Só cliente Vivo tem sinal para usar mapas, mandar mensagens e fazer ligações por apps em todo o Brasil, até nos lugares mais remotos.



vivo.com.br/satelite

Confira as regras e condições de uso em: vivo.com.br/satelite.

Telefónica

VELVET

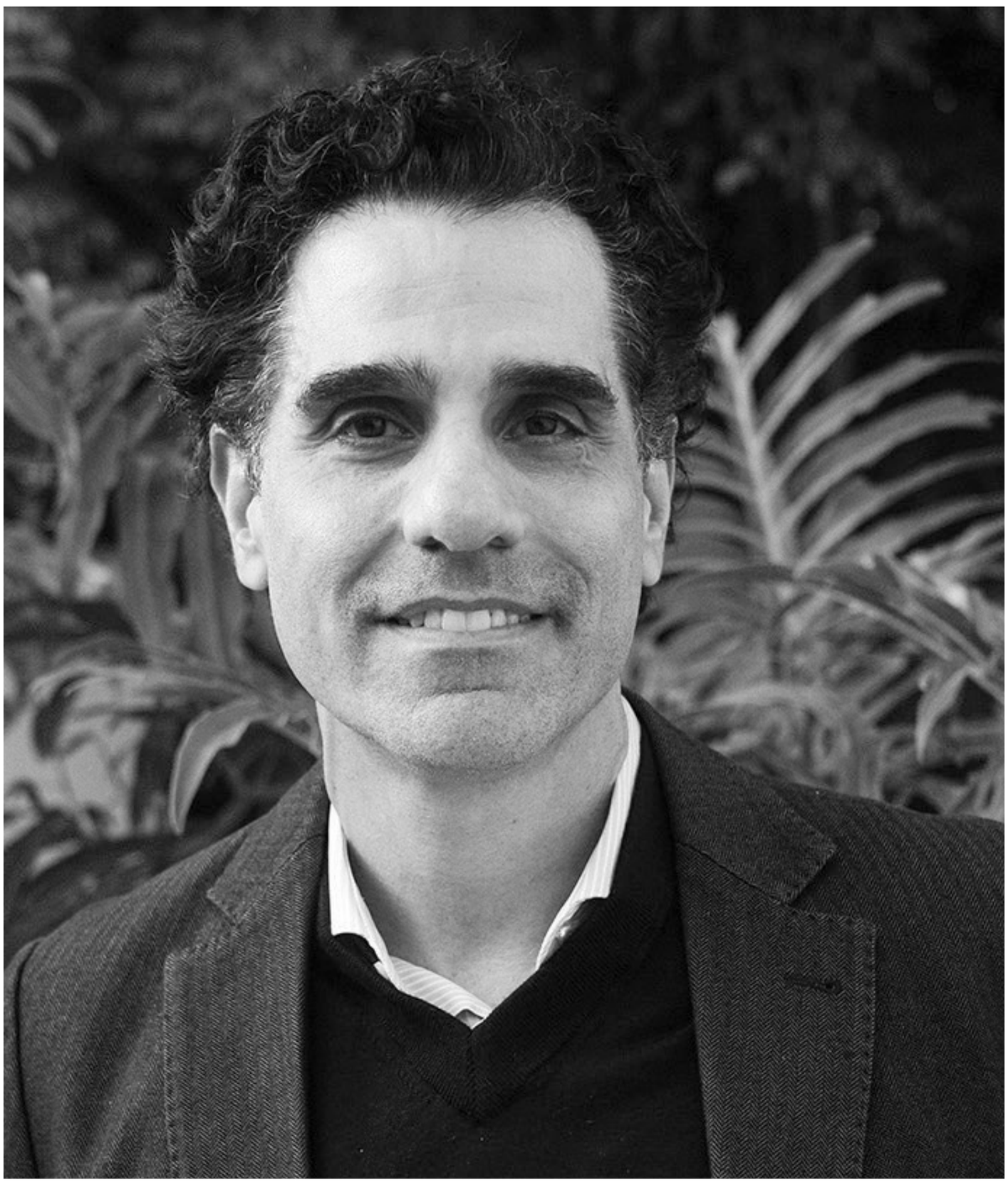
“Apesar de todo o seu desempenho computacional, o computador é burro, na medida em que lhe falta a capacidade para hesitar.”

Byung-Chul Han

Estamos no Instagram velvet.brasil

Velvet é uma publicação vivo

Carta do Christian



BOB WOLFENSON

Em tempos de respostas imediatas e scroll infinito, Regina Casé, nossa estrela de capa, prefere o encontro. Na conversa que tivemos na Casa Vivo, dá para sentir a espontaneidade que ela pratica desde o começo da carreira, no grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone. Agora, retorna ao palco em “Viva! Vida!” com essa mesma energia, indo ao encontro do público pelo país para contar a história do planeta Terra. Denise Stoklos, outra atriz nesta edição de Velvet, vai na mesma linha. Ela fala oito idiomas para chegar mais perto da plateia e defende que o teatro é a arte do futuro, por conservar a essência humana. Em outras linguagens, esse mesmo valor reaparece. Giovanni Bianco, diretor criativo que já trabalhou com Madonna e Anitta, diz que a IA jamais substituirá a criatividade. Já Walcyr Carrasco escreve sucessos que conquistam o Brasil cercado de livros e obras de arte.

Carta do Christian

Essa confiança no que é essencialmente humano atravessa também outras páginas da edição. Como no encontro entre Ferran Adrià e Helena Rizzo, mestres da gastronomia que uniram seus saberes para criar um cardápio único em evento promovido pela Vivo para convidados em São Paulo. Gilberto Elkis desenha jardins à mão e deixa os softwares agirem só no fim do processo. Isabela Capeto assina peças numeradas, com o nome da bordadeira e as horas gastas em cada uma. Paulinho da Viola, entre rodas de samba e marcenaria, segue rumo ao futuro sem esquecer o passado.

Há ainda quem encontre a presença na quietude, como Marcio Kogan, que faz uma arquitetura que "fala baixo" para preservar o bem habitar. E Eliana Alves Cruz, que abre baús de família para resgatar narrativas que a história apagou. Trazemos ainda a cantora Mariana Aydar, o ator Breno Ferreira, a confeiteira Roberta Zogbi e a Galeria Lume, além de três destinos — Caiman, Trijunção e Cristalino — para quem busca redescobrir o que importa.

Como se vê em nossos personagens, ser inteiro ainda é uma escolha humana, e possível.

Boa leitura.



Christian Gebara, CEO da Vivo

Sumário

Edição 26: Humanidade



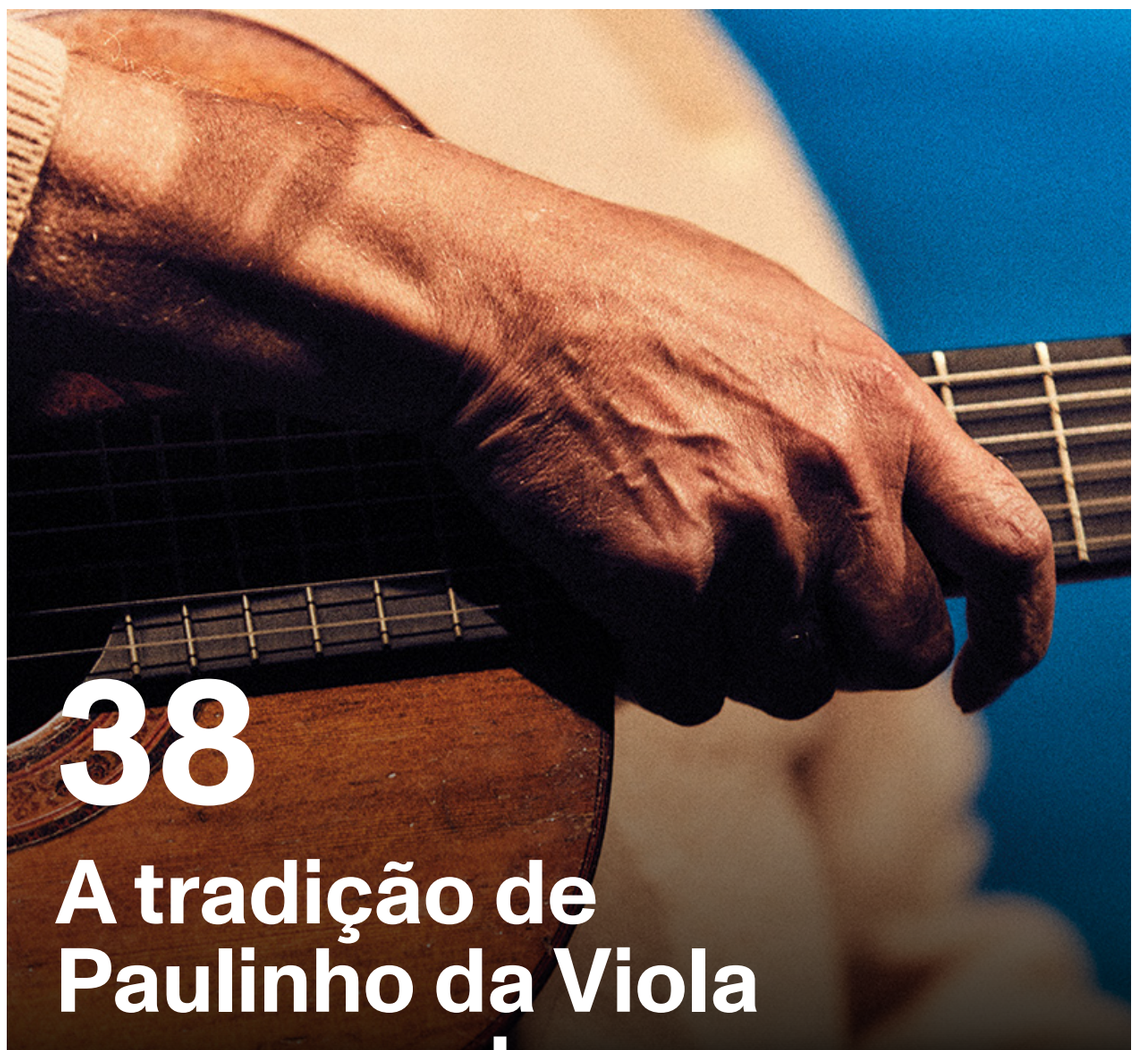
11
Regina Casé
conversa com Christian Gebara



23
Walcyr Carrasco
Uma máquina de escrever



31
Denise Stoklos
Indomável e essencial



38
A tradição de Paulinho da Viola segue moderna



46
O fabular de Eliana Alves Cruz

Sumário

Edição 26: Humanidade



52
Mariana Aydar e o presente do Rei do Baião



57
Adrià e Rizzo Caminhos cruzados



66
Roberta Zogbi Açúcar e afeto brasileiro



71
Isabela Capeto no artesanal



79
Gilberto Elkis cria paisagens



86
As linhas de Marcio Kogan

Sumário

Edição 26: Humanidade



96
Breno Ferreira ocupa espaços



105
A arte da Galeria Lume



112
Ismael Nery em exposição



120
3 destinos para acalmar a mente



133
Giovanni Bianco Sempre no topo

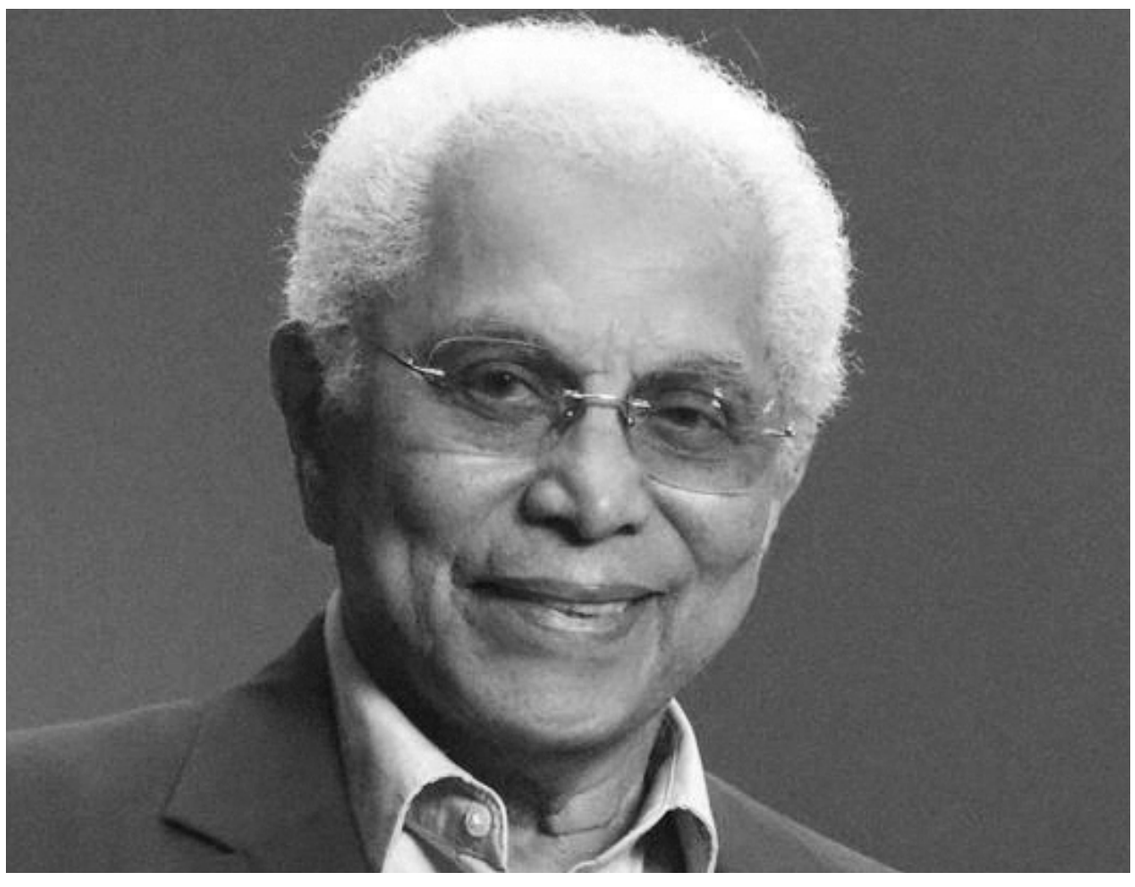
Nesta edição

Velvet é



REGINA CASÉ

Aos 72 anos, em cartaz com “Viva! Vida!”, a atriz fala sobre suas origens, a coragem de levar a periferia ao horário nobre e a maternidade vivida em duas fases distintas.



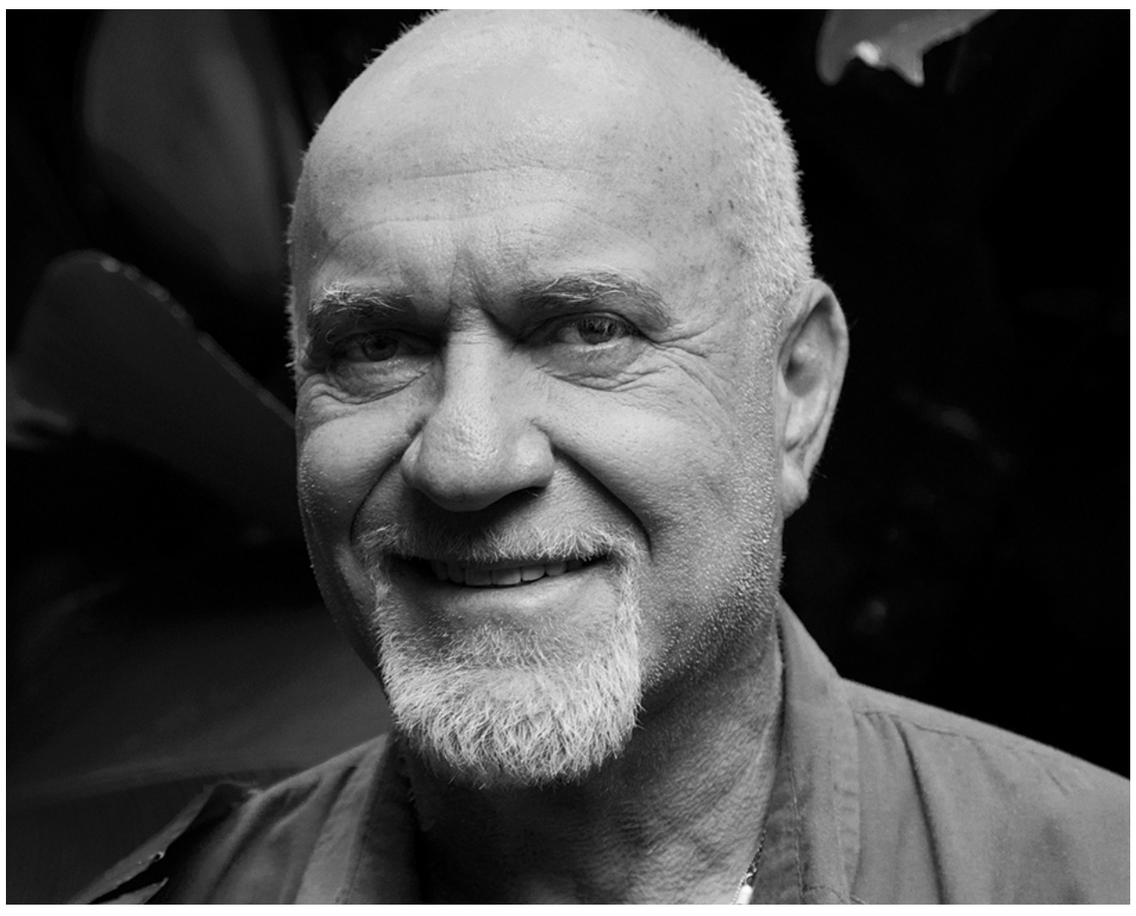
PAULINHO DA VIOLA

Aos 84 anos, o sambista mostra como a tradição se mantém em movimento, da oficina de marcenaria à escola do coração, a Portela, e das rodas de choro aos palcos lotados.



ELIANA ALVES CRUZ

A escritora transforma baús de família em romances que legitimam existências apagadas pela história. Entre feitiços, conjurações e o ato de fabular, ela fala sobre tempo e coletividade.



GILBERTO ELKIS

O autor da icônica piscina vermelha do Hotel Unique conta como um carro quebrado na estrada, aos 8 anos, o levou ao mundo das plantas. Hoje divide o trabalho com a filha e sócia, Caroline.

Nesta edição

Velvet é



FERRAN ADRIÀ E HELENA RIZZO

Reunidos em um evento gastronômico no Brasil, o chef catalão que revolucionou a cozinha e a brasileira à frente do Maní trocam ideias sobre criatividade, técnica e o futuro da mesa.



MARCIO KOGAN

O arquiteto conta como sua experiência de cineasta moldou a sua carreira. Luz natural, silêncio e tempo viraram protagonistas da obra de um dos nomes mais respeitados do país.



GIOVANNI BIANCO

Depois de décadas em Nova York, o diretor criativo que trabalhou com Madonna volta ao Brasil. Aqui, fala de terapia, moda, trabalho e o que só os sentimentos humanos podem criar.



DENISE STOKLOS

A atriz paranaense fala oito idiomas para se comunicar com plateias ao redor do mundo e relembra a trajetória do “teatro essencial”. O teatro, para ela, é a arte do futuro.



No estúdio de Bob Wolfenson, Regina veste blazer e calça de João Pimenta, bota Vicenza e luvas de acervo pessoal

Regina Casé

conversa com Christian Gebara

FOTOS BOB WOLFENSON

STYLING MARINA FRANCO / **PRODUÇÃO DE MODA** PEDRO PAIVA / **AGRADECIMENTO** INDEX CONECTADA E MKTMIX

Em cartaz com o espetáculo “Viva! Vida!”, a atriz e apresentadora fala sobre suas origens, a coragem de levar a periferia para o horário nobre e o que aprendeu com a maternidade

Regina Casé estreou nos palcos há mais de 50 anos, no Rio, com o grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e, desde então, carrega a espontaneidade como sua marca registrada. É assim que conduz o espetáculo “Viva! Vida!”, em palcos lotados pelo Brasil em 2026. Na peça, ela explica a história do planeta Terra para pessoas de todas as idades, faz rir, interage com uma inteligência artificial cênica e encarna um tipo elegante de animadora de auditório em diálogos divertidos e emocionantes. A ideia surgiu na sala de sua casa, quando o marido, Estêvão Ciavatta, reunia cientistas para a elaboração de um filme sobre desertificação. Regina sentou-se com eles à mesa, decidida a aprender mais sobre o tema, e foram esses debates que acabaram roteirizando o monólogo. Nas próximas páginas, ela fala sobre carreira, relembra como insistiu em levar o funk e a periferia para o horário nobre, décadas antes de o estilo musical dominar as paradas do país, conta como foi viver a maternidade em duas fases muito diferentes da vida, e revela como encara, aos 72 anos, o peso das perdas e a alegria de continuar de corpo aberto para o mundo.

“Acho que a chave do filme ‘Que Horas Ela Volta?’ é que qualquer brasileiro está em algum personagem ali, seja a empregada, a patroa, o filho, a filha da empregada. Não é caricato, porque expõe a sutileza de uma sociedade que normalizou uma relação que nunca deveria ter sido normalizada.”



ARQUIVO PESSOAL

Com o pai, Geraldo: muita experiência em TV

Regina, você cresceu numa casa com referências superimportantes da mídia popular no Brasil, como o seu avô Ademar, que foi do rádio, e seu pai, Geraldo Casé, que teve uma história com programas de TV. Isso influenciou sua escolha de ser atriz?

Não houve escolha. Eu acho que, desde a infância, eu já estava determinada a ser artista. Mas não houve uma influência direta do meu avô ou do meu pai. Eu já dava o meu show desde criança. Prestei vestibular para Comunicação Social achando que ia ser jornalista, depois mudei para História e então Filosofia, mas não terminei nenhum dos cursos porque conheci minha turma. É o mais importante da juventude: descobrir qual é a sua turma. Fui fazer um curso de teatro teórico e achava aquilo um charme intelectual. Quando terminou, o Sérgio Britto propôs um curso prático e a turma toda foi. Tive professores maravilhosos como o Klauss e a Angel Vianna, a Glorinha Beuttenmüller...

Então foi desse curso que nasceu o Asdrúbal Trouxe o Trombone, seu primeiro grupo de teatro...

Isso, com o Hamilton Vaz Pereira e outros alunos do curso. Eu me profissionalizei muito cedo. Quando olhei, já tinha virado atriz, mesmo sem ter escolhido. E foi ótimo, porque logo com a primeira peça, "O Inspetor Geral", já ganhei um prêmio de atriz revelação, e nem acreditei. Depois veio "Trate-me Leão",


ARQUIVO PESSOAL

Com o grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, com nomes como Hamilton Vaz Pereira, Luiz Fernando Guimarães, Perfeito Fortuna, Nina de Pádua, Patricya Travassos e Evandro Mesquita

que foi um sucesso que eu não sei nem te descrever. A gente chegava em Porto Alegre e tinha cordão de isolamento, gente gritando, como aqueles filmes dos Beatles. Aquilo era tão novo porque o teatro da época era impostado, as pessoas falavam de um jeito que não tinha nada a ver com a vida da gente. E a gente falava do amigo que morreu, do buraco do metrô... era vida, vida, vida.

A partir desse início no teatro, sua carreira escalou para a televisão e para o cinema. Como foi esse movimento de ser notada pelos diretores a partir do sucesso do grupo nos palcos?

O Asdrúbal viajava o tempo todo, era quase uma trupe itinerante, e nos intervalos das viagens eu ia fazendo umas participações em filmes com o Arnaldo Jabor, com o Cacá Diegues... Os diretores iam ver a peça, ficavam encantados e queriam trabalhar com a gente. Na TV, comecei com o Chico Anysio, depois com o Renato Aragão, fui parar no "Sítio do Picapau Amarelo". Fiz várias novelas com Jorge Fernando e Guel Arraes, como um dos meus maiores sucessos, a Tina Pepper, de "Cambalacho". Depois veio a "TV Pirata", também com o Guel Arraes, meu parceiro em quase tudo daí para a frente.

Regina veste t-shirt DOD, capa Das Haus, com botas e brincos de acervo pessoal

Você já disse, em outra entrevista, que percebeu cedo que não seria a mocinha da novela. E, para inventar ou buscar seu próprio lugar, acabou partindo para a apresentação de programas. Essa transição para apresentadora foi simples?
Estava muito acostumada com uma liberdade enorme, porque eu vinha de um grupo e achava que os testes me aprisionavam. Todos os programas que eu fiz foram criados do zero, nunca entrei em um que já existisse, substituindo alguém.

Você ainda tem vontade de fazer novela?
Sim, eu adoro conversar com as pessoas na rua, e a novela traz uma proximidade incrível, parece que você está todo dia na primeira página do jornal. Fiz tantas nordestinas que, no auge de "Amor de Mãe", as meninas de uma comunidade nordestina no Rio brigaram comigo achando que eu estava forçando um sotaque carioca para "disfarçar". Tive que explicar que era meu sotaque de verdade, sou carioca!

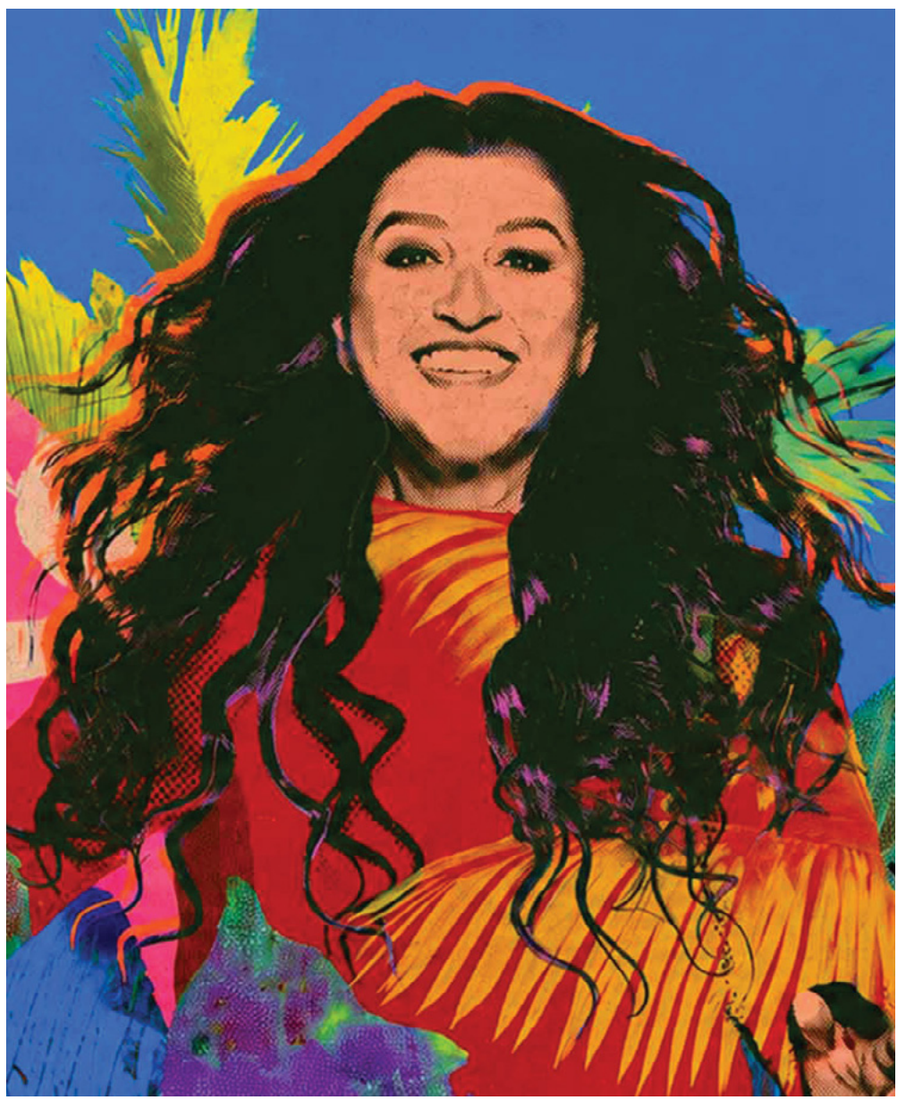
Nessa carreira como apresentadora de televisão, você deu muita visibilidade à periferia. E também foi acusada, em certa época, de romantizar esse universo. Por quê?
Mais do que isso: a imagem de um menino que canta funk, de um pagodeiro, sempre foi vista com medo, por ele ser pobre, preto, da favela, um território que assusta quem não é dali. Como eu andava com aquelas pessoas e levava para o programa, diziam "a Regina só anda com bandido", um preconceito tremendo! Hoje, a música que eu lutava para colocar na televisão é a música que toca o tempo todo em nosso país.

Mas, afinal, de onde veio essa ideia de trazer a periferia para o horário nobre?
Não era uma periferia desconhecida, era isolada. Eu via aquele fenômeno acontecendo e não via nada daquilo na televisão. Fiquei muito amiga do Hermano Vianna, antropólogo urbano,

---

"O meu trabalho de criação é equivalente ao de atriz, ou talvez maior, porque o que realmente me move é a ideia que eu quero comunicar."





Ao lado, Regina e Christian, na Casa Vivo; acima, na divulgação de "Viva! Vida!", espetáculo em cartaz

um gênio. Entrei em uma livraria da Gávea, o livreiro viu que eu estava folheando um livro dele, "O Mundo Funk Carioca", e me contou que teria o lançamento naquela noite. Li o livro todo, em pé, na livraria. Ele mostrava como um milhão de jovens se divertiam todo fim de semana, produzindo música, criando estúdios na favela, e nenhum caderno de cultura registrava isso. Eu sentia que era um espelho manchado, pois via aquilo na rua e não via na televisão. Se essa gente toda via TV, como ela não se via na TV?

Como foi fazer o filme "Que Horas Ela Volta?", talvez um dos seus papéis mais marcantes?

Foi incrível, a diretora Anna Muylaert leu o roteiro para mim e eu me apaixonei na hora. E ela trabalhava contando com o meu improviso. Teve uma cena, quando minha personagem vai embora e arruma um armário socado de coisas, que ficamos quase três horas filmando sem texto nenhum, já que a cena não existia no roteiro. A música que minha personagem cantava para o menino dormir era a que minha tia cantava para mim, que eu cantei para os meus filhos e meu neto. Tudo veio de um lugar muito íntimo, e acho que por isso o filme toca tanto.

Você, aliás, foi mãe em dois momentos bem diferentes da

vida, com 24 anos de diferença entre seus filhos...
Eu queria ter tido uns dez filhos, mas por mil motivos não aconteceu. Com a Benedita eu era muito obcecada, apavorada e superprotetora. Roque chegou num momento mais calmo, mas tive medo pela idade, ficava fazendo contas. E deu certo. Roque foi o melhor tratamento rejuvenescedor que eu podia ter e, para o Estêvão [que sofreu um acidente andando a cavalo em 2008 e tinha restrições de movimento], foi o melhor fisioterapeuta do mundo. Como pai, ele voltou a andar de bicicleta, a se jogar debaixo da mesa para pegar bola.

Tem algo que os seus filhos criticam em você?
Que sou muito nervosa. Uma vez, na escola da Benedita, pediram para escrever a maior qualidade e o maior defeito dos pais, e ela escreveu que minha qualidade é explicar qualquer coisa muito bem, e o defeito é ser nervosa. A frase que mais ouço em casa é "calma!", aliás, o que só me irrita mais [risos].



DIVULGAÇÃO

Ao lado, cena do filme "Que Horas Ela Volta?"; abaixo, um dos momentos do "Esquenta!", no palco



ZÉ PAULO CARDEAL/GLOBO DIVULGAÇÃO



ARQUIVO PESSOAL

Regina entre os filhos, Roque e Benedita

Como você encara o tema da idade hoje?
Nunca notei diferença nenhuma nos meus 30, 40, 50 anos. Há dois anos, quando fiz 70, estava maravilhosa! Aí veio uma fase difícil. Comecei a perder pessoas muito estruturais. Nos anos anteriores, perdi também amigos jovens, muito próximos, como o Paulo Gustavo, a Preta Gil. Foi um monte de coisas de uma vez. Não digo que foi crise dos 70, mas coincidiu.

Como é sua relação com celular e redes sociais hoje?
Eu converso até com poste. Gosto de rede social porque queria ter mais tempo para socializar, viajar, ir a mais lugares. Como a rua está cada vez mais sumindo, estabelecimentos fechando, a rede social acaba ocupando esse espaço. No teatro, nunca fingi que a plateia não está ali. Eu digo que pode filmar, postar e me marcar.

E a inteligência artificial?
Mais do que a IA em si, me assusta essa relação entre o que é verdade e o que não é, mesmo quando é para o bem. Por exemplo, em uma homenagem que recebi, recriaram a voz do meu avô conversando comigo, e foi um estranhamento. Ao mesmo tempo, reconheço que em outras coisas ela é maravilhosa, divertida e ajuda muito.

A IA é um personagem importante de “Viva! Vida!”, inclusive. Como a peça nasceu?
O Estêvão estava fazendo um filme sobre desertificação, em realidade virtual, trabalhando com um grupo de cientistas, como climatologistas, físicos e biólogos. Eu ouvia essas conversas, fui entendendo e pensando que, se eu, que sou completamente leiga, entendi, o público do teatro também iria entender. O Estêvão gravou todas essas conversas e foi roteirizando os encontros. Os cientistas são comprometidos com a academia, não podem dizer qualquer loucura. Mas eles foram nos dando corda, já que a arte é um espaço para isso!

O que você faz quando para? Aliás, você para?
Adoro parar, mas é engraçado, porque todo mundo fala que não acredita, porque eu amo trabalhar, amo estar em movimento. Eu acordo e vou fazendo muitas coisas sem parar. Até a hora do teatro, já passei por mil lugares. Vou a tudo, gosto de gente, de rua. Mas, também, se me deixar numa praia deserta, fico de boa, felizona. Posso ficar lá seis meses. Não sou workaholic, não fico agoniada. Claro que não dá para ficar a vida toda, mas as duas coisas me completam: a agitação e a parada completa.

CURTAS:

Um livro? “Árvores Brasileiras”, do Harri Lorenzi — pelo menos o volume 1. Acho que todo mundo devia ter um mínimo de repertório botânico, para não ser “analfabeto” nisso.

Um cheiro de infância? Vários, sou rainha do cheiro. Terra molhada, com certeza, que acho universal, incomparável. E um pãozinho que minha tia fazia no fogo direto, sem torradeira, com aquele gostinho de queimado.

Um filme? “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. Não é o filme de que mais gosto, mas foi o que abriu meu olho para um Brasil que, de certa forma, me levou até o “Brasil Legal”.

Cidade para morar? Moro no Rio de Janeiro, mas adoraria morar um tempo em Salvador.

Cidade para visitar sempre? Salvador, tenho uma casa no Centro Histórico; Recife; e Belém, que eu amo.

Fora do Brasil? Cusco, pela mistura entre paisagem e uma cultura que ainda está viva. A Cidade do México, que me encantou. E Tóquio, que eu adoro!

Algo que a Benedita te ensinou? A prestar atenção de verdade no outro. Ela faz leitura labial, nunca fala com alguém sem olhar para a pessoa. Me ensina uma bondade que é cuidar do que o outro realmente precisa, não do que eu acho que devo ajudar.

Um artista brasileiro que devia ser mais conhecido? Amaro Freitas, pianista do Recife que está encantando o mundo. E o Rubel, cujas letras eu acho lindas.

O Brasil em uma palavra? Vivo.

Complete: hoje eu sei que... a gente planeja tudo, e Deus lá de cima dá risada.

“Eu amo o mar, Estêvão ama a floresta. Eu digo que sou time Mata Atlântica, ele é time Amazônia.”

vivo APRESENTA:

GRUPO CORPO

EM UMA
APRESENTAÇÃO
EXCLUSIVA PARA
CONVIDADOS



23.11 ÀS 20H
TEATRO SÉRGIO CARDOSO

RESGATE SEU CONVITE
NO APP VIVO

INGRESSOS LIMITADOS

Walcyr Carrasco Uma máquina de escrever

TEXTO CÍNTIA MARCUCCI

O autor paulista combina princípios do formalismo russo com histórias que mantêm o público sempre à espera do próximo capítulo. Não por acaso, chega à sua 21ª novela no horário nobre da TV

DANIELA TOVIANSKY/GLOBO DIVULGAÇÃO

Parece simples escrever uma história. Primeiro, um familiar se ausenta ou morre, no que é conhecido como "o afastamento". Depois, acontece "a interdição", quando o herói recebe uma proibição. O passo seguinte é "a transgressão", momento em que a proibição é violada, dando sequência à possibilidade da história. A teoria é a definição morfológica de como contos são escritos, explicação que norteia o trabalho do escritor Walcyr Carrasco há muitas décadas. Quem vê "Quem Ama Cuida", a novela das 21h da Globo escrita por ele em parceria com Claudia Souto, vibra com as interpretações pulsantes de Letícia Colin, Isabel Teixeira e Chay Suede, e pode não perceber que por trás de tramas envolventes está a premissa do formalismo russo, escola de teoria literária que começou no início do século passado.

"Não lembro o nome do autor", Walcyr diz displicentemente, antes de completar que "os russos achavam as histórias sempre as mesmas. É quase um alfabeto da ficção e é possível juntar essas estruturas e fazer novas histórias a partir delas. Mas elas são, fundamentalmente, idênticas", explica sobre as ferramentas que sabe usar de forma fluente. O escritor se refere a Vladimir Propp e a seu livro "Morfologia do Conto Maravilhoso" (1928), no qual são analisadas centenas de contos populares russos escritos ou contados oralmente há séculos. A estrutura narrativa recorrente nas histórias ficou conhecida como "As 31 funções de Propp". Aqui, até agora, só citamos as três primeiras. Se voltarmos para a novela das 21h, fica fácil entender como se dá: primeiro, Arthur Brandão (Antonio Fagundes) morre; depois, a heroína Adriana (Letícia Colin) é presa injustamente; e, assim que sai da cadeia, dá início à sua vingança. É Propp abrasileirado, especialidade da casa, já que estamos falando de telenovela, nossa paixão nacional.

"Novela é o que dá mais trabalho para escrever, mexe com muito texto, muito público. É preciso cuidado para não desandar, não perder o foco daqueles personagens que estamos acompanhando, contando suas histórias."



DIVULGAÇÃO

Alguns de seus livros, com foco em histórias infantojuvenis

Às 14h de uma quinta-feira, Walcyr está começando o seu dia. Notívago assumido, escreve até de madrugada e acorda depois do meio-dia. Então, depois de um café da manhã reforçado, que é quase um almoço, ele parte para seus afazeres. É nesse cenário que conversa com a Velvet. O apartamento nos Jardins, em São Paulo, abriga uma coleção enorme de livros, a biblioteca particular de um fanático por literatura, muitas imagens de santos e obras de arte. Na ocasião da entrevista, vinha dedicando horas do seu tempo livre para ler "Uma Vida Pequena", de Hanya Yanagihara, que conta, em cerca de 800 páginas, a história de quatro jovens amigos e os tantos dilemas pelos quais passam. "A vida não é pequena, é um livro bem grande, mas estou adorando, recomendo", ele ri ao comentar.

Entre livros e filmes desde a infância

Sua paixão pelas histórias começou bem cedo. Ele nasceu em 1951, em Bernardino de Campos, cidade pequena do Oeste Paulista, quase na fronteira com o Paraná, a 330 km da capital. O amor pelas palavras brotou quando começou a ler os livros de Monteiro Lobato, no início da adolescência, nos anos 1960, época em que já morava com os pais, João e Ângela, em Marília, cidade consideravelmente maior para a qual se mudou aos 3 anos de idade. Aos 12 anos, já dizia que queria ser escritor — e era desencorajado pelos familiares, que afirmavam que ele morreria de fome. O lazer na juventude era dividido entre as estantes de livros e o cinema, local que frequentava assiduamente com o pai, um fã da sétima arte. Ele já contou em entrevistas que chegava a assistir a dois filmes por dia, das histórias hollywoodianas aos clássicos nacionais de Mazzaropi.

Mudou-se para São Paulo aos 15 anos e foi estudar na Escola de Aplicação da USP. Entrou no curso de História e trocou pelo de Jornalismo, na mesma instituição, alguns anos depois. Exerceu essa profissão até meados da década de 1990, passando por jornais como "Folha de S.Paulo" e "O Estado de S. Paulo" e pelas revistas "Veja" e "Contigo!". Nesta última, em 1992, mergulhou na investigação jornalística sobre a morte de Daniella Perez. Lutou para que o assassino famoso não fosse poupado pelas reportagens e protegeu a memória da vítima de comentários maldosos nas matérias. A revista ainda focou em uma campanha de coleta de assinaturas para a mudança da lei acerca de crimes hediondos, encabeçada por Glória Perez.

Um pouco de realidade, um pouco de ficção

Depois de construir carreira na imprensa, Walcyr perdeu o medo de morrer de fome que havia sido incutido em sua cabeça na infância. A liberdade de escolha fez com que começasse a escrever livros infantis, peças e roteiros para a televisão. A primeira novela foi "Cortina de Vidro", em 1989, no SBT. Depois, fez trabalhos para a Manchete e para a Rede Globo, onde está até hoje.

Tem enorme versatilidade em contar histórias para crianças, jovens e adultos. Por ter trabalhado em tantos lugares e ter morado no interior e na capital, inspira-se nessas vivências. "Quem Ama Cuida", por exemplo, tem o mote baseado na sua própria experiência de vida. Em 2023, ele teve um acidente doméstico e quebrou a perna direita. "Entrei em contato com terapeutas, enfermeiras que vieram na minha casa e passei a ver esse mundo que eu não conhecia. Isso inspirou a história do Arthur", conta. O personagem de Fagundes, de fato, conhece Adriana por ela ser uma fisioterapeuta que vai ajudá-lo na reabilitação após uma queda. O resto é história inventada à luz da teoria de Propp: Arthur é um homem rico, com a herança cobiçada por uma

---

"Escrever é uma coisa intuitiva. Quando eu penso em história, eu já sei para que veículo e público ela é. Mas não dá para explicar muito, pra mim simplesmente acontece."



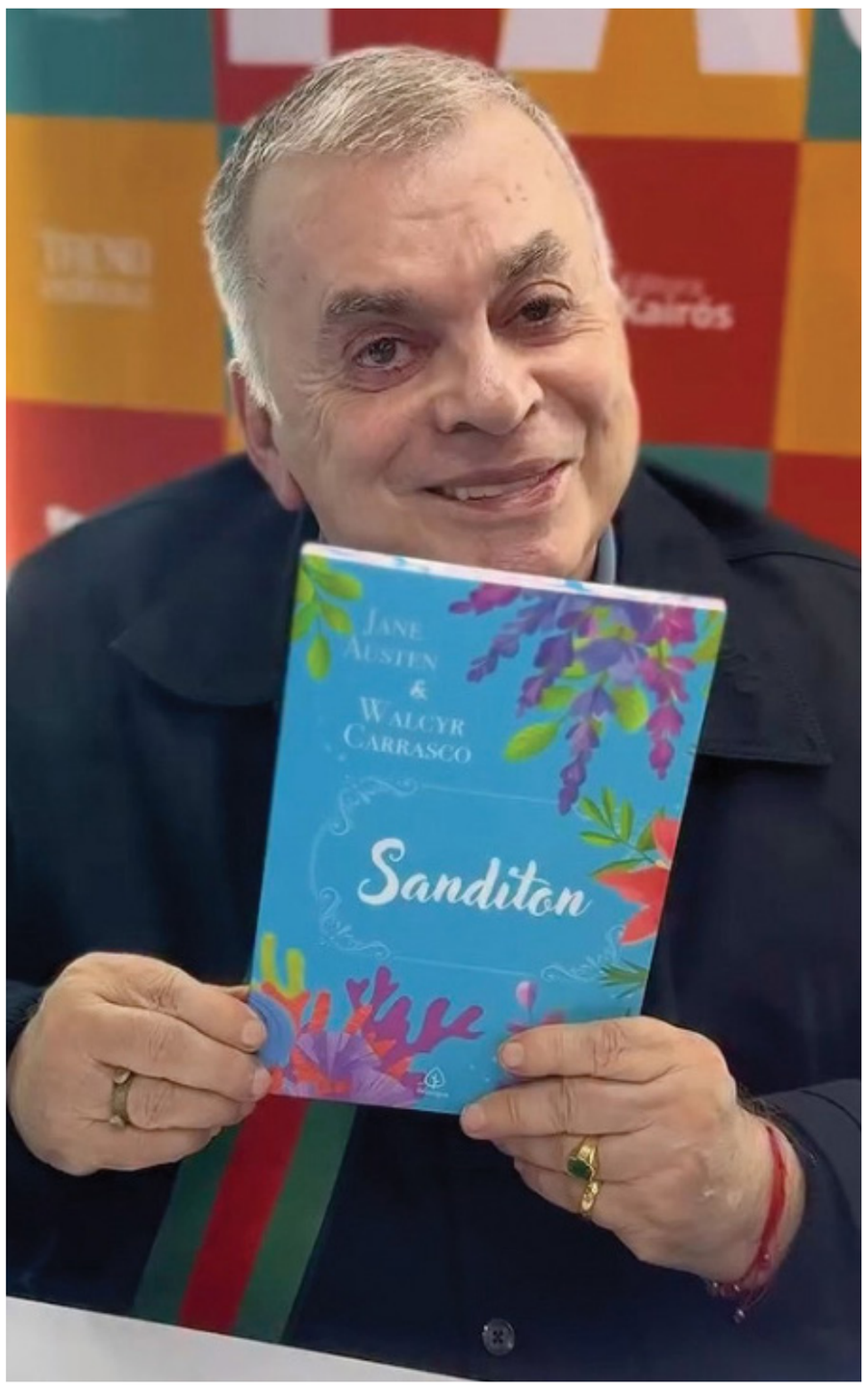
DANIELA TOVIANSKY/GLOBO DIVULGAÇÃO

Em gravação para o tributo Globo, em casa

família que só liga para o seu dinheiro. Mas morre no dia em que se casa com Adriana. Até onde se sabe, assassinado, mas não por ela, que passa anos na prisão condenada injustamente. “Meu objetivo é construir tão bem a história dos suspeitos nos próximos meses até que o mistério se torne cada dia mais instigante”, ele afirma.

Walcyr sempre soube que viveria escrevendo e faz isso em textos longos, como nas novelas de 180 capítulos, ou nas crônicas que publica até hoje na revista “Veja São Paulo”. Há muita variação de temas e épocas, de “O Cravo e a Rosa”, que se passa na década de 1920 e é inspirada no clássico “A Megera Domada”, de Shakespeare, à contemporânea “Amor à Vida”, que exibiu o primeiro beijo gay da história das novelas





DIVULGAÇÃO

Na cozinha, preparando um clafoutis de figo; na Bienal do Livro, mostrando o desfecho que criou para "Sanditon", obra inacabada de Jane Austen

globais, em 2013. Mas Walcyr procura fazer uma coisa por vez. "Quando escrevo, mantenho-me focado nesse trabalho. Só pego outro quando terminar, ou o risco de ficar confuso é grande", diz. É a mesma lógica usada para escrever os capítulos da novela. Um por dia, até acabar, mesmo que isso custe a madrugada toda trabalhando.

O escritor cozinheiro

Embora transite por tantos universos e formatos, Walcyr consegue que suas histórias tenham uma identidade própria que sempre salta aos olhos de quem as lê ou vê. Parte disso está em três fortes elementos, quase sempre presentes: vilões marcantes, humor e gastronomia. "Adoro cozinhar. Já fiz cursos de vários tipos de culinária, até de sushiman, e já preparei bons jantares. Me ofereceram até um emprego de ajudante em um restaurante japonês. Se não fosse escritor, seria um ótimo peixeiro", ele brinca. Em seu Instagram, posta fotos das iguarias que faz, como pães ou pratos principais. Por gostar tanto de comida, as cenas de refeição escritas por ele são constantes. Na novela atual, ingredientes aparecem como aspiração e comicidade, na linha do luxo extravagante. O público se identifica e entende como alívio cômico, desde o desejo por latinhas de caviar até bifes com flocos de ouro.

Mas Walcyr não se afasta de nenhuma possibilidade literária. No auge dos blogs, na primeira década do século, fazia questão de manter o seu espaço online. Hoje, enxerga com bons olhos as possibilidades da inteligência artificial. “Encaro como mais uma ferramenta, na qual você pode buscar ajuda. Já experimentei usá-la para textos mais curtos, mas ainda não para as novelas. O segredo é dizer muito bem o que você quer e entender que você é quem monta o produto final. Usar para facilitar não quer dizer que o autor perde sua função”, afirma com a visão clara de que a tecnologia não substitui as pessoas e seu conhecimento.

Depois de tantos livros juvenis (são 33, publicados desde os anos 1980), os fãs amadureceram ao longo das décadas. E se enfileiraram ao sol na última edição da Feira do Livro, no Pacaembu, em junho de 2026, para conseguir um autógrafo em suas obras. Mesmo quem não era seu leitor o reconhecia no evento. “Olha quem está lá, é o autor da nova novela das 21h. Minha mãe vê todo dia e está adorando, tem uma vilã daquelas bem malvadas. Vou tentar tirar uma foto dele pra ela”, diziam dois amigos na casa dos 20 anos em conversa entreouvida pela reportagem. Eles conseguiram a foto.

Com ou sem IA, Walcyr gosta mesmo de escrever cercado por livros. “Tá vendo aqui em volta de mim?”, ele pergunta, mostrando pelo vídeo a sala com pilhas e mais pilhas de livros. “É uma coisa psicológica, eu me sinto bem para criar aqui”. Sua história não o deixa mentir. O escritor é de longe um dos que mais produzem na atualidade. Está em sua 21ª novela, escreveu oito séries, 15 peças de teatro, dezenas de livros e outras muitas traduções e adaptações. Capaz de conduzir a teoria centenária do formalismo russo para o mundo contemporâneo e salpicar com um charme do interior de São Paulo, ele se transformou em uma verdadeira máquina de escrever. O público segue maravilhado, à espera do próximo capítulo. Ou do último, quando geralmente há um casamento, tanto na lista escrita por Propp há 100 anos quanto em qualquer novela brasileira.

Um autor, múltiplas tramas

1. **“Cortina de Vidro” (1989), SBT:** na primeira novela, Walcyr tinha como cenário o Edifício Dacon, em São Paulo, e Sandra Annenberg como protagonista, em sua única novela.

2. **“Xica da Silva” (1996), Manchete:** Walcyr trabalhava no SBT e assinou essa novela com o pseudônimo de Adamo Angel. A trama se passa no século 18 e retrata questões do Brasil colonial e escravagista. A protagonista era Taís Araújo, em sua estreia.

3. **“Amor à Vida” (2013), Globo**: estreando no horário das 21h, Walcyr fez história com Félix, de Mateus Solano, e o beijo entre dois homens de que todo mundo se lembra como o primeiro a ir ao ar.

4. **“Verdades Secretas” (2015), Globo:** no horário das 23h, Walcyr explorou uma trama com mais sexualidade e violência.

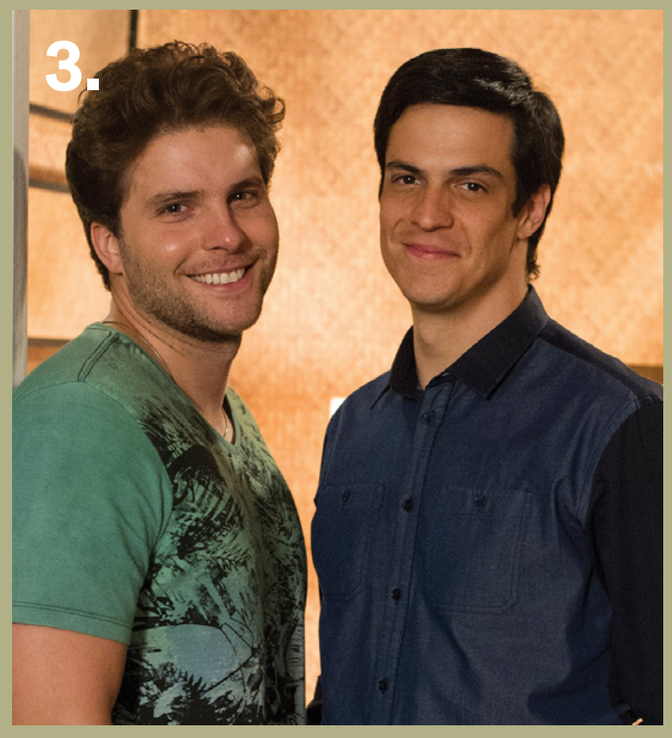
5. **“Êta Mundo Bom!” (2016), Globo:** de volta ao horário das 18h e ao universo rural, Walcyr explora o humor e as tramas mais leves, encantando com a pureza do Candinho de Sergio Guizé. V



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



ESTEVAM AVELLAR/GLOBO DIVULGAÇÃO



ESTEVAM AVELLAR/GLOBO DIVULGAÇÃO



JOÃO COTTA/GLOBO DIVULGAÇÃO

Denise Stoklos Indomável e essencial

TEXTO MIGUEL ARCANJO PRADO

LUCAS SEIXAS/FOLHAPRESS

A atriz paranaense fala oito idiomas para poder se comunicar melhor com suas plateias ao redor do mundo e acredita que o teatro é a arte do futuro por preservar a humanidade e o olho no olho

Denise Stoklos está sozinha no Teatro Vivo, em São Paulo. É início de noite e logo mais ela sobe ao palco para encenar seu solo "Mary Stuart", décadas depois da primeira apresentação, em 1987, em Nova York. Sem perceber que está sendo observada por mim, ela repete gestos, relembra o texto, se aquece. Em um mundo tão acelerado, nada mais humano do que o respiro que o teatro propõe. Uns minutos depois, ao perceber minha presença, ela abre um sorriso como quem convida que eu me aproxime. Dona de um completo domínio de corpo e voz, evidente em qualquer espetáculo, a artista fala de modo consciente, como alguém que sabe tudo de linguagem e estudou com afinco cada detalhe da expressão. Não é por acaso que já tenha apresentado aquele mesmo espetáculo em dezenas de países e idiomas diferentes. Mas quem ganha o mundo precisa sair de algum lugar.

Aos 76 anos, a atriz parece trazer de volta aquela menina nascida na cidade de Irati, hoje com pouco mais de 50 mil habitantes, no interior do Paraná. Ali, ela era uma criança que gostava de se apresentar para os familiares, com talento que já impressionava a todos. Denise lembra que era uma menina indomável e que tinha prazer em analisar e recriar o mundo ao seu redor. Nos anos 1950, no picadeiro do circo e nas projeções da lendária produtora Atlântida nas telas de cinema, onde reinavam Oscarito, Ankito e Dercy Gonçalves, via um reflexo de algo que já pulsava dentro de si. Ali, naquele jogo mambembe, destituído de divisões de classes, ela compreendeu a potência política do riso e do deboche contra o status quo das elites, a quem sempre contestou. Conta,

"Entendi que minha arte só acontecia na profundidade do palco e no encontro com uma plateia viva, um ator vivo, o público vivo."

inclusive, que na infância, após assistir a um filme de faroeste, "voltava para casa encenando, simultaneamente, o mocinho, o bandido e o cavalo", como sua mãe sempre lembrava. Essa maleabilidade física e vocal acompanhou-a no colégio interno, onde as próprias freiras, paradoxalmente, a convocavam nos dormitórios só para que ela fizesse imitações hilárias dos padres e da liturgia.

Foi cursar Ciências Sociais e Jornalismo em Curitiba, e a formação acadêmica serviu de estofo intelectual para a urgência do palco. O medo juvenil de "montar um Bertolt Brecht errado" fez com que escrevesse suas próprias dramaturgias. Assim, se assumia como criadora independente e senhora daquilo que faz. No emblemático ano de 1968, aos 18 anos, estreou profissionalmente na capital paranaense e começou a criar seus próprios grupos de teatro e textos para ter mais liberdade. O Rio de Janeiro surgiu em sua vida ao entrar para a peça "Missa Leiga", que questionou a ditadura, sob a direção de Ademar Guerra e na qual contracenou com a lenda Sergio Britto. Nos anos 1970, em São Paulo, mergulhou no universo de Nelson Rodrigues pelas mãos de Antunes Filho, e fez colaborações fundamentais com os irmãos Luís Antônio Martinez Corrêa e Zé Celso Martinez Corrêa.

Também trabalhou com alguns dos nomes mais icônicos do teatro brasileiro no século 20, bebendo dos grandes mestres como os diretores Ademar Guerra, Zbigniew Ziembinski e Antônio Abujamra.

Um oceano de mímicas essenciais

O sufocamento provocado pelo regime militar no final dos anos 1970 levou Stoklos a buscar o oxigênio criativo em um autoexílio. Em Londres, em 1977, mergulhou na sutileza expressiva da mímica, e o encontro com Desmond Jones revelou-lhe a disciplina da linguagem corporal. Depois, foi para a Costa Leste dos Estados Unidos e, em São Francisco,

---

"Acreditava que era no teatro que se exercia o sacerdócio de trazer o reflexo para a plateia. O teatro não conduz para lugar nenhum, mas atiça para que o público se encontre consigo mesmo e se renove."



LUCAS SEIXAS/FOLHAPRESS

sob a tutela de Leonard Pitt, encontrou a fusão definitiva entre a mímica e a voz. Estavam lançadas as sementes do que ela viria a batizar de “teatro essencial”: uma manifestação em que o intérprete prescinde de artifícios cenográficos e se torna o veículo absoluto da comunicação, unindo corpo, voz e pensamento. Formulação que a torna objeto de estudo das escolas de artes cênicas. Denise Stoklos virou cânone em vida.

De volta ao Brasil em 1980, criou o “Denise Stoklos: One Woman Show”, solo que plantaria as bases de sua trajetória. Logo depois, foi para o Uruguai, em 1986, onde apresentou o solo dirigido por Antônio Abujamra, “Um Orgasmo Adulto Escapa do Zoológico”. Foi ali que aconteceu a oportunidade que mudaria sua vida. A diretora norte-americana Ellen Stewart viu a peça em Montevidéu e a convidou para fazer residência artística no prestigiado Teatro La MaMa, em Nova York. Ela topou e fez o texto de “Mary Stuart” em inglês — uma encenação que se mantém atual há quase 40 anos. Estar



FLIP DIVULGAÇÃO



ARIEL CAVOTTI/DIVULGAÇÃO

No palco da Flip, em 2026; e em cartaz no Teatro Vivo

em Nova York na década de 1980 a transformou em uma embaixadora do teatro brasileiro. Por isso, já apresentou sua arte em mais de 33 países e nos oito idiomas que aprendeu para poder se comunicar com as plateias internacionais, navegando entre português, inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, russo e ucraniano.

Consagração em Nova York

Essa maturidade técnica culminou em um dos grandes momentos das artes cênicas brasileiras no exterior. O La MaMa era um espaço efervescente onde reinavam nomes como Andy Warhol e Madonna, passando pelo criador cênico Bob Wilson. A ideia inicial de seu espetáculo era adaptar um texto da italiana Dacia Maraini sobre o embate entre Mary Stuart e Elizabeth I, primas que foram rainhas da Escócia e da Inglaterra, respectivamente. Contudo, isolada em uma sala de ensaios por três meses, a solidão do palco operou uma metamorfose: Stoklos aboliu o texto original, assumiu a persona das duas rainhas rivais e inseriu a si mesma como narradora de um depoimento contundente sobre o poder e a liberdade. E, como fazia desde os tempos de Curitiba, assumiu as rédeas do texto e da encenação.

A estreia ocorreu exatamente quatro séculos após a execução histórica da rainha Mary e a aclamação foi imediata. A primeira página do The New York Times reverenciou a ousadia daquela brasileira que preenchia o vazio do palco com uma expressividade avassaladora. Seguiu-se o Festival de Edimburgo, na Escócia, onde o The Observer apontou sua

performance entre as melhores das mais de 500 produções. O mundo abria-lhe as portas. A universalidade do seu "teatro essencial" permitiu a Denise ultrapassar fronteiras geográficas e linguísticas. A atriz não apenas se apresentou em dezenas de nações, mas fez questão de encenar seus espetáculos nos idiomas locais, submetendo-se a um rigoroso aprendizado fonético para dominar as nuances textuais.

"Teatro é arte do futuro"

Embora seu habitat natural seja atuar, Denise tem estendido sua assinatura estética para o corpo de outros artistas. Em parceria com Alessandra Maestrini, com quem divide atualmente a vida e a arte, dirigiu recentemente Gabriela Duarte em "O Papel de Parede Amarelo e Eu" e o espetáculo "Nietzsche, do Cavalo Nada Sabemos", com João Paulo Lorenzon, que estreou no Festival d'Avignon, na França. As duas também devem atuar em "Amanhã", futura peça de Miguel Falabella sobre inteligência artificial. Ainda encenou, neste segundo semestre de 2026, sob direção de Maestrini, o solo "Dalton Trevisan, Que Tinha Um Cachorro", sobre o escritor conterrâneo, grande nome da intelectualidade paranaense. O projeto possui uma forte carga afetiva e biográfica. Sua irmã, a psicanalista Dayse Stoklos, atuou por anos como uma colaboradora secreta do chamado "Vampiro de Curitiba", fornecendo-lhe fragmentos de histórias ouvidas no cotidiano, que o autor reescrevia sob sua ótica particular.

Para Denise, em um mundo mediado por telas e inteligências artificiais, o teatro ganha força com sua proposta tão humana de coabitação do mesmo espaço-tempo entre ator e espectador. Ela encara como um sacerdócio ao exercer, cotidianamente, o milagre da presença cênica única, cúmplice e efêmera, como é a própria vida. "O teatro é o lugar onde a humanidade ainda consegue se olhar nos olhos, ele conserva a essência do humano. O teatro é a arte do futuro", define. Por isso, segue fiel ao encontro em carne e osso com o seu público, que define como "teatro essencial", aquele que abre mão das parafernálias técnicas, cenográficas e de indumentária para se concentrar no que o ator tem de melhor a oferecer: ele próprio. V

THE START OF SOMETHING NEW

OFICIALMENTE NO BRASIL



SAIBA MAIS

CADILLAC

Desacelere. Seu bem maior é a vida.

A tradição de **Paulinho da Viola** segue moderna

TEXTO LUCIANA BUGNI

FOTOS LOIRO CUNHA

O cantor e compositor soma mais de seis décadas de carreira e, com elegância, mantém o samba brasileiro sempre renovado

A conversa é entre dois amigos que não se veem há algum tempo e se encontram no trânsito. “Eu vou indo correndo pegar meu lugar no futuro, e você?”, pergunta um deles. “Eu vou indo em busca de um sono tranquilo”, responde o outro. É “Sinal Fechado”, canção composta por Paulinho da Viola em 1969, mas o diálogo filosófico entre conhecidos que se desculpam pela pressa poderia ter acontecido ontem, em um encontro fortuito no restaurante perto da empresa, no elevador ou em mensagens que penderam para o tom existencial no WhatsApp.

A música venceu o Festival da Record naquele ano, pautou conversas e mudou o comportamento das pessoas na época. A crônica de dois indivíduos que se veem no trânsito, querem conversar, mas a alma dos negócios não permite andar a menos de 100 km/h foi criada para poetizar um pouco o universo de tensão dos encontros nos tempos da ditadura. 60 anos depois, Paulinho permanece atual. Nas rodas de chorinho que seguem vivas e rejuvenescendo no Rio de Janeiro, nas declarações de amor pela Portela que deixam levar muitos corações em rodas de samba e nos festivais de música lotados de um público que não havia nascido quando ele compôs boa parte de seus sucessos.

“Paulinho faz um samba reflexivo, que é sempre uma crônica da vida do sambista, mas é quase filosófica, característica que poucos sambistas têm. Só um poeta reflexivo diria que a solidão é lava que cobre tudo”, diz Muniz Sodré.

O rio azul e branco que passou em sua vida

O interesse do cantor pela música começou dentro de sua casa, em Botafogo, nos anos 1940. O pai de Paulinho, César Faria, era violonista do conjunto "Época de Ouro", e por isso o samba e o choro eram a trilha sonora da residência, que recebia visitas frequentes de nomes como Jacob do Bandolim e Pixinguinha. Quando Paulo ainda era criança, arriscou-se em um microfone por ali entoando um samba. "Ih, ele tem ritmo", alguém falou. Estava sentenciado. "O capricho pela busca do som e o apreço pela tradição musical, ele herdou de seu pai", diz Eduardo Granja Coutinho, autor de "Velhas Histórias, Memórias Futuras: o Sentido da Tradição em Paulinho da Viola".

Na adolescência, tal apreço recebeu o incentivo do carnaval de rua de Botafogo e de Vila Valqueire, bairro da Zona Oeste onde vivia uma tia. Participou de blocos e ajudou a organizar a folia no fim dos anos 1950. Contudo, apesar do universo convidativo das artes estar na porta da cozinha, o pai não queria que o filho seguisse carreira musical. A determinação foi que ele trabalhasse em um banco. Foi "salvo" pelo compositor Hermínio Bello de Carvalho, que o conhecia da casa de Jacob do Bandolim e chegou ao banco determinado a tirá-lo do universo contábil. "Larga isso enquanto você é jovem", ele ordenou, e o levou ao Zicartola, o lendário bar de Dona Zica e Cartola. "Ele é sucessor do Cartola e tem a sua sofisticação harmônica", diz o sociólogo Muniz Sodré, que conhece Paulinho há décadas. Ali era comum ver Nelson Cavaquinho, Zé Keti e Sérgio Cabral, a quem o então Paulo César acompanhava no violão e cavaquinho. Ganhou então o apelido "da Viola".

A discrição de suas interpretações só chegou a Madureira em 1963, quando ele foi levado pelo diretor de bateria Oscar Bigode para conhecer a Portela e descobriu na quadra da escola um novo mundo. Em 1966, já era o compositor do samba-enredo vencedor do carnaval "Memórias de um Sargento de Milícias". Em 1968, tinha participado da 1ª Bienal do Samba, da TV Record de São Paulo, classificando "Coisas do Mundo, Minha Nega" em 5º lugar. Mas o estouro mesmo veio ao vencer o Festival com "Sinal Fechado", em 1969, quando uniu seu refinamento musical com a necessidade de se posicionar politicamente, agradando o público e chamando

1.



ARQUIVO NACIONAL/DIVULGAÇÃO

2.



ANTONIO MOURA / AGÊNCIA O GLOBO

3.



JOSÉ DOVAL / AGÊNCIA O GLOBO

4.



FERNANDO MAIA / AGÊNCIA O GLOBO

5.



DIVULGAÇÃO

1. *O cantor, em abril de 1970;* **2.** *Em 1984, em show com seu pai, César Faria* **3.** *Nos anos 1980, em casa, com os sete filhos;* **4.** *No desfile da Portela, com o enredo "Gosto que me enrosco", em 1995, com Beth Carvalho;* **5.** *Com Bethânia, em documentário de 1969*

a atenção pela elegância. “Eu acho que é uma coisa de família. O pai dele também era muito elegante. A família de classe média negra aqui do Rio mantém a distinção e me lembra Ataulfo Alves, que se vestia como quem estava indo para um casamento”, diz Muniz. O amigo reflete que a característica mais notória de Paulinho não é só indumentária, já que ele nem anda engravatado, mas gestual. “Pixinguinha também tinha esse jeito, a maneira moderna de cantar e de falar o samba. Paulinho é um inovador e segue atual com a harmonia sofisticada”, diz. De fato, até o “No Pagode do Vavá”, sua composição de 1975 em que “nego tirava o sapato, ficava à vontade e comia com a mão”, tem um quê refinado.

A memória e a sabedoria popular conservadas

Na série documental “Noites de Festival”, Tárik de Souza diz que o que Paulinho faz não é apenas um samba, é uma música erudita inovadora em que a letra comenta o que está acontecendo na melodia. É essa tradição com ares modernos que dirige a obra de Paulinho até hoje. Em agosto de 2026, quando ele e Maria Bethânia lotaram o festival Doce Maravilha, no Rio, havia gente de muitas gerações na plateia. E a energia lembrava a do documentário “Saravah”, do francês Pierre Barouh, de 1969, em que os mesmos dois artistas, então jovens, estavam sentados em uma mesa de bar na praia bebericando uma cerveja enquanto lembravam um ao outro de sambas antigos. O vídeo viraliza até hoje, mais de 50 anos depois.

Esses ares modernos do samba de Paulinho também se voltaram para a valorização de quem veio antes. Ele foi um dos responsáveis, em 1970, por criar a Velha Guarda da Portela, grupo com nomes como Monarco e Manacéa, que começaram a fazer sucesso fora das quadras da escola e do universo do samba. “Não sei se você sabe, mas eu sou um autor de escola de samba”, ele diz para Pierre, o diretor francês. “Na cultura popular, aquele grupo se comunica com milhares de pessoas e isso não existe em lugar nenhum. É o

---

“Ele é inspiração para essas pessoas todas que vieram depois. Aos 84 anos, virou um ícone quase ancestral”, afirma Muniz Sodré.

povo organizado por um ano inteiro para fazer um espetáculo. Todo ano tenho esse compromisso com a escola", completa. É de 1970 a declaração de amor à Portela "Foi um Rio que Passou em Minha Vida", seu maior sucesso. Pouco depois, em 1974, se afastou do dia a dia da escola, mas seguiu compondo sambas e gravando discos em carreira solo, em uma de suas épocas mais criativas, com canções como "Argumento", em que pede para que não mudem o samba tanto assim, com voz mansa, "Dança da Solidão", que virou sucesso de novo nos anos 1990 com Marisa Monte, "Onde a Dor Não Tem Razão", e muitas outras letras e melodias. "São esses acordes com melancolia sutil que formam uma tensão delicada. As letras ricas na voz contida, sussurrada, colaboram para a atmosfera de elegância que falamos antes", define Muniz Sodré.

De lá para cá, até um acústico MTV ele gravou, em 2007. Quando completou 70 anos de idade, em 2012, fez shows no Rio de Janeiro e em Nova York.

Os jornais americanos o apresentaram como "o maior sambista vivo do Brasil". O professor Eduardo Granja Coutinho afirma que frequentemente novos artistas são lançados no labirinto do mercado, devorados e expelidos rapidamente. "Há, no entanto, os que, como Paulinho da Viola, não se perdem no modismo fácil. Por mais que percorram espaços novos, voltam, pois sabem de onde vieram. Seu futuro está ligado ao passado", diz.

O antes e o futuro cruzados

Uma das provas de que tudo se renova, à luz da tradição, são as mais de 40 rodas de choro que seguem atualmente no Rio de Janeiro, em um "quando penso no futuro não esqueço meu passado" literal. Se a casa em Botafogo era animada pelos amigos do pai nos anos 1950, a história seguiu seu curso da mesma forma. No palco, Paulinho trabalha com seus filhos, a cantora e o violonista Beatriz e João Rabello, retomando os sambas de décadas atrás.

No documentário "Paulinho da Viola — Meu Tempo é Hoje" (2003), fica claro que esse ambiente musical doméstico de Paulinho nunca se perdeu. Dançar na sala com a mulher, Lila, cantar com os filhos, ficar longas horas à mesa do café da



manhã falando de todos os assuntos é rotina. Zuenir Ventura, falecido recentemente, foi um dos roteiristas do filme e disse em entrevista para Fabíula Nascimento no programa "O País do Cinema" que Paulinho, de perto, é normal. "Ele nasceu em Botafogo, une a Zona Norte, o asfalto e o morro, o popular e o erudito, o intelectual e o universal... é uma figura admirável", afirmou. O cantor ainda tem seus hobbies. Adora relógios, em uma metáfora precisa de como lida com o tempo, e vive às voltas com a marcenaria que, segundo ele, o ajuda a criar uma certa ordem interior. O hábito vem de muitos anos atrás. "Fazia coisas de marcenaria e madeira desde jovem. Quando eu e Lila casamos, fomos morar em Botafogo e eu fiz os armários e camas na rua Mena Barreto", ele relembra. Também coleciona carros antigos e gasta horas arrumando peças para conservá-los, fiel ao seu próprio tempo.

Paulinho sempre cita um verso de Wilson Batista, composto em 1967: "Meu mundo é hoje". Ele parece obedecer ao sambista à risca e, em setembro, antes da apresentação que fez no Teatro Vivo, exigiu um espaço para se concentrar, só com o violão. João e Beatriz afirmaram que ele faz isso em todos os shows. No palco, a voz mansa interpõe músicas com as histórias das composições e algumas piadas. O momento de relaxar veio depois dos aplausos finais, quando se divertiu com a família e a escritora Conceição Evaristo no camarim. Alegre, como aparece naquele documentário francês de 1969, com Bethânia na praia. O violão de Paulinho segue desde o bar de Dona Zica e Cartola e da quadra da Portela até atualmente, nas jovens rodas de samba e choro pelo Rio. O mundo é hoje. Mas, como há 57 anos, seguimos buscando o lugar no futuro ou, pelo menos, o sono tranquilo. Quem sabe? Quanto tempo. Pois é.

"Dizer que Paulinho da Viola preserva a tradição significa afirmar que o tempo passado se faz presente em sua obra não como algo cristalizado e sem vida, mas em permanente mudança, como vir a ser, como história. Quando ele pensa no futuro não esquece seu passado", diz Eduardo Granja Coutinho, estudioso de sua obra.

Eliana Alves Cruz

Feitiços, conjurações e o fabular

TEXTO MARIA CAROLINA CASATI

BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS

A linha de inspiração da escritora está na diáspora africana. Mas os fatos que a levaram a escrever vêm dos baús de familiares repletos de tesouros que desenham a história do país

A família de Eliana Alves Cruz tinha uma obsessão pela educação formal. Os pais fizeram tudo para que ela, que nasceu em 1966, tivesse acesso a bons colégios no Rio de Janeiro. Além disso, por ser apaixonado por literatura, seu pai, o advogado Eloá, tentava incutir nos filhos o gosto pelos livros e pela poesia, que costumava recitar em casa. À época, não havia referência de escritoras negras. Aos 16 anos, no começo dos anos 1980, Eliana se apaixonou por escritoras mulheres que estavam disponíveis, como Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles e Cecília Meireles. Mas o pai, que então trabalhava em São Paulo, descobriu na banca de jornais uma revista chamada "Ebony", feita para a população negra norte-americana. "Abriu um mundo para mim que eu não conhecia", ela conta.

Sua história é repleta de exceções. Os pais haviam concluído estudos universitários, algo que destoava do padrão de família negra de classe média carioca. Tinha ainda o privilégio de ter a bisavó Damiana viva em sua infância, para quem perguntava histórias de tempos mais antigos. "Ela só morreu em 1993, quando eu tinha 27 anos e, ao entrar na cabeça da minha bisavó velhinha na sua cadeirinha de rodas, imaginando o que ela estava pensando, e traduzindo isso em palavras, descobri muitas coisas sobre mim", afirma. A tia-avó Nunu, que viveu mais de 100 anos, também ajudou muito a concretizar esse

"Eu escrevo o que eu quero, no tempo que eu quero. Mas sou mãe, esposa, filha, amiga, irmã. E, embora eu ache que a solidão tem um lugar, a coletividade é importante."





À esq., com a tia-avó Nunu; acima, o afeto do pai Eloá

desejo de pesquisa. Aqui, então, entra a maior característica fora da curva da família Alves Cruz, já que a família tinha baús de objetos e documentos disponíveis para pesquisar sobre os antepassados, o que não é muito comum para descendentes de escravizados. “O Brasil tem um apagamento histórico enorme e proposital. Os brasileiros não sabem quem foram seus bisavôs”, frisa. Ela nem sabia que a família tinha tanto material, muito menos o que fazer com ele. “Acho que vamos ensinando o nosso olhar, despertando para o que é história e não nos damos conta”, diz. Descobriu o que era relevante guardar, ainda que fossem lembranças desagradáveis, como uma certidão de óbito, por exemplo. “Fui forçando os parentes a olharem para o passado de uma forma diferente e os baús começaram a se abrir. Apareceram fotos que eu nunca tinha visto, descobri antepassados que eu não sabia que existiam”, conta, animada.

A vida real no caminho

Daí para a ficção seria um percurso natural, mas no caminho tinha a vida real e a necessidade de pagar as contas. Quem

a vê hoje falando de sua história nem imagina que a maior parte da sua vida foi dedicada à comunicação empresarial, trabalhando com assessoria de imprensa de esportes aquáticos em Mundiais, Jogos Pan-Americanos e Olimpíadas. Em nenhum momento da carreira, no entanto, a história de sua família ficou esquecida. Foi apenas colocada em espera, na gaveta. Até que um dia, também por conta da realidade da vida, Eliana tirou férias por questões de saúde e começou, de fato, a escrever o livro. Era 2010 e foram seis anos de escrita e pesquisa até a publicação de "Água de Barrela", seu romance de estreia.

É aqui que entra o fabular, uma palavra comum em seu vocabulário. A autora pesquisou a própria família e inventou o que não sabia para preencher as lacunas deixadas pela história. Contar a saga dessas pessoas, para ela, é mostrar uma família que existe, uma forma de dizer para todos que temos história e berço. "Foi um processo complexo de reconhecimento da história pessoal. Graças a um título de eleitor de minha avó, de 1945, com o nome dela e de seus pais, descobri que eles foram escravizados por uma família que se chamava Tosta. Ali tem uma prova de voto de cabresto, já que a capa está indicando em quem votar", ela conta. Entre os tesouros, uma certidão de nascimento de um tio-avô, Aloísio Cruz, traduzida para o inglês, porque ele foi fazer mestrado nos EUA na década de 1950. Eliana não sabe mais detalhes dessa história, mas entende que ali está a prova de que um homem negro esteve em Nova York e garante que, se for até lá, pode encontrar o trabalho dele. "Também tenho uma foto de 1923, que tem mais de 100 anos. É de um parente com o uniforme da guerra. Isso vai vir em um próximo livro", afirma. Ainda que haja vestígios, não se pode precisar o que aconteceu naquela guerra. Ainda que tenhamos as fotos, o que essas pessoas sentiram? Como elas eram? É por meio da palavra da ficção que ela legitima existências.

Fabulação premiada

Vencedora (de novo) do Prêmio Jabuti em 2026 com "Meridiana", que trata da ascensão de uma família negra à classe média, ela já venceu o prêmio em 2022, com "Solitária".

E já levou um International Emmy Award, em 2024, pelo roteiro da série "Anderson Spider Silva". No audiovisual, atua em diversos projetos e já foi pesquisadora para Globo e Fox. Também é autora de livros infantis e os tempos de jornalista foram revisitados no programa "Trilha de Letras", na TV Brasil, em que fez entrevistas de 2024 a 2025.

Mas, apesar do sucesso todo, a própria Eliana mantém os pés no chão, bem ciente da realidade brasileira, de suas origens e do modo de viver dos seus antepassados pós-abolição, que pautam muito a maneira como o povo brasileiro vive hoje. "Não tem quem me convença de que quem trabalha o dia todo, demora horas nos deslocamentos, chega a uma casa de menos de 20 metros quadrados e não tem assegurados os direitos básicos é feliz", diz.

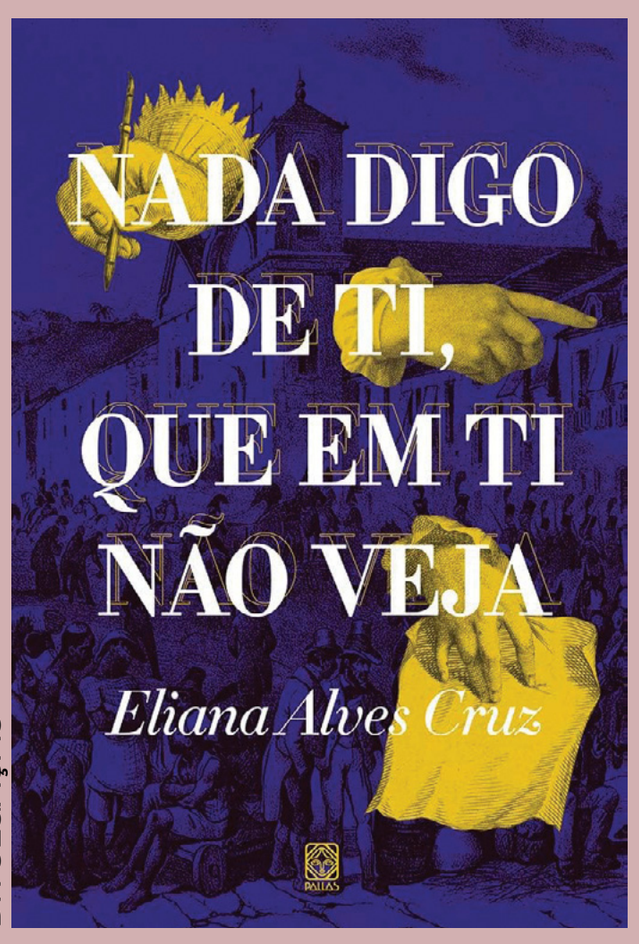
Trama em segredo

A palavra de Eliana Alves Cruz não apenas fabula. Ela também conjura, verbo que remete às pessoas escondidas combinando algo, com caráter de encantamento ou feitiço feito por mulheres. "Trama em segredo seus planos...", Eliana cantarola Paulinho da Viola para explicar. A conjuração, ela diz, vem da palavra. Quando começou a se interessar por literatura lá nos anos 1980, jamais imaginou que
haveria tantas pessoas negras publicadas. "Temos prêmio Jabuti e escritora na Academia Brasileira de Letras! Como diz a música do Nei Lopes: 'cuidado com a gente, que a gente é perigoso!'", ela ri enquanto fabula, conjura feitiços e materializa histórias com a habilidade de colocar alguma magia para transformar o real em inventado.

"Não brigo com o tempo, me angustia muito a pressa que as pessoas têm, querendo fazer tudo na hora que querem. Eu tenho meus prazos. Sou uma pessoa inquieta, irônica e debochada com a vida. Não me levo tão a sério assim."

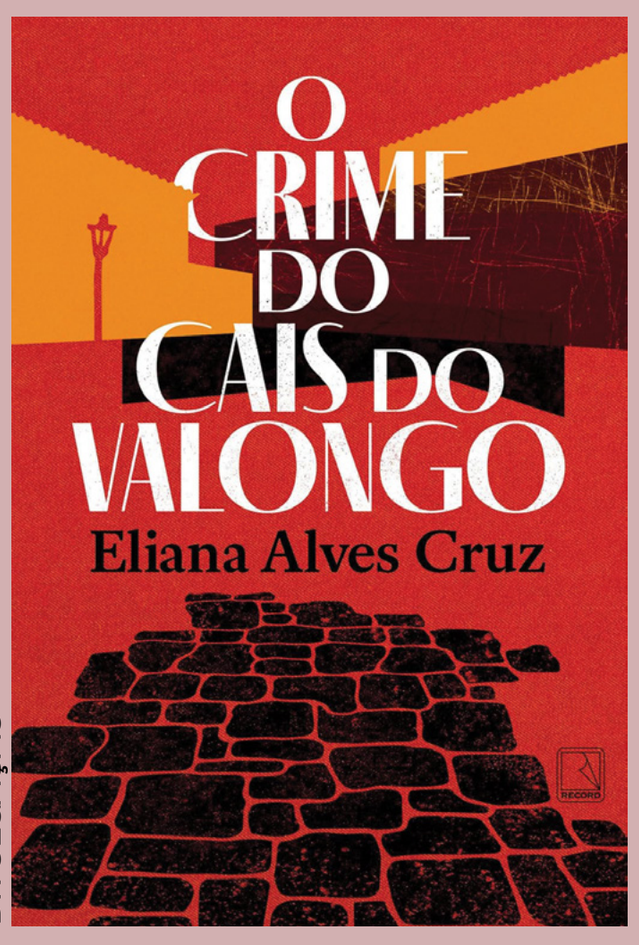
INVENTAR O QUE NÃO SABEMOS

Os períodos históricos nos romances de Eliana



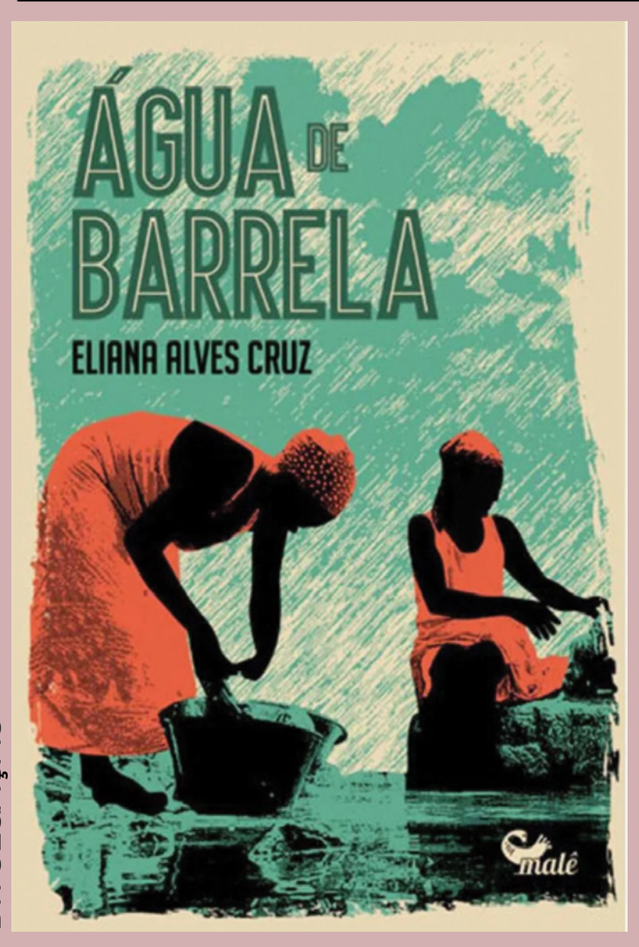
DIVULGAÇÃO

No Rio de Janeiro de 1732, cartas anônimas ameaçam revelar segredos de famílias ricas. Vitória, uma mulher escravizada trans, vive um amor impossível com um homem branco, em "**Nada Digo de Ti, Que Em Ti Não Veja**" (Pallas Editora, 2020).



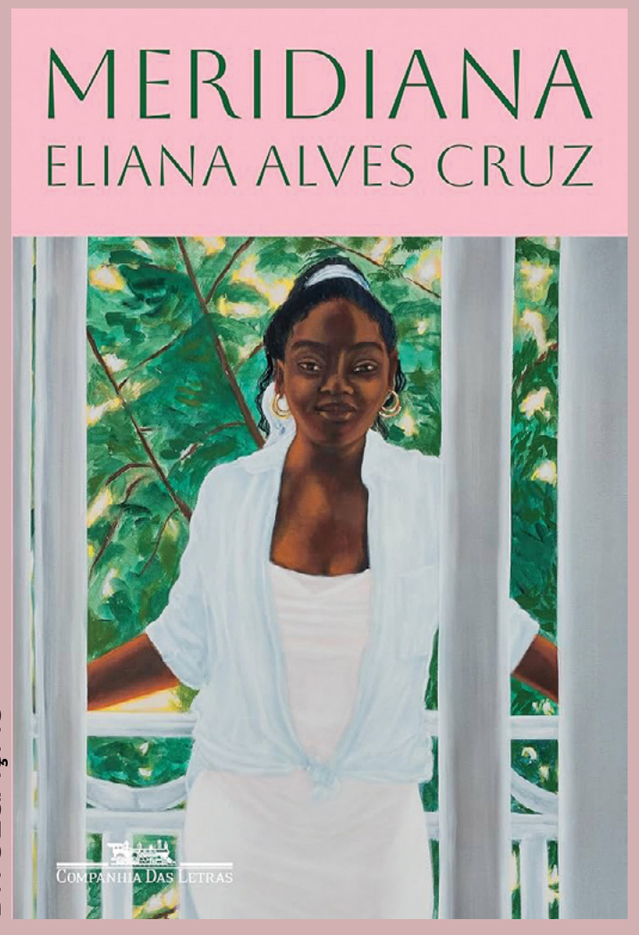
DIVULGAÇÃO

Em "**O Crime do Cais do Valongo**" (Record, 2026, com primeira edição em 2018, pela Malê), no início do século 19, um homem é assassinado e a suspeita recai sobre os três escravizados que trabalhavam para ele.



DIVULGAÇÃO

Em 1849, dois membros de um mesmo clã africano são embarcados escravizados para o Brasil, no Recôncavo Baiano. O livro é "**Água de Barrela**" (Malê, 2016), em que as várias gerações de mulheres que surgem depois vivem como lavadeiras para sobreviver.



DIVULGAÇÃO

Nos dias de hoje, em "**Meridiana**" (Companhia das Letras, 2025), Aurora e Ernesto sonham em sair da favela e entrar na classe média, criando filhos prósperos, exemplares e respeitados, apesar das dificuldades.

MARIANA AYDAR E O PRESENTE DO REI DO BAIÃO

TEXTO LUCAS VASCONCELLOS

FLORA NEGRI/DIVULGAÇÃO

Com duas décadas de palcos, cinco álbuns e um Grammy Latino, Mariana Aydar revisita o inusitado apadrinhamento de Luiz Gonzaga, sua relação com a música brasileira e a experiência de criar uma filha adolescente

Certos presentes carregam significados que só o tempo revela. Mariana Aydar nasceu em São Paulo e cresceu em uma casa musical, cercada por nomes importantes da MPB. Filha de Mário Manga, integrante do grupo Premeditando o Breque, e de Bia Aydar, produtora de artistas como Lulu Santos, ela viajava desde muito nova pelo Brasil, acompanhando a mãe no trabalho, em uma infância cheia de encontros inusitados. Um deles aconteceu em 1986, quando conheceu Luiz Gonzaga, em São Paulo, e ganhou do Rei do Baião uma boneca quase do seu tamanho, comprada no Shopping Iguatemi. O presente veio acompanhado de um disco do cantor, e aquilo tudo parecia ter sido feito para ela. "Também tomamos um sorvete e fiquei apaixonada por aquele homem", relembra.

Foi com esse apadrinhamento majestoso que nasceu o interesse da então garotinha pelo ritmo nordestino. Na adolescência, diferentemente dos amigos que encaravam baladas eletrônicas, Mariana encontrava nos salões de forró um senso de pertencimento. "O ritmo entrou na minha vida pela porta da frente, como um destino mesmo. Era o meu lugar na música brasileira", diz. A carreira começou anos depois, no início dos anos 2000, aos 20 anos, quando foi

backing vocal de Miltinho Edilberto e de Daniela Mercury, durante o carnaval de Salvador. Desde então, já transitou do axé à MPB, mas é ainda pelo forró que o coração de Mariana bate de uma maneira especial. Tanto amor deu origem ao show lançado em 2025, o "Xamego Levante". Hoje, aos 46 anos, ela tem uma trajetória de mais de 20 anos na música, lançou cinco discos, um documentário e ganhou um Grammy Latino. "O forró me transformou e continua me energizando", pontua.

Os versos de "Xote Destino", lançada no ano passado, revisitam justamente a origem dessa trajetória: "O destino escolhido por mim/ E todo destino é só seu/ Foi um presente que ele me deu/ A boneca de criança/ O gosto da zabumba/ Sanfona dando o tom até raiar o dia/ O baião cantando em versos sua poesia".

Vidas conectadas

Em 2013, Mariana se tornou mãe de Brisa e a experiência foi um divisor de águas em sua vida. "A maternidade me mudou como um todo, inclusive como artista. Eu achei o timbre e a voz que eu queria colocar no mundo depois que minha filha nasceu. Eu tomei as rédeas da minha carreira. Pensei: 'agora não sou só eu. Tem uma pessoa que depende de mim'", explica. Tanto que a distância, quando viaja para shows pelo Brasil, deixa marcas inevitáveis. "Quando fico longe da minha casa, me dói muito". No entanto, ela concilia as obrigações enquanto lida com os dilemas da adolescência da filha, hoje com 13 anos. "A gente conversa sobre tudo, eu confio na conexão que tenho com a Brisa, é um laço forte", diz, enquanto cita o desafio de criar filhos em tempos de redes sociais. Porque, por mais que ela não permita que a filha tenha contas em seu nome, entende que as amigas têm perfis nas redes e Brisa acaba se conectando. "No Spotify, ela ouve músicas que eu não admiro, e fico muito preocupada. Inclusive, a gente está conversando muito sobre isso, porque são letras que subestimam a mulher,

---

"Eu tive a grande sorte de nascer em uma casa musical. Aprendi muito observando meus pais. Ver a paixão e o respeito que eles têm pela música foi uma grande inspiração."



DIVULGAÇÃO



ARQUIVO PESSOAL

Em sentido horário, com Mestrinho, em 2024; depois de ganhar o Grammy Latino pelo álbum "Mariana e Mestrinho"; com a filha Brisa

que não combinam nada com o que eu ensinei para ela", reflete, apreensiva.

Olhar para o futuro

Mariana traz novidades para os fãs: no final do ano será lançado seu sexto disco, que ainda não tem título. Mas o primeiro single do novo trabalho, "Vai Dar Certo", já está disponível nas plataformas. A canção, composta por ela, é uma parceria com Tato, conhecido como vocalista da banda de forró Falamansa. "Os versos trazem uma mensagem de esperança, acolhimento e otimismo pé no chão, transformando a ideia de seguir em frente em um mantra de fé, leveza e celebração. Minha inspiração vem da vida mesmo. Às vezes é um gesto que alguém fez no dia, algo que te doeu e que você precisa colocar para fora", diz. E, mesmo entre tantas realizações, ainda guarda sonhos. Um deles é cantar até a velhice, para continuar experimentando o prazer de transformar sentimentos em algo compartilhado. V

"Minha discografia é muito sincera. Vejo uma artista apaixonada pelo seu país, pela sua música."

JOHNNIE WALKER

Blue Label

APRECIE COM MODERAÇÃO. NÃO COMPARTILHE COM MENORES DE 18 ANOS.



Os caminhos cruzados de **Ferran Adrià e Helena Rizzo**

TEXTO REDAÇÃO VELVET
FOTOS LOIRO CUNHA

O catalão mais revolucionário da gastronomia veio ao Brasil cozinhar com Helena Rizzo no Maní, em evento inédito, preparado com um toque de tecnologia

Aos 20 e poucos anos, no comecinho dos anos 2000, Helena Rizzo tinha acabado de chegar a Barcelona, onde trabalhou como estagiária de gastronomia e fazia serviços de catering. Uma tarde, foi a uma livraria na Rambla de Catalunya só para folhear um título de Ferran Adrià que havia acabado de ser lançado, já que não tinha dinheiro para comprá-lo. Na faixa de pedestres, à espera para atravessar, cruzou inesperadamente com o próprio autor. Tímida, deixou-o passar sem dizer nada.

Antes mesmo de ter provado suas invenções, Helena já tinha Adrià como uma referência. Foi ele quem virou a cozinha mundial de ponta-cabeça e fez a dela rodopiar. Um dos cozinheiros mais relevantes da história contemporânea da gastronomia, ele proporciona à mesa deleites desconhecidos, impressões insólitas e sobressaltos. Tem a capacidade de transformar o ato de comer em um prazer para os sentidos e para o intelecto. Sua revolução mudou a maneira de conceber, produzir e servir comida. À época em que esteve à frente do elBulli, restaurante na costa catalã eleito cinco vezes o melhor do mundo pelo ranking The World's 50 Best Restaurants, Adrià ajudou a transformar a cozinha em um campo de investigação, no qual técnicas, ingredientes e conceitos passaram a ser continuamente questionados. Para ele, criar é uma maneira de perceber o que nem todo mundo percebe e, para isso, manter-se inquieto é condição sine qua non. "Se você não tem entusiasmo, não vai fazer nada. Isso vale para a vida. Entusiasmo, paixão e, no final, obsessão", afirma.

Helena diz ter aprendido a combinação entre rigor e liberdade, valores que marcaram sua formação como cozinheira na temporada na Espanha, lugar onde entendeu que era isso que queria fazer da vida, justamente pelo entusiasmo enorme que havia na cena. "O que vejo na cozinha de Adrià é a persistência e o perfeccionismo", ela diz. Sua observação a levou a contrastar tais valores com a informalidade, que também é característica da escola espanhola, em que "há uma descontração no fazer, no errar e no repetir".



O tartar de tomate de Helena, mais fresco e ácido, na companhia de jabuticaba e tagete, uma planta herbácea da mesma família do girassol

Adrià também demonstra certa nostalgia da efervescência criativa que marcou a gastronomia espanhola nas décadas de 1990 e 2000. “Era uma época muito bonita. Havia muito entusiasmo”, recorda. Segundo ele, os encontros entre cozinheiros eram menos numerosos e as conversas giravam sobretudo em torno da criação culinária. “Antes, quando nos encontrávamos, falávamos de cozinha. Agora só se fala de negócios”, diz o chef.

Um tempo depois do encontro fortuito na calçada, Helena Rizzo já estava estabelecida na Espanha e foi conhecer o restaurante do ídolo. Ela se lembra até hoje dos ruídos do elBulli. A percepção sinestésica sobre a comida de Ferran Adrià ficou grudada na chef e a levou à primeira receita do Maní, restaurante que ela abriu no Brasil, em 2006. O polvilho, uma entrada de estrutura leve, delicada e crocante, fazia um certo auê ao servir, em que barulho, bagunça e umas migalhas espalhadas pela mesa para descontrair eram bem-vindos.

Mais tarde, no Brasil

Em 2008, nessas voltas que o mundo dá, Helena cozinhou para seu ídolo. Adrià esteve no Maní com outros chefs da vanguarda espanhola, como Juan Mari Arzak, Martín Berasategui e Joan Roca, em uma visita que coincidiu com o início dos menus degustação da casa. Ela se lembra de ter servido um tartar de vieira com leite de amendoim e caramelo de cardamomo, e um tutano assado acomodado em um pedaço de pupunha.

Cozinhar para Adrià, porém, é uma coisa. Cozinhar com ele, outra. Em outubro de 2026, fizeram juntos um menu pela primeira vez, no Maní, em um jantar promovido pela Vivo para convidados. “Não se trata de fazer um jantar a quatro mãos, um formato que, pessoalmente, não me convence muito, mas de realizar um trabalho de curadoria”, explica o catalão. Esse trabalho curatorial é semelhante ao que realizou no primeiro semestre com Mauro Colagreco, chef três estrelas Michelin, do Mirazur, na França. “O que fiz foi obrigá-lo a conhecer a si mesmo”, ele diz, sem modéstia.

Houve algo semelhante no trabalho com Helena, que enviou a Adrià uma seleção de 30 pratos do arquivo do Maní. Ele escolheu alguns, associou-os a criações de seu repertório e devolveu sugestões. Vieram receitas, perguntas e novas propostas por e-mail, até uma reunião por vídeo para amarrar os detalhes. Ao final, o menu exclusivo privilegiou pequenas porções, em duplas e trios, de preparações associadas por ingredientes e técnicas. Foi nesse jantar que Adrià provou pela primeira vez alguns dos componentes do cardápio. Encantado, disse que a biodiversidade é um instrumento de diferenciação gastronômica. “Se eu fosse brasileiro, faria 90% da minha cozinha com produtos brasileiros”, diz. A afirmação não significa que ele defenda uma cozinha nacionalista ou fechada às influências externas. Ou seja, não se trata de uma posição radical. Seu argumento é que a singularidade está, em grande medida, naquilo que cada lugar pode oferecer e que não existe em outros lugares. Sua opinião dialoga com o trabalho que Helena já realiza há 20 anos em seu Maní. Hoje, todas as suas empresas contam com mais de 450 funcionários e outras sete operações. No paralelo desse microcosmo, ela ainda é jurada do MasterChef, da Band.

A sobremesa nasceu de outra associação. Adrià propôs uma leitura com frutas do gargouillou, composição de vegetais, ervas e flores de Michel Bras, chef francês que revolucionou a cozinha vegetal contemporânea, que despertou em Helena dois pensamentos. Primeiro, as frutas da Mata Atlântica, como pitanga, jabuticaba, goiaba e afins. Depois, lembrou-se de Anarquia, sobremesa de Jordi Roca que conhecera quando trabalhou no El Celler de Can Roca, na qual cremes, gelatinas, crocantes e especiarias permitem a cada pessoa inventar combinações a cada colherada

Tecnologia (quase) sempre presente

Quando o elBulli fechou, em 2011, Adrià já havia mudado os rumos da gastronomia. Em vez de abrir outro restaurante, dedicou-se à investigação desse legado, por meio da elBullifoundation, da enciclopédia Bullipedia e do museu elBulli1846. Seu trabalho amplia uma convicção que atravessa toda a carreira, a de que para criar é preciso compreender. Atualmente, enxerga na inteligência artificial uma ferramenta para imaginar, já que pode pedir a um programa 30 combinações de ingredientes para um ravióli em segundos, por exemplo. Decidir quais valem a pena e como executá-las continua sendo tarefa do cozinheiro, contudo. "É aí que a decisão e o critério humano continuam sendo o mais importante", ele reforça. O mesmo raciocínio se estende à hospitalidade. "Quando digo que a comida é secundária, não quero dizer que não seja importante. O que quero dizer é que o serviço e o carinho com que você recebe podem ser tão ou mais importantes do que a própria comida." Trocar esse contato por robôs, diz, não faz sentido. "O futuro dos restaurantes passa não apenas pela comida, mas também pela capacidade de surpreender e divertir os clientes". Para ele, a sucessão de pratos de um menu degustação pode se tornar monótona. "Quando você chega ao décimo quinto prato, já está cansado", afirma. O segredo estaria em criar movimento, alternar ritmos e introduzir elementos de teatralidade no serviço. "Hoje, cada vez mais, as pessoas querem se divertir. Seja em um restaurante de três estrelas Michelin, seja em um restaurante casual", diz.

O jantar inédito criado pela brasileira e pelo catalão também expôs um curioso contraste entre seus criadores. De um lado, o homem que sistematizou a criatividade, conjuga química e física ao seu trabalho e pensa em algoritmos. De outro, uma cozinheira profundamente intuitiva, ancorada em um repertório construído ao longo de décadas, que conhece os ingredientes e confia nas associações que eles lhe sugerem, mas sem qualquer intimidade com a tecnologia. Tanto que, durante os preparativos, Adrià mandava receitas e observações por e-mail, e Helena pedia ajuda para acessar e organizar as respostas. "Eu não sei nem mandar e-mail direito", ela confessa, rindo.



Adrià trouxe um nhoque de tomate feito com kuzu, um amido japonês, e um tomate amela, de doçura intensa, liofilizado — desidratado a baixa temperatura e sob vácuo, preservando sabores, aromas e boa parte das propriedades do alimento



O tutano tinha uma história própria. Na receita original de Helena, a medula era enfarinhada, selada no azeite e acomodada numa cavidade aberta na pupunha, besuntada com melado e molho de soja. Depois de assado, chegava à mesa com molho de açaí, caldo de carne, vinagre de Jerez e folhas frescas. Adrià apontou uma referência do Enigma, restaurante de seu irmão Albert, em Barcelona: tutano com caviar. Para o jantar, o prato foi pensado com lentilhas e cavaquinha com a exuberância da floresta e dos rios

O chef já havia cozinhado no Brasil mas, em um restaurante, foi a primeira vez. “Escolhi cozinhar com a Helena porque ela é uma supercozinheira. Na alta cozinha há linguagens diferentes, mas as nossas são muito parecidas. O que é interessante são os produtos que não conheço”, ele diz. Quando perguntado sobre ter aprendido algo com Helena no Brasil, é categórico: “Se não fosse aprender, não faria.” De qualquer forma, ainda que contando com ajuda para usar a informática, a jovem que não ousou falar com o ídolo em uma esquina de Barcelona finalmente encontrou uma forma de se comunicar com ele. Por meio da cozinha, a linguagem que dominam. V

AUTENTICIDADE
INSPIRADA PELA
NATUREZA.

BOTTLETOP
#TOGETHERBAND

ACOMPANHE **@OVVI.BR**

SAIBA MAIS EM **OVVI.COM.BR**

Imagens geradas em IA.

A Petite Fleur de **Roberta Zogbi**

TEXTO CLARISSA SAYUMI

FOTOS VANS BUMBEERS

Ela passou a vida ao redor das panelas e não se permite estar aquém do que o cliente espera. Esse perfeccionismo rendeu uma profissão doce, muito doce

Ela queria ser arquiteta, mas a vida começou a ser construída em uma panela com leite condensado, manteiga e chocolate. A memória de Roberta Zogbi com o brigadeiro começa na adolescência, na cantina do colégio. Nas reuniões de família, em Atibaia, a panela de brigadeiro que eles mesmos faziam era quase ponto de encontro. O curioso é que a doçura demorou a ser reconhecida como vocação, apesar de Roberta sempre ter amado cozinhar. "Vivi a vida inteira na cozinha de casa, fuçando as panelas", conta. Ainda assim, nutriu o sonho de ser arquiteta por anos, já que amava interiores, plantas e projetos. Às vésperas do vestibular, em um encontro casual, uma amiga sugeriu a Gastronomia. Incapaz de escolher, ela cursou as duas faculdades durante dois anos, pilotando fogões pela manhã e pranchetas à tarde. Até os fogões vencerem.

Então, trancou o curso de Arquitetura e embarcou para a Europa aos 20 e poucos anos. Passou cerca de seis meses no continente aperfeiçoando técnicas. Na Itália, fez um curso de culinária regional no Piemonte e um estágio de dois meses na cozinha rígida do Il Pellicano, restaurante com duas estrelas Michelin localizado na Toscana. Lá descobriu a dureza do ritmo profissional — "eu falo que paguei meus pecados, chorava todo dia" —, mas também se apaixonou definitivamente pela confeitaria ao ser transferida para a praça dos doces.

"Para mim, luxo não é ostentação. Está mais na delicadeza, no detalhe. Sucesso é realmente ver o carinho com que os clientes falam do nosso produto."



MARCELO BRUZZI/DIVULGAÇÃO

Em seguida, seguiu para a França para se aprofundar na técnica na prestigiada École Lenôtre, em Paris, aprendendo com mestres que mandavam refazer uma receita inteira por conta de um açúcar mal peneirado. Foi ali que conquistou a base sólida que a sustenta até hoje. "Se uma receita dá errado, eu sei por que isso aconteceu", diz. O perfeccionismo aparece tantas vezes na conversa que ela mesma ri da fama entre os funcionários: "As pessoas falam: 'Roberta chega aqui e só reclama'. Mas, para melhorar, é preciso localizar o defeito". A explicação por trás desse rigor pode ser mesmo o compromisso.

O primeiro pedido da Petite Fleur

A Petite Fleur nasceu quase por acidente, em 2010, quando ela, que trabalhava no restaurante St. Honoré, foi comprar bombas de chocolate em seu lugar favorito. Descobriu ali que a loja, a tradicional doceria Cristal, na Vila Nova Conceição, precisava de um novo fornecedor. Ela então se ofereceu para fazer os doces e começou a receber encomendas. Um ano depois, em 2011, saiu do St. Honoré e alugou uma sobreloja em

Pinheiros para seguir fazendo os doces. Chamou a ajudante de cozinha Solange Ribeiro, a Sol, para ajudá-la, aprendeu sozinha a mexer no Excel para fechar as contas, no Illustrator para criar caixas personalizadas, e a lidar com a contabilidade na base de conversas com contadores. E, sem nunca se apegar às próprias criações, cortava o que não vendia e dobrava o que encantava os clientes. A qualidade virou o marketing: "as pessoas vinham, pediam e voltavam", relembra.

Essa combinação de pragmatismo e obsessão pela qualidade fez o negócio crescer até que veio a pandemia. Para a empresa, seria uma crise, mas, para Roberta, paradoxalmente, uma oportunidade de reinvenção. Mandou a equipe para casa, manteve os salários e ficou diante da possibilidade de simplesmente fechar por alguns meses. O pai foi quem lembrou que ela provavelmente não conseguiria ficar parada. E não conseguiu.

Naquela época, decidiu fazer uma pequena produção de Páscoa. Os pedidos chegaram em quantidade muito maior que a prevista. Um dia, Sol apareceu para buscar um documento e encontrou a chefe exausta na cozinha. Disse que voltaria para ajudá-la, já que Sol morava sozinha e tinha carro. Pouco depois, apareceu Marcão, motorista que acompanha a empresa desde os primeiros anos. Os três passaram meses trabalhando juntos, de domingo a domingo. "Eu estava felizona da vida", ela se diverte ao lembrar.

Momentos especiais no cotidiano

Se durante anos a Petite Fleur esteve associada às grandes celebrações, a pandemia acelerou a aproximação com o dia a dia. Caixas de doces passaram a ser enviadas como demonstrações de afeto, acompanhadas de bilhetes com mensagens, esgotando em dois meses o estoque de embalagens previsto para um ano. Logo depois, veio a consolidação do delivery e, em junho de 2026, a inauguração de uma cafeteria física aos pés da Avenida Faria Lima, em São Paulo, inserindo definitivamente os doces na rotina de quem circula pela região.

Roberta gosta de ficar por lá. Atende clientes sem dizer que é a dona, faz pão na chapa, serve mesas e escuta as conversas.



O visual do café, no Itaim, em São Paulo RICARDO PACHECO DE ABREU/DIVULGAÇÃO

Às vezes, alguém experimenta um doce e anuncia que aquele estará em seu casamento. Outras vezes, é apenas uma pessoa que saiu do escritório para almoçar e decidiu terminar a refeição com o doce favorito. "Todo momento é momento de comer uma coisa gostosa."

É nesse ponto que confeitaria e visão de mundo parecem se encontrar. "Luxo está mais na delicadeza, no detalhe. É aquilo que parece simples, mas muito bem pensado, algo feito com técnica, cuidado e capricho sem precisar anunciar a própria sofisticação", diz. De certa forma, é também a descrição da empresa que construiu.

Sucesso, para ela, não são os mais de 70 funcionários, a expansão ou os eventos que hoje levam a Petite Fleur a diferentes cidades brasileiras, mas os telefonemas que recebe depois dos casamentos. "Alguém dizia que nunca havia comido nada parecido e agora iria encomendar para a própria filha, que ia se casar". Ainda é isso que importa.

No fundo, a menina que queria Arquitetura não abandonou inteiramente o primeiro projeto. Roberta continua interessada em estrutura, proporção e detalhe. Em vez de casas, constrói experiências que desaparecem em algumas mordidas e, quando dão certo, permanecem na memória. É uma arquitetura delicada. E, como ela mesma diz, muito bem-feita. V

Isabela Capeto
Fiel às próprias mãos

TEXTO EDUARDO VIVEIROS
FOTOS MICHELE GOMES

Na contramão da automação de todos os processos profissionais, a estilista segue sendo fiel ao seu fluxo de trabalho. Hoje, usa o artesanal como trunfo de produto diferenciado no mercado da moda

No dia da visita de Velvet, o ateliê de Isabela Capeto parecia estar às vésperas de uma festa. Tinha arara no meio do caminho, som alto, modelo marcando posição, fotógrafo pedindo licença e assistente chegando com café. Em um dia normal de semana, o andar que ela ocupa em um predinho na Gávea, com verde em todas as janelas, funciona como espaço de trabalho e loja. “Hoje está excepcional, porque estamos clicando a nova campanha”, explica Isabela, aproveitando a presença do maquiador do shooting para um retoque ligeiro antes de posar para as fotos que ilustram esta reportagem.

O espaço abriga uma vida. Entre suas fiéis artesãs, há livros, roupas por todos os lados e mil vidros de miçangas, além de mementos e obras de artistas amigos. Ela está ali, mas a cabeça segue conectada a um tanto de assuntos paralelos que demandam atenção. Cabeças de cobras de madeira pirografadas por ela convivem com projetos de decoração, licenciamentos, exposições, figurinos e os vestidos de casamento da filha, Francisca. “Vou fazendo o que pinta”, sorri, com a naturalidade de quem não vê nenhuma contradição nessa lista.

“Na moda, sigo totalmente na contracorrente de todo mundo. Nunca estive tão independente e tão livre. É realmente um trabalho artesanal.”

Aos 56 anos, Isabela parece menos interessada do que nunca em definir exatamente o que faz. Estilista, artista ou designer? Decoradora ou artesã? Tudo isso, provavelmente. Ou nada disso, isoladamente. “Atualmente posso dizer que sou uma artista que olha para vários meios”, resume. O conforto com a palavra veio há cerca de cinco anos, depois de muito trabalho guardado na gaveta e de uma convivência forte com o mundo das artes plásticas. “Eu não considero que o artista seja um ser superior. É um ofício como qualquer outro.” A definição talvez seja menos uma tentativa de se enquadrar do que de explicar justamente a impossibilidade de fazê-lo.

“Liberdade” é palavra recorrente quando Isabela fala da vida profissional. A venda e a posterior recompra da própria marca, na primeira década dos anos 2000, foram decisivas para que recuperasse as rédeas da criação. Hoje, diz experimentar uma independência que não teve em outros momentos da carreira. A estrutura, que já teve várias lojas e 70 funcionários, encolheu para os 12 profissionais que lá operam atualmente. “Não devo nada a ninguém. Faço o que eu quiser”, afirma.

A consequência é uma espécie de contracorrente voluntária. Em vez de acelerar o calendário, aumentar a grade ou buscar uma lógica cada vez mais previsível de produto, Isabela faz pouco, devagar e à mão. E não parece haver nisso nenhuma nostalgia: é uma escolha deliberada por uma escala que lhe permite continuar interessada naquilo que faz.

Sua trajetória ajuda a entender por que essa liberdade não é exatamente uma reinvenção. Isabela começou a sua própria marca em 2003, depois de passar por etiquetas-ícone da moda carioca, como Maria Bonita e Lenny. Desde o início, construiu uma assinatura ligada ao bordado, à customização e a uma certa exuberância manual, muito antes de isso virar moeda corrente. Anos mais tarde, quando a empresa que ela fundou passou pela mudança de controle societário, a tentativa de transformá-la em uma operação mais comercial entrou em choque com aquilo que ela considerava essencial. Foi uma das razões pelas quais pulou fora do barco.







Detalhes no ateliê de Isabela: bordados e tecidos artesanais

Suas roupas nunca foram propriamente sobre repetição. As jaquetas, bordadas e trabalhadas manualmente, são numeradas e únicas. A etiqueta traz o nome da artesã e o tempo gasto na peça (há modelos que ocupam 56 horas de trabalho). Uma até pode nascer parecida com outra, diz, mas nunca será exatamente igual. “Eu acho muito mais interessante, pois a mão da bordadeira é diferente e reflete o dia em que aquilo foi feito”, explica. A lógica vale também para seu trabalho atual em artes plásticas. A criação pode mudar de suporte, mas Isabela continua essencialmente na mesma investigação.

Uma vida que ruma para a arte

A própria Isabela é a primeira a reconhecer isso. Quando perguntada sobre a diferença entre o trabalho têxtil que vem fazendo para galerias e aquilo que sempre fez na moda, a resposta é direta: “não tem”. Bordado, costura, aplicação, colagem e pirografia, para ela, não são novos territórios, mas extensões da mesma linguagem. Reflexo da coerência de uma trajetória que, à primeira vista, parece feita de desvios.

Isabela formou-se em Moda em Florença e, de volta ao Brasil, passou por diferentes funções. Em paralelo, fazia seus próprios desenhos e os vendia em uma galeria no Leblon para complementar a renda. Customizava as roupas roubadas do armário paterno, transformava um terno antigo enchendo-o de botões, fazia roupas de boneca, costurava, pintava e criava objetos para a própria casa. Não havia, naquela época, a ideia de que aquilo pudesse formar uma assinatura profissional. Era simplesmente o que ela gostava de fazer.

A origem desse impulso é ainda mais doméstica. Isabela cresceu em um ambiente em que a mão humana não era apenas uma ferramenta de produção, mas parte da graça. Na família, fazer era mais natural do que comprar pronto e todos produziam festas, doces, lembranças, toalhas e peças

---

“Eu amo trabalhar, é uma das coisas mais importantes da minha vida. Não acho legal quando a coisa diminui de ritmo. Prefiro quando tudo acontece ao mesmo tempo.”



DIVULGAÇÃO

Com a filha, Chica: elas são muito próximas e têm amigos em comum

bordadas. A mãe comprava tamanquinhos de madeira na Rua da Alfândega, no Centro do Rio, e bordava por cima. Anos depois, quando a chamada "customização" virou palavra da moda, Isabela percebeu que havia um nome para algo que já fazia havia tempos. Sua primeira coleção, inspirada em uma exposição de Beatriz Milhazes, levou para a roupa a lógica das colagens, com flores sobrepostas, bordados e aplicações. Até as imperfeições podiam virar recurso, como o bordado que servia para esconder uma costura não tão perfeita, de uma maneira bastante "Capeto" de se pensar: "o que vem da necessidade pode virar possibilidade".

Seu caminho também atravessou uma tragédia, quando um incêndio destruiu seu ateliê anterior, em 2018, levando moldes e matérias-primas. Assim como quando vendeu a marca, deu a volta por cima. Se não havia dinheiro para tecido, as relações pessoais com fornecedores, marcas e estilistas amigos a ajudaram a se reerguer. Passou um par de anos descolorindo, tingindo e estampando por cima do que tinha no estoque. "Eu virei uma pessoa supersustentável por necessidade", define. Aceitou fazer camisetas para quem pagasse. Para essas fases, carrega a crença de que tudo acontece para melhor e de que nada dura. "O bom vai passar e o ruim também vai passar."

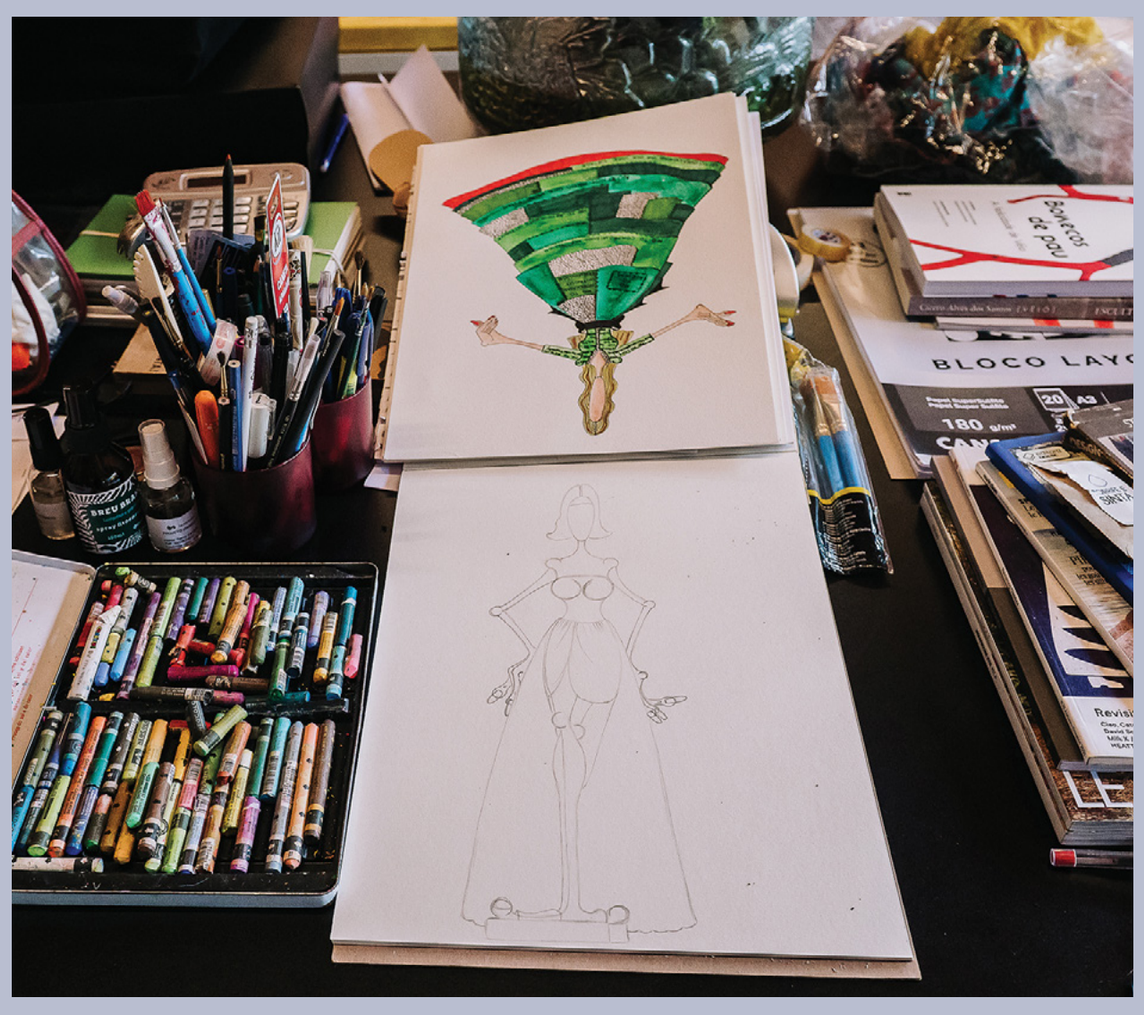
Produzir para estar no mundo

Isabela é descaradamente workaholic. Fazer alguma coisa nova parece ser, para ela, uma forma de estar no mundo. Aprendeu com o pai que trabalho, com determinação, não decepciona. Leva a regra a sério e reforça com a filha. Um projeto alimenta o outro. Colagens viram licenciamentos, técnicas testadas em roupas reaparecem em outros suportes.

O exemplo mais recente veio do teatro e seu primeiro figurino "para valer". Em "Os Irmãos Karamázov", peça dirigida por Caio Blat e Marina Vianna, a estilista do excesso vestiu o elenco de branco e a montagem levou o Prêmio Bibi Ferreira de melhor figurino em 2025. Do palco, saíram um cenotécnico que hoje trabalha com ela, uma iluminadora e uma coreógrafa que foram parar no desfile que fez este ano, além de ideias testadas no espetáculo e reaproveitadas na passarela. Agora, além da coleção nova de moda, estreou na ArtRio com a Número Galeria, de Pernambuco, assinou projetos de decoração com a arquiteta Cris Passos e tocou uma fila de licenciamentos que pode variar de lenços a perfumes. Neste ano, criou o figurino da turnê dos 80 anos de Alceu Valença.

Nesse vaivém, o que ela sempre fez não mudou. Veio o minimalismo na moda, os looks ficaram lisos e Isabela... seguiu bordando, pacientemente. "Eu fiquei esperando, sentada, fazendo o que sempre fiz." O mundo girou. Em 2025, um vestido seu abriu um episódio de "And Just Like That..." no corpo de Carrie Bradshaw, depois que a figurinista Molly Rogers viu suas peças em uma residência artística que a carioca fez nos Hamptons. A atriz Sarah Jessica Parker repetiu a parceria em um baile no carnaval carioca de 2026.

Em abril, Isabela voltou à passarela no Rio, após nove anos fora de semanas de moda, assinando com a filha Francisca, conhecida como Chica. Batizada como Dracena, planta favorita da estilista, a coleção misturava referências a Hélio Oiticica, jardins, insetos e, naturalmente, o trabalho manual. Bordados, contas, paetês, penas, rendas, seda, tule, veludo, babados e aplicações conviviam em uma coleção que reafirmava o maximalismo como linguagem, não como tendência. Hoje, diz, faz uma moda "que vende para uma senhora, mas que uma menina de 17 anos quer comprar".





Entre lápis de cor e blocos de papel, um dos croquis da estilista revela seus talentos

Chica cresceu acompanhando o trabalho da mãe e acabou herdando não apenas o gosto pela moda, mas a mesma vontade de circular entre linguagens. Estudou design, passou pela comunicação visual e pela criação de conteúdo e mantém uma atuação que atravessa moda, arte e design. A mãe, porém, garante que nunca quis determinar um caminho. As duas trabalham juntas, mas sem transformar a intimidade em obrigação. São próximas, amigas, "supergrudadas", como define. A rotina, naturalmente, inclui brigas e embates. Mas há uma familiaridade particular no ateliê e muitos dos funcionários que acompanham Isabela há cerca de duas décadas também conhecem Chica desde pequena. Amigos da filha aparecem na casa de Isabela mesmo quando a jovem não está, e Chica também fez questão de convidar vários amigos da mãe para o próprio casamento.

A dupla de mãe e filha também assina a Capeto, braço da marca que funciona como uma espécie de laboratório. A proposta não é substituir a etiqueta original, mas abrir uma frente mais jovem, com liberdade para misturar tudo. Se amanhã quiserem fazer camisetas, fazem camisetas. Se quiserem fazer móveis, fazem móveis. Se quiserem esperar, esperam. Fazer porque deu vontade, porque apareceu uma oportunidade, sem pedir licença à categoria ou transformar cada projeto em uma estratégia. Depois de mais de duas décadas construindo uma das assinaturas mais particulares da moda brasileira, talvez o luxo que Isabela finalmente conquistou seja não precisar mais escolher. V

GILBERTO ELKIS DESDE QUE TUDO ERA MATO

TEXTO ALEXANDRE PETILLO

FOTOS BRUNO RONDINELLI

Autodidata, autor da icônica piscina vermelha do Hotel Unique e colecionador de torneiras, o paisagista de 67 anos divide o escritório e os projetos com a filha e sócia, Caroline

O escritório de Gilberto Elkis é um oásis encravado na selva de pedra paulistana. Quando a rotina permite, ele gosta de caminhar até o trabalho e de ser o primeiro a chegar. Abre as janelas, deixa a luz entrar, faz sua oração e começa o dia. Há obras de arte na parede, como um original do artista plástico Kobra e, na mesa, dezenas de torneiras que vieram de viagens a diversos países. "É só uma parte da coleção dele", avisa Caroline Elkis, 40 anos, filha, arquiteta e, há um ano, sócia. Mas, apesar de ser um acumulador de objetos, a verdadeira paixão do pai é o verde que adorna os projetos que ele e a filha assinam na Elkis+, novo nome do escritório que se chamava Gilberto Elkis Paisagismo.

A relação de Gilberto com as plantas começou cedo, quando uma pane mecânica deu novos rumos à sua vida. Nos anos 1960, os pais tinham um apartamento no Guarujá e a família atravessava de balsa e seguia de praia em praia até São Sebastião. Na altura da Barra do Una, o carro quebrou. Não passava ninguém, não havia socorro, e o menino de 8 anos entrou no mato para passar o tempo. Saiu de lá com uma certeza e disse ao pai que amava a natureza e queria trabalhar com as plantas. O pai, hematologista, fez o que pais fazem e mandou o garoto estudar. Ele obedeceu, mas continuou fissurado pelo verde. Na escola, uniu o prazer à obrigação. Quando a turma plantava um feijão no algodão para observar fototropismo e geotropismo, Gilberto colocava as sementes em cerca de 200 copinhos, obcecado pelo resultado. Aos 9, levou à feira de ciências um monjolo movido a mangueira, que virou a principal atração do evento. Tinha visto um de verdade em uma viagem a Minas Gerais com os pais e ficou enfeitiçado pela ideia de que a água pudesse produzir movimento.

"Cada jardim é uma experiência nova. Não dá para colocar em um 'copia e cola'. E, se virasse linha de produção, não me daria o menor entusiasmo. Eu ia procurar outra coisa para fazer."



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

No Hotel Unique, a piscina vermelha de 25 metros inspirada no maço de cigarro Marlboro, eleita a melhor do mundo pela Wallpaper. Acima, vista aérea do edifício West Side, em Alphaville

No fim dos anos 1970, fez Administração de Empresas no Mackenzie, por influência da família, mas sem grande convicção. Em seguida, se bandeou para os Estados Unidos. Em San Diego, na Califórnia, nos anos 1980, estagiou em gigantes como a Evergreen e a Springtime Growers, e voltou ao Brasil com a decisão de trabalhar com paisagismo. No começo da década de 1990, fez o curso da Escola de Jardinagem, o único que existia em São Paulo, e passou a importar conhecimento de livros nas viagens que fazia. Em 1993, conseguiu um trabalho com Sig Bergamin na CASACOR e ganhou "um excelente padrinho". No ano seguinte, veio a prova de fogo. Foi chamado para fazer um ambiente sozinho na mostra e chegou a chorar de nervoso. Fez um espelho d'água coberto de vitórias-régias e, do dia para a noite, começaram a pintar trabalhos. Foi ali o surgimento de Gilberto Elkis como paisagista.

Ousadia do vermelho

Logo depois desse começo, surgiu seu maior cartão de visitas, que tem 25 metros de comprimento, fica em um rooftop da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, em São Paulo, e é vermelho. A piscina do Hotel Unique nasceu de um impasse. Jonas Siaulys,

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

Acima, o jardim tropical, da CASACOR, em 2025, estreia da marca Elkis+; à esq., o espelho d'água com vitórias-régias, seu primeiro ambiente solo

fundador do Laboratório Aché, idealizou o hotel em 1998 e queria algo que ninguém tivesse visto. Ruy Ohtake assinava a arquitetura, João Armentano, os interiores, e Gilberto, o paisagismo. Já haviam sido cogitadas uma piscina transparente e uma amarela. Mas ninguém se entusiasmou muito.

Foi então que Gilberto sugeriu uma piscina vermelha inspirada na caixa do cigarro Marlboro que fumava à época. Siaulys adorou na hora. Ohtake arregalou os olhos. E o advogado do projeto foi menos poético, dizendo que aquilo era uma piscina de sangue e que acabaria com a carreira do paisagista. Seguiram-se seis meses de insônia, tamanha a insegurança. "A cada cinco minutos eu pensava uma coisa. Até o dia de assinar o pedido de 600 metros quadrados de pastilha que o fabricante não aceitaria de volta", ele lembra. O hotel foi inaugurado em 2002 e o sinal de que acertaram veio dois anos depois, quando a revista inglesa "Wallpaper" elegeu aquele retângulo escandaloso como a melhor piscina do mundo.

O olhar em família

A aprovação do público não é sorte. O olho é o instrumento principal e o paisagista diz que observa até o que não deveria. A filha Caroline, sócia do pai desde 2025, confirma que, quando entrega uma planilha, Gilberto vai direto ao único número errado. Por essa habilidade artesanal de enxergar o problema, no Elkis+ a criação ainda é analógica. Desenho à mão, papel vegetal pintado, e só depois os softwares entram em cena para especificar, numerar, quantificar. A inteligência artificial entra como auxiliar administrativa, não como criadora. Caroline explica que o cliente percebe a diferença entre uma perspectiva pensada e um comando robotizado, sem alma. O custo é encontrar quem ainda saiba desenhar. "Ninguém escreve mais, nem letra cursiva se ensina", lamenta a dupla, antes de decretar que a caneta vai virar item de museu. A conversa esbarra então na parte inevitavelmente melancólica do ofício, que é entregar uma obra que continua

---

"O paisagismo é a moldura da arquitetura.
E o difícil é colocar moldura clássica em quadro moderno, ou o contrário."





Elkis, com Caroline, com quem troca dezenas de mensagens por dia

crescendo depois. Na conta do bom paisagismo, segundo Gilberto, entram três variáveis que precisam sair casadas: a arquitetura, o cliente e ele. “Eu não posso impor. Quem vai morar ali tem que estar feliz”, afirma.

Para deixar todo mundo contente, a rotina de pai e filha é um pingue-pongue de 20 a 30 ligações por dia. Ela cuida da parte administrativa e divide a criação, enquanto ele vai a campo, garimpando espécies direto na produção, sem intermediário, o que reduz o custo para o cliente e devolve ao paisagista o prazer de escolher planta por planta. Em 2025, na primeira CASACOR montada no Parque da Água Branca, foi também a estreia do Elkis+. Todo ano eles fazem uma viagem a dois — a de 2026 foi para Londres, ao Chelsea Flower Show, com esticada para a Escócia. E, no Dia dos Pais, o programa foi visitar o andamento de um jardim em São José do Rio Preto. Mas, pelo menos no horário comercial, Caroline evita chamá-lo de pai. Diante do cliente, é Gilberto.

Antes de encerrar, pergunto o que ainda falta realizar para aquele menino que plantava 200 grãos de feijão. Ele responde que quer continuar vendo a natureza acontecer, a mutação, os jardins crescendo. “Nada material. Quanto mais próximo da natureza, mais feliz eu vou estar.” O garoto que entrou no mato na Barra do Una nunca mais deixou que aquele ambiente saísse dele.

O ACERVO ELKIS

Torneiras — "Ele é quinquilheiro mesmo", entrega Caroline. As torneiras vêm da França, da Itália, da Argentina, do Marrocos e da Turquia, garimpadas em feirinhas de viagem.

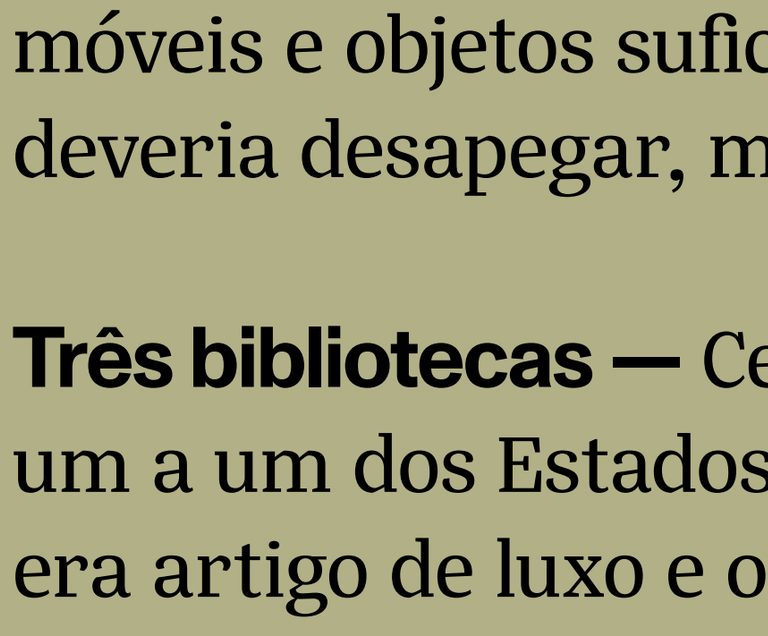


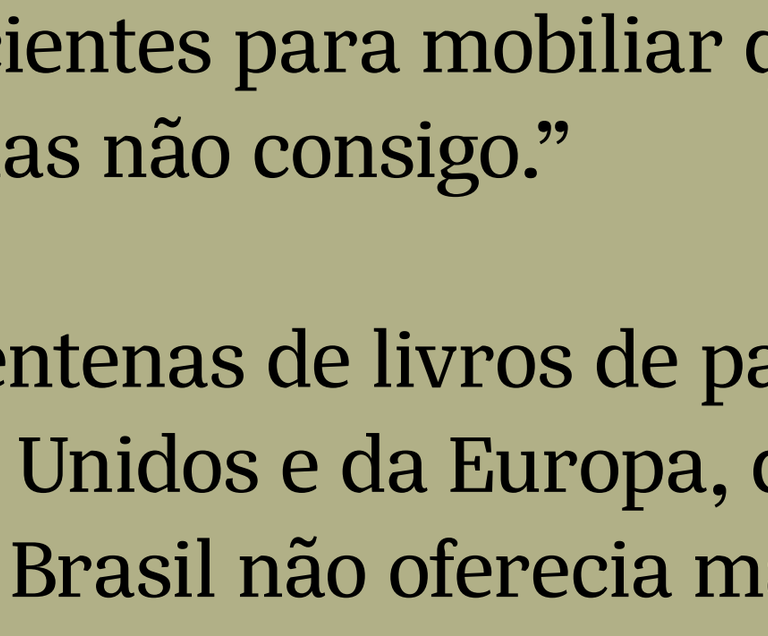
Fuscas — Um deles, sem para-choque e sem cor, é o brinquedo oficial dos fins de semana, que ele chama de terapia de câmbio manual. "Meu amigo falou: 'Você nem sabe dirigir câmbio manual'. Mas o legal é justamente dirigir!"

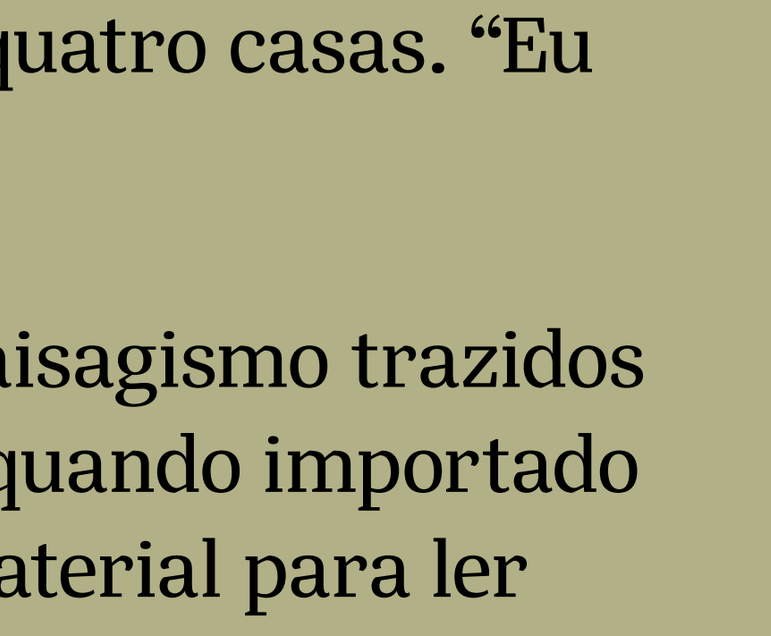
O violino do avô — Peça de museu particular. Veio da Polônia com o avô músico, que fez a vida tocando no Rio.

Pinguins, fechaduras, tênis e motos — Há um depósito com móveis e objetos suficientes para mobiliar quatro casas. "Eu deveria desapegar, mas não consigo."

Três bibliotecas — Centenas de livros de paisagismo trazidos um a um dos Estados Unidos e da Europa, quando importado era artigo de luxo e o Brasil não oferecia material para ler sobre o assunto. V







O silêncio que fala sobre **Marcio Kogan**

POR JOYCE PASCOWITCH

VICTOR AFARO/DIVULGAÇÃO

Com linhas retas e sem o que ele chama de “afetação na arquitetura”, Marcio se estabeleceu como um dos profissionais mais respeitados no país. Mas a trajetória prévia como cineasta moldou muito do que vemos hoje nas plantas que ele assina

Silêncio, na arquitetura, é mais do que uma qualidade acústica. Podemos usar o termo para designar espaços que evitam excesso de elementos, ornamentos, cores ou gestos formais chamativos. Volumes puros, paredes lisas, poucas texturas, paleta reduzida. O projeto “fala baixo” para deixar a vida do usuário, a luz natural e a paisagem serem os protagonistas. É bem o estilo de Marcio Kogan, que não defino apenas como um arquiteto. Ele é um pensador do mundo e afirma que não se vê reduzido à profissão que o tornou conhecido. Renomado no Brasil e no exterior, ele, que é paulista como eu e meu amigo desde a adolescência, tem obras na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos e até em Dubai. Também pode ser considerado um cineasta, e faz até hoje curtas sobre arquitetura em seu trabalho. “Onde você me colocar que envolva a criatividade, minha felicidade é a mesma”, ele diz.

Esse olhar começou lá atrás, quando, aos 15 anos de idade, desenvolveu uma idolatria pelo cineasta Ingmar Bergman. Marcio vivia o luto pelo pai desde os 8 anos de idade e conheceu “O Silêncio”, terceiro filme da trilogia de Bergman sobre a falta de diálogo no mundo moderno, em uma época em que vivia realmente calado. Vale lembrar que ele é do



ACERVO PESSOAL



ACERVO PESSOAL

À esq., com parte da equipe do longa "Fogo e Paixão", com Rita Lee; abaixo, cena do curta "Metallic Villadrone".

gênero mais discreto, mais quieto. De qualquer forma, a adolescência não era bem o período da vida em que os meninos se apaixonam por um diretor sueco que fazia filmes sobre profundos dramas psicológicos. Só que ele encontrou em seu caminho o colega de faculdade Isay Weinfeld, também meu amigo e aficionado pelo diretor. E eu os chamo carinhosamente de "dois birutas" que se uniram. Marcio os qualifica elegantemente de "almas gêmeas intelectuais". Eu concordo. Ambos viraram melhores amigos e, juntos, produziram em 1972 o filme "Espelhos", tentando ir na cola de Bergman. "Era cheio de signos e havia coisas que nem a gente entendia. Além disso, todos os atores eram amigos nossos, de 16, 17 anos. Era quase um Bergman infantil", ele debocha. Acabaram fazendo uma carreira de curta-metragem em Super 8, um jeito de filmar que, na época, escapava da censura da ditadura e fazia sucesso entre os artistas justamente por isso.

Nos anos 1980, mergulharam mais fundo na ideia de fazer cinema e, em 1988, assinaram "Fogo e Paixão", o longa que quase fez com que Marcio perdesse o escritório de arquitetura, tamanha a dedicação. Para falar sobre o filme, ele usa o mesmo tom autocrítico. "Fazendo curtas tivemos um enorme sucesso. Quando chegou no longa, eu acho que foi um desastre. Isay não vai gostar de me ouvir dizendo

isso, mas não acho que foi um grande filme para o trabalho que deu e o dinheiro que custou", pondera. O elenco parecia uma constelação: tinha Nair Bello, Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Zezé Macedo, Regina Casé, Rita Lee e Roberto de Carvalho, entre outras estrelas. Depois de gastar todas as economias no filme, Marcio voltou decidido a ser arquiteto full time. Aí fez o que classifica como "resetar" a vida e ficou mais de uma década sem pensar em filmes.

Sabe, porém, que essa incursão foi importante para sua arquitetura. "Levei o jeito de olhar o mundo no cinema para minha profissão. Mudei a forma de trabalhar em equipe, passei a usar o CinemaScope nas obras, em cortes alongados, que achava mais bonitos, e a trabalhar a luz natural. São elementos que criam sombras e efeitos de luz para observar o passar do tempo. A maneira de ver um projeto lembra um roteiro cinematográfico", ele afirma.

Uma vida na arquitetura

O começo da carreira foi difícil. "Demorou para dar certo, para ter clientes que me apoiassem. Era meio complicado porque eu já sabia fazer direito, porém não tinha para quem", ele conta a respeito da falta de liberdade dessa época. O jogo virou há cerca de 25 anos, quando uns cinco trabalhos fizeram sucesso no exterior. "Facilita a vida. Comecei a chamar pessoas que pensavam como eu para trabalhar e era um momento de felicidade", ele afirma satisfeito. Agora, sente que o problema é o inverso. Os clientes, acostumados com seu estilo, querem obras parecidas com o que já o viram fazer, o que impede o diferente. O artista, então, acaba se repetindo em uma popularidade que funciona como uma camisa de força quando busca outros tipos de linguagem. "Desabrochar é uma construção. Um bloquinho por vez. Preciso de tempo para olhar as coisas por várias óticas. Meu apelido em casa é 'papai meio lento'", ele ri ao descrever a personalidade, que vai na contramão da velocidade exigida atualmente.

"A obra é pensada como uma máquina de habitar. Tudo tem de estar perfeito, as medidas corretas.
É uma coisa que me fascina, a busca pela perfeição."

FERNANDO GUERRA/DIVULGAÇÃO

ANDRÉ SCARPA/DIVULGAÇÃO

Acima, a Casa Azul, no Guarujá, em 2020; abaixo, a Flag House Whistler, no Canadá, em 2022

Respeitar o próprio jeito de ser funcionou. Construiu um escritório sólido, onde conseguiu garantir que todo mundo trabalhasse unido. Não é raro que ele se una a um estagiário que acabou de entrar em um novo trabalho. E ambos assinam como autores.

Eu pergunto como o mundo atual, que vive de excessos, sustenta esse tipo de arquitetura que não grita. Ele acha que pessoas precisam de menos ruído. O que faz todo sentido. Sua arquitetura é contemporânea, mas também é clássica. “Há pessoas que adoram a viagem que estão recebendo. Elas me agradecem pelo prazer que dei ao levá-las a um lugar que não conheciam. Digo que os lugares que construo são nota 6 ou 7. É o cliente que vai fazer ser nota 10 ou 3 dependendo do uso que dê à casa ao morar lá. Arquitetura é uma obra aberta”, reflete.

Suas criações valorizam a simplicidade formal e são elaboradas com extrema atenção aos detalhes e acabamentos, com linhas delicadas e leves. Vidros em grandes janelas favorecem a iluminação cinematográfica. A ventilação é natural e há concreto, madeira e pedra, incorporando elementos tradicionais da arquitetura brasileira como os muxarabis e os cobogós. Entre as influências, estão Affonso Eduardo Reidy, Lina Bo Bardi, Vilanova Artigas, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

Em 2011, Kogan foi eleito membro honorário do American Institute of Architects (AIA); em 2012, o seu Studio MK27 representou o Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza, com exposição curada por Lauro Cavalcanti. O crítico Paul Goldberger, do The New York Times, já o citou como uma das principais referências da arquitetura brasileira contemporânea. Ao longo da carreira, ele e sua equipe acumularam mais de 200 prêmios, incluindo os da Architectural Review, Bienal de Arquitetura de São Paulo, IAB, WAF, Dedalo Minosse, D&AD e Wallpaper Design Awards. A Casa Paraty (de 2009) foi premiada em 10 ocasiões.

Em São Paulo e no mundo

Marcio se mudou recentemente para o Edifício Prudência, assinado por Rino Levi, com jardins de Burle Marx, tombados pelo patrimônio histórico, em Higienópolis. Somos vizinhos. O

Em sentido horário, o Sea Mirror Residences, em Dubai, visto de dentro e de fora, com fachada imponente; abaixo, à esq., o pátio interno e a área da piscina do empreendimento residencial de luxo Caledonian Javier Ferrero, em Madri, na Espanha



Na minha casa, no dia da entrevista

apartamento, segundo ele, não seria a escolha de seus clientes, já que só tem uma suíte master e o corredor tem cerca de dois metros de largura. “É uma obra-prima do modernismo e os clientes querem que todos os quartos sejam suítes. Há coisas que são inaceitáveis para a burguesia do momento e eu tenho que me adaptar a isso”, ele confessa, rindo. Para si, procurou respeitar a arquitetura, e quis ser discreto para não criar algo que falasse mais alto que a ideia de Rino Levi.

A discrição é mesmo uma marca que nem sempre dá certo. Quando desenhou algumas casas em Dubai, não conseguiu a aprovação da prefeitura porque as fachadas eram limpas. Fez então o que ele chama de “alguma afetação” nos desenhos para conseguir se adaptar ao estilo over do urbanismo local. Em Madri, entretanto, conseguiu projetar uma vila residencial na periferia da cidade com estacionamento subterrâneo, de modo que só as passagens de pedestres ficam visíveis. As pessoas, ele garante, adoram morar lá.

Marcio passa duas semanas por ano na Itália, onde dá aulas no Politécnico de Milão. Ele fala inglês com os alunos, que respondem em italiano. Gabriel, seu filho e também arquiteto, é professor assistente e, segundo o pai, exímio mestre. Dividem as aulas com Filippo Bricolo, o titular da cadeira, o que deixa Marcio tranquilo para pensar onde vai almoçar e jantar naquela cidade incrível. Ele gosta de silêncio, mas sabe viver a vida.



Com os alunos de Milão

Se na juventude, quando nos conhecemos, era rebelde, artista conceitual, queria chocar com trabalhos de crítica social e pensamento político, hoje entende que criou uma linguagem. Para isso, usou a maturidade. “É impossível sair fazendo um ótimo trabalho na juventude”, afirma. E, apesar de ser famoso pelas linhas limpas, seu escritório é uma bagunça de objetos e referências empilhadas. Pergunto se, ao olhar minha casa repleta de objetos que fui acumulando ao longo da vida, dá para dizer que tenho salvação. “Eu adoro”, ele completa, gentil. Acho que estou salva, então. Não dá para duvidar do bom gosto de Marcio Kogan.

“Não moraria fora de São Paulo. Não sei se sou burro ou não, porque gosto daqui. Não aguento mais de dois dias em casa de campo, na praia talvez aguente uns três dias por gostar mais, mas eu sou viciado no que São Paulo oferece. Sou bastante inspirado pela cidade, tanto pelas coisas boas quanto pelas ruins.”

LUGARES PARA OS QUAIS KOGAN GOSTA DE VIAJAR E QUE SE PARECEM COM SÃO PAULO



Londres

Já gostei demais. Hoje ficou meio esquecida como destino de viagem, porém eu amava.

Paris

Eu acho o lugar mais bonito do mundo, não há cidade como Paris. Parece São Paulo na estrutura, só que muito mais linda.





Tóquio

Fui seis dezembros seguidos, no fim do ano. Não moraria lá em hipótese alguma, mas acho incrível viajar para lá. Há oito ou nove anos, quando cheguei na cidade, tive a sensação de estar em outro planeta. Não consegui chegar ao hotel, tudo era complicado. É um lugar que adoro. V

BRENO FERREIRA OCUPA ESPAÇOS

TEXTO DIEGO OLIVARES

STHEFANY BARROS/DIVULGAÇÃO

Onipresente nas telas ao emendar papéis de destaque em novelas e séries queridas pelo público, o ator comenta o passado como goleiro, o início da carreira na TV e o que almeja para o futuro

Sempre de terno impecável, chamando a atenção pelo visual elegante, Breno Ferreira entra em cena como Cléber em "Quem Ama Cuida", na Globo. Corta a cena. Agora de uniforme do Atlântico, o mesmo ator aparece como um jogador de futebol em "Jogada de Risco", da Globoplay, um personagem que teme ver a vida ruir quando sua orientação sexual vier à tona. Há mais: Breno está vestindo uma camisa roxa de paetês no palco do "Domingão do Huck" e dança bachata, ritmo latino que tem inspirado o sertanejo brasileiro. Desliza no palco, gira a parceira e sorri, sob aplausos do auditório. Em outro clique, está posando para uma grife de luxo em Milão. Ainda tem um post com um look fashion montado para um evento ao lado da namorada, a atriz Clara Moneke. Tudo isso na mesma semana. E há outros Brenos de onde vieram essas versões.

É provável que, daqui a algum tempo, quando o ator olhar para sua trajetória, ele veja um divisor de águas após a sequência de trabalhos que emendou entre 2025 e 2026. Afinal, incluiu no currículo participações em três das novelas que foram sucesso no período. Além da atual das 21h, atuou em "Beleza Fatal", produção original do streaming HBO Max, e, na Globo, "Vale Tudo", remake atualizado de um dos maiores sucessos da história da TV. "'Felicidade' define este meu momento. E a coragem de não ter desistido. Acredito que eu estou colhendo frutos de muitos anos de trabalho", ele diz.



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

À esquerda, em campanha da Osklen; acima, em evento da Gucci

Um passado de boleiro

Filho de pai militar e mãe lojista, o discreto Breno não costuma mencionar o nome dos progenitores. Mas sempre conta que, apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, a família voltou para Salvador na sua infância e, por isso, ele também se sente nordestino. As principais lembranças da época de criança são das águas da praia do Porto da Barra, quando ele e os dois irmãos, Dan, que também é ator, e Lucas, brincavam no mar. “O cheiro de Salvador já me traz esse afeto de infância e memória”, recorda. Vem também desse período a paixão por moda. Com acesso fácil à loja da mãe, ele mesmo unia tecidos e peças da maneira que imaginava.

Mas sua criatividade não ficava só nisso. A versatilidade de Breno já aparecia no começo da adolescência quando, entre um mergulho no mar e outro, ele passou a atuar como goleiro nas categorias de base do Bahia e do Vitória, dois rivais soteropolitanos. Também jogou na base do CRB, de Alagoas, onde morou por um período. Ele sempre diz que ninguém acredita no seu passado trajando luvas e uniforme em vez dos looks ousados que posta em seu Instagram hoje. “O futebol foi uma fase deliciosa, mas, de fato, não tinha como eu fugir do que é meu, do que eu sinto que eu nasci para fazer”, garante,

ciente de que tomou a decisão certa aos 16 anos, quando largou a chance de profissionalizar-se nos gramados para dedicar-se de vez à atuação, seguindo os passos de Dan, o irmão mais velho que já morava no Rio.

A partir de 2018, encenou espetáculos teatrais como "Será Que Vai Chover?" e "Negra Palavra", com o grupo Coletivo Preto. Em 2020, viveu o músico Miltinho na produção "Coisa Mais Linda", da Netflix. O personagem, como o próprio Breno, compunha e tocava violão e piano. No ano seguinte, veio o trabalho "Manhãs de Setembro", no Prime Video, que tem Liniker como protagonista, e sua primeira série em inglês, "Jogo da Corrupção", gravada no Uruguai. A história o inseria de volta em um ambiente que ele conhecia bem, o futebol, pois tratava da corrupção dos cartolas no esporte. No mesmo ano, ele ainda foi a Paris gravar "De Volta aos 15", pela Netflix, em que viveu por três temporadas um músico apaixonado pela protagonista, interpretada por Camila Queiroz. Ainda teve "Dois Tempos", no Star+, complementando o circuito dos streamings. Ele estava em todos.

Mas foi "Amar é Para os Fortes", em 2023, também do Prime Video, que mudou sua vida. Primeiro, porque seu desempenho como o protagonista Pedro Paulo lhe rendeu o Prêmio PRODU de melhor ator da TV latino-americana em 2024. Depois, porque foi nas gravações da série, inspirada na obra de Marcelo D2, que ele conheceu Clara Moneke. Na época, ficaram amigos e nem imaginavam que, após um ano, em um show do sambista Péricles, ela veria o então colega e se aproximaria com um tapinha displicente. Depois do susto com a abordagem, ele a convidou para assistir à apresentação em frente ao palco. Desde então, são três anos de namoro, muitas viagens e muitos looks combinando no que algumas pessoas definem como o casal mais descolado da atualidade no showbiz brasileiro. Realmente, quando Péricles faz a trilha sonora, o cupido pode atuar.

Paralelamente à vida em frente às câmeras, Breno construiu uma carreira sólida na publicidade de moda. Armani Exchange, Misci, Rabanne, Mondepars, Dolce & Gabbana, Bulgari, Prada e outras grifes de peso fazem ensaios frequentes com o ator. A beleza exuberante e a desenvoltura no mundo fashion impressionam os colegas, que costumam fazer elogios às fotos.



DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

À esquerda, com Clara, vestindo Armani em Milão; à acima, editorial da Dolce & Gabbana, na Semana de Moda de Milão

Representatividade importa

Ao mesmo tempo em que celebra a ascensão, o ator não se deixa deslumbrar com elogios e a conquista da fama. Desde que se profissionalizou, sabe que seu posto pavimenta um caminho para talentos do futuro. “Como artista preto, retinto, brasileiro, filho de nordestinos, muitas coisas me atravessam”, relata, lembrando seu começo no Coletivo Preto, núcleo teatral que tem como objetivo dar visibilidade e protagonismo à presença negra. “E, sem sombra de dúvidas, um dos maiores desafios foi não desistir desse processo que eu sei que é árduo, que é difícil, mas que é de dentro para fora”, pondera.

Dá para ver a qualidade no sucesso das tramas recentes. Em “Beleza Fatal”, foi abraçado pelo público como uma rara bússola moral em um enredo farto de figuras de caráter propositadamente duvidoso. Com o sucesso do texto criado por Raphael Montes, o ator de 28 anos passou a ser reconhecido nas ruas, recebendo comentários carinhosos e pedidos de fotos. “Esse calor humano é a coisa mais maravilhosa, e é algo que experimentei ali pela primeira vez na carreira.” Já em “Vale Tudo”, o ator encarou o papel do professor de hípica André, que na versão original coube a Marcelo Novaes. Era novamente um sujeito boa-praça, solar, parte do núcleo jovem da novela. O auge do personagem foi o envolvimento com Aldeíde, interpretada por Karine


MANOELLA MELLO/DIVULGAÇÃO GLOBO

Com Chay Suede, o Pedro na novela "Quem Ama Cuida", uma parceria cheia de carisma

Teles, mulher mais velha e amiga da mãe do personagem (a Consuêlo, de Belize Pombal). Mas mesmo no ar hoje em uma novela e em séries globais, Breno sabe que a onipresença nas telas não deve ser supervalorizada. Ele quer ver outros colegas vivendo papéis cada vez mais diversos, para que a inclusão seja completa. A forma equilibrada e consciente com que se posiciona contrasta com o sorriso de menino que Breno conserva no rosto. E fica ainda mais largo quando os olhos vislumbram um cenário atual favorável para a nova geração de atores e atrizes negros. "Eu não sou uma pessoa de muita idade, mas estaria me enganando ao dizer que estamos tendo a mesma quantidade de produções com pessoas pretas no elenco do que a de quando eu era mais novo. Acredito que a cada ano que passa a gente está crescendo, e a qualidade de história que a gente está contando também. Temos muito a melhorar." Não basta apenas ocupar o espaço. O ponto é como esse espaço será ocupado. V

"O maior trunfo da minha carreira foi ter escutado essa voz interior e conseguido permanecer, acreditando que poderia dar certo. E essa é uma dificuldade que permeia a vida de qualquer artista que não é herdeiro e vive em solo brasileiro nas condições em que eu vivo."



VALENTIM BOUQUI

MONTBLANC
UM SÉCULO DE JORNADA

Nascida para proteger canetas em viagem, a marroquinaria da maison alemã completa cem anos e encontra na Writing Traveler sua tradução mais fiel

Em 1926, as canetas haviam deixado oficialmente a bancada da escrivaninha. Viajantes de negócios atravessavam mares e fronteiras com suas preciosidades no bolso, e alguém precisava protegê-las do caminho. Foi para isso que a Montblanc, fundada duas décadas antes em Hamburgo, criou seus primeiros artigos em couro: estojos para canetas, produzidos numa oficina perto de Offenbach, cidade alemã com tradição no ofício. Eram feitos de Juchten, o couro russo tratado com óleo de bétula, e de Saffiano, de textura cruzada, que a marca usa até hoje. Além do preto e do marrom, já havia naquela época o azul, o vermelho e o verde.





VALENTIM BOUQUIO

O couro passou mais de seis décadas como coadjuvante da escrita. Só em meados dos anos 1990 vieram as coleções e as peças de maior porte da casa. Em 2006, a produção mudou-se para Scandicci, nos arredores de Florença, pólo histórico da marroquinaria italiana. Desde 2021, o desenho fica com o diretor artístico Marco Tomasetta, de cujo ateliê em Paris saem os esboços que ganham corpo nas mãos dos artesãos florentinos.

A peça que resume esse século é a Writing Traveler, lançada como pasta na coleção Outono/Inverno 2025. Tomasetta a pensou como uma escrivaninha portátil, uma releitura dos míticos gabinetes de curiosidades, espaços que eram destinados no século 16 e 17 à exibição de obras de arte, relíquias, fósseis e outros artefatos. Por isso, o bolso frontal guarda caneta, caderno, carteira e relógio. “É o seu santuário particular de escrita”, resume o diretor artístico.

Cada bolsa leva cerca de oito horas de montagem manual. O degradê sfumato é aplicado com aerógrafo sobre o couro, feito tinta que se espalha sobre o papel. A escrita aparece também nos detalhes, já que puxadores e fechos repetem o desenho da pena da caneta-tinteiro, e as abas seguem a geometria de um envelope. Cem anos depois, o couro da Montblanc segue fazendo o que fazia em 1926, firme na missão de acompanhar quem escreve com elegância aonde quer que vá.

*Vamos escrever

Let's Write*

MONTBLANC

montblanc.com.br

GALERIA LUME
DAS IMAGENS ÀS PALAVRAS

TEXTO FELIPE MACHADO
FOTOS RENATO PIZZUTTO

Em 15 anos de trabalho, a parceria de Vick Zuffo e Paulo Kassab Jr. se distancia das galerias tradicionais ao apostar em obras que têm a palavra como matéria-prima. Agora, eles começam diálogos fora do Brasil, de olho no mercado internacional

Em uma pequena rua do Jardim Europa, a poucos metros da Faria Lima, uma casa reformada abriga uma das operações mais interessantes do circuito de arte contemporânea de São Paulo. Um programa que começou dedicado às imagens mais tradicionais hoje reúne artistas variados, inclusive aqueles que transformam palavras em obras instigantes. Fundada em 2011 por Vick Zuffo e Paulo Kassab Jr., a Galeria Lume nasceu com foco exclusivo na fotografia, inspiração que surgiu do mestrado que Paulo fez em Paris, dedicado ao tema. O formato, no entanto, durou pouco. A dificuldade de manter o trabalho tão restrito empurrou a dupla para outras mídias, como esculturas, instalações e pinturas.

Quinze anos depois, a galeria alcançou um perfil que destoa da maioria de suas vizinhas. Enquanto boa parte do mercado dedica sua atenção à pintura, que costuma responder por até 70% do acervo de uma galeria tradicional, a Lume apostou em objetos, imagens e, principalmente, nas obras que têm a palavra como matéria-prima. Livros de reuso do artista Lucas Dupin, feitos com exemplares ultrapassados do Código Civil, convivem com as colagens de Nino Cais e os trabalhos textuais de Nazareno e Marilá Dardot. Vick Zuffo fala dessa produção como um lugar de poesia, um contraponto ao excesso de imagens que domina o mercado de arte contemporânea.

A sociedade com Kassab Jr., que não pôde estar na entrevista em virtude do nascimento da filha, segue um roteiro que Vick resume com humor. “Somos como nos filmes, ‘bad cop, good cop’. Ele é o bonzinho, eu sou a brava”, brinca.

Formada em Administração pela FGV e ceramista, Vick cuida do dia a dia da galeria, dos contratos e da estrutura financeira que sustenta o modo de a Lume operar. É um ritmo que ela descreve como uma batalha disfarçada de espumante, com muito trabalho e pouco daquele glamour geralmente associado à vida de uma galerista. Publicitário de formação, músico e mestre em curadoria, Paulo assina boa parte dos textos das exposições. "Somos bem complementares, e acho que isso é bom. Cada um confia no que o outro faz", diz Vick. Na escolha dos artistas, porém, não há hierarquia. A decisão precisa despertar a mesma paixão e ser unânime.

O namoro com artistas

Representar alguém, para Vick, tem pouco a ver com um contrato comercial. Ela descreve o processo como uma relação pessoal, quase um namoro que precede um casamento, em que o galerista se torna intermediário de um universo que precisa ser mostrado ao mundo com cuidado. O olhar não é voltado apenas para uma obra isolada, mas para a conversa entre os artistas de um mesmo elenco. Para Vick, essa sintonia se revela principalmente em grandes eventos, onde a curadoria de uma galeria aparece com mais nitidez do que em qualquer outro contexto.

E são as feiras que estruturam boa parte do calendário e do faturamento da Lume. A SP-Arte, para Vick, é a mais importante do ano para a galeria. Depois vêm os eventos no Rio de Janeiro, segundo maior mercado do país. Apesar de o eixo SP-Rio ainda ser o que move o setor no Brasil, a atenção da Lume está cada vez mais voltada para outras regiões. "Temos muitos artistas que não são do Rio ou de São Paulo. Olhamos muito para a produção do Recife, que acho incrível. Já fizemos uma feira lá, é uma cena que está começando a ganhar força", afirma.

Ela também quer ampliar a presença nos EUA e no México, países escolhidos não por acaso, mas a partir de um estudo sobre quais mídias são absorvidas em cada praça e quais colecionadores a galeria quer atingir. A lógica é pragmática porque um estande custa caro, exige uma aplicação prévia e uma semana inteira de trabalho. Por isso são feitos jantares, conversas com jornalistas e ações de relacionamento com

ANA PIGOSSO/DIVULGAÇÃO



ANA PIGOSSO/DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

Em sentido horário, os "Abismos Urbanos e o Plano Celeste", de Eduardo Coimbra, em cartaz durante a visita de Velvet à Lume; uma das obras da série Motim, de Nazareno; e "Nós não Somos Assim tão Fortes", Gabriella Garcia (2021)

curadores, para que o investimento retorne. Não adianta aparecer uma vez só. É a repetição, segundo Vick, o que constrói o relacionamento com clientes estrangeiros.

Consciência política por trás da arte

Essa participação internacional é também pauta da Associação Brasileira de Arte Contemporânea, a Abact, da qual Vick foi tesoureira por dois mandatos, depois presidente por três anos, até migrar para a vice-presidência, posição que ocupa hoje. "Acho muito relevante e sou bastante atuante nisso. A Abact tem uma trajetória incrível, é referência para outras associações. Unificar uma voz é entender o que o setor precisa para se organizar e pleitear coisas em Brasília. A cultura é indissociável da questão política, é bom ter essa consciência", diz Vick. Organizado pela Abact, o projeto Latitude, financiado em parte pela Apex, agência brasileira de promoção de exportações e investimentos, auxilia a promoção da arte brasileira no exterior. A iniciativa ajuda a bancar uma fatia do custo de estandes com um detalhe que revela a lógica redistributiva do setor, em que galerias menores recebem um subsídio proporcionalmente maior do que as grandes.

O mercado brasileiro ainda é recente, datando sua internacionalização do início dos anos 1990, quando a galerista Luisa Strina começou a levar artistas brasileiros para fora. Vick diz ainda que a mortalidade de galerias jovens continua alta, alimentada por uma percepção equivocada de que o negócio é sinônimo de luxo fácil. A realidade, para ela, é construir uma carteira de clientes do zero e fazer com que os próprios artistas consigam viver exclusivamente da sua produção criativa.

A relação com museus completa esse desenho. Para Vick, o valor de um artista se constrói pela soma de variáveis: exposições individuais e coletivas, presença em bienais, convites de instituições com curadoria robusta. A 60ª Bienal de Veneza, realizada em 2024 sob a curadoria do brasileiro Adriano Pedrosa, e o gesto recente de museus que revisaram seus acervos para corrigir décadas de sub-representação de artistas latino-americanos criaram uma janela que a galeria observa com atenção. "Nossa relação com museus é fundamental. O peso da instituição é essencial. Nazareth



ANA PIGOSSO/DIVULGAÇÃO



FILIPE BERNDT/DIVULGAÇÃO



FILIPE BERNDT/DIVULGAÇÃO



FILIPE BERNDT/DIVULGAÇÃO

De cima para baixo, "Território de Disputa", de Kilian Glasner (2026); "Arquiteturas da Água", de Osvaldo Gaia (2025); "Os Trabalhos e os Dias", de Marilá Dardot (2025); e "Por Alguma Razão", de Paulo Whitaker (2026)



DIVULGAÇÃO

Paulo e Vick no começo da Lume, há 15 anos

Pacheco esteve em uma individual no MuBE, uma instituição maravilhosa. Também temos o Osvaldo Gaia no Panorama do MAM, que é superimportante."

Em obras

A reforma recente da sede resume o momento da Lume, com mais destaque para o espaço expositivo, reserva técnica e escritório ampliados. É sinal de que o projeto cresceu e precisou de estrutura para sustentar esse novo momento. Mas a reforma não interrompeu a rotina da galeria, com exposições a todo vapor. Para os próximos anos, Vick pretende manter presença em feiras internacionais relevantes e parcerias com galerias estrangeiras nas praças consideradas estratégicas. "Este é o foco principalmente para o desenvolvimento dos artistas que representamos", diz Vick. A galeria tem o papel de catapultar essas carreiras, inclusive fora do alcance da própria Lume. Se um artista da casa faz sentido em Tóquio, ela prefere fechar parceria com uma galeria de lá a deixar a oportunidade passar. O sentido figurado da palavra "lume" é "um conjunto de ideias que orienta alguém". Pensando assim, os galeristas parecem estar na rota correta para alcançar o que desejam. V

"Meu desejo é que nossos artistas alcancem mais espaço e que consigam se sustentar cada vez mais da própria produção, para poder criar em paz."

MAIS DE UM SÉCULO DE **ISMAEL NERY**

TEXTO MATHEUS PICHONELLI

O artista paraense é contemporâneo ao modernismo brasileiro, embora não tão popular quanto os expoentes do movimento. A grande retrospectiva de sua obra, em cartaz na Pinacoteca de São Paulo, ajuda a reavaliar sua arte e valorizar seu legado



ROMULO FIALDINI/DIVULGAÇÃO

O autorretrato mais famoso de Ismael Nery é o de um homem em conflito. Na imagem, vê-se o azul vibrante do céu e o mar da Baía de Guanabara, costeada por casas simples, coloridas, um coqueiro e parte do Pão de Açúcar ao fundo. Do lado esquerdo do homem, a Torre Eiffel, inclinada sobre uma Paris lúgubre de prédios desbotados. A face do homem vestido de branco e quase sem expressão é ladeada por dois rostos de gênero indefinido, que se aproximam para apontar as contradições entre o padrão europeu e a metrópole tropical que ainda despontava no começo do século 20. A mão aberta, entretanto, é direcionada a uma sambista brasileira, o que simboliza o afeto do artista pelo Rio de Janeiro.

O quadro, que é um dos destaques da exposição "Ismael Nery: Armadilha Moderna", em cartaz na Pinacoteca até janeiro de 2027, correu sérios riscos de desaparecer. Em seu leito de morte, Ismael implorou para o amigo e escritor Murilo Mendes que destruísse todas as suas telas e desenhos. O escritor modernista, obviamente, não teve coragem de obedecer ao pedido.

Do Pará para o Rio

Ismael nasceu em Belém, no Pará, em 1900, e se mudou com a família para a então capital nacional ainda criança, em 1909. Na época, o pai, Ismael de Senna Ribeiro Nery, médico da Marinha e pioneiro dos estudos sobre a malária, foi transferido para o Sudeste, mas faleceu no ano seguinte. A mãe, Marieta Maciero Nery, veio junto e acabou se tornando proprietária de diversos imóveis no bairro de Madureira, no Rio. Após a viuvez, quando Ismael tinha 10 anos, Marieta se tornou missionária e adotou o nome de Irmã Verônica. Ela o criou com rigidez. O filho do casal sempre teve aptidão para os desenhos. Conta-se que sua primeira ilustração foi o retrato de um tio-avô que era cônego, em Belém, aos 4 anos de idade, quando a religiosidade já era muito presente em sua vida. Aos 16 anos, estabelecido no Rio, teve uma ilustração publicada na revista infantil "O Beija-Flor". A partir de então, tomou um caminho similar ao dos pintores de seu tempo. Formou-se como aluno livre pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio, quando foi colega de Lúcio Costa, e teve passagens pela

O mais famoso "Autorretrato", feito no Rio e em Paris, em 1927. Na página acima, Ismael nos anos 1920



ROMULO FIALDINI/DIVULGAÇÃO

Académie Julian, em Paris, em 1920, quando percorreu a Europa e também o Oriente Médio e se dedicou ao estudo dos mestres antigos, como Leonardo da Vinci, Ticiano e El Greco. Voltou ao Brasil em 1921 e virou desenhista-arquiteto do Ministério da Fazenda — é dessa época o início da amizade com Murilo Mendes. Casou-se com a escritora Adalgisa Nery em 1922, com quem teve dois filhos, Ivan e Emmanuel. O casal vivia em uma casa cheia de intelectuais e escritores.

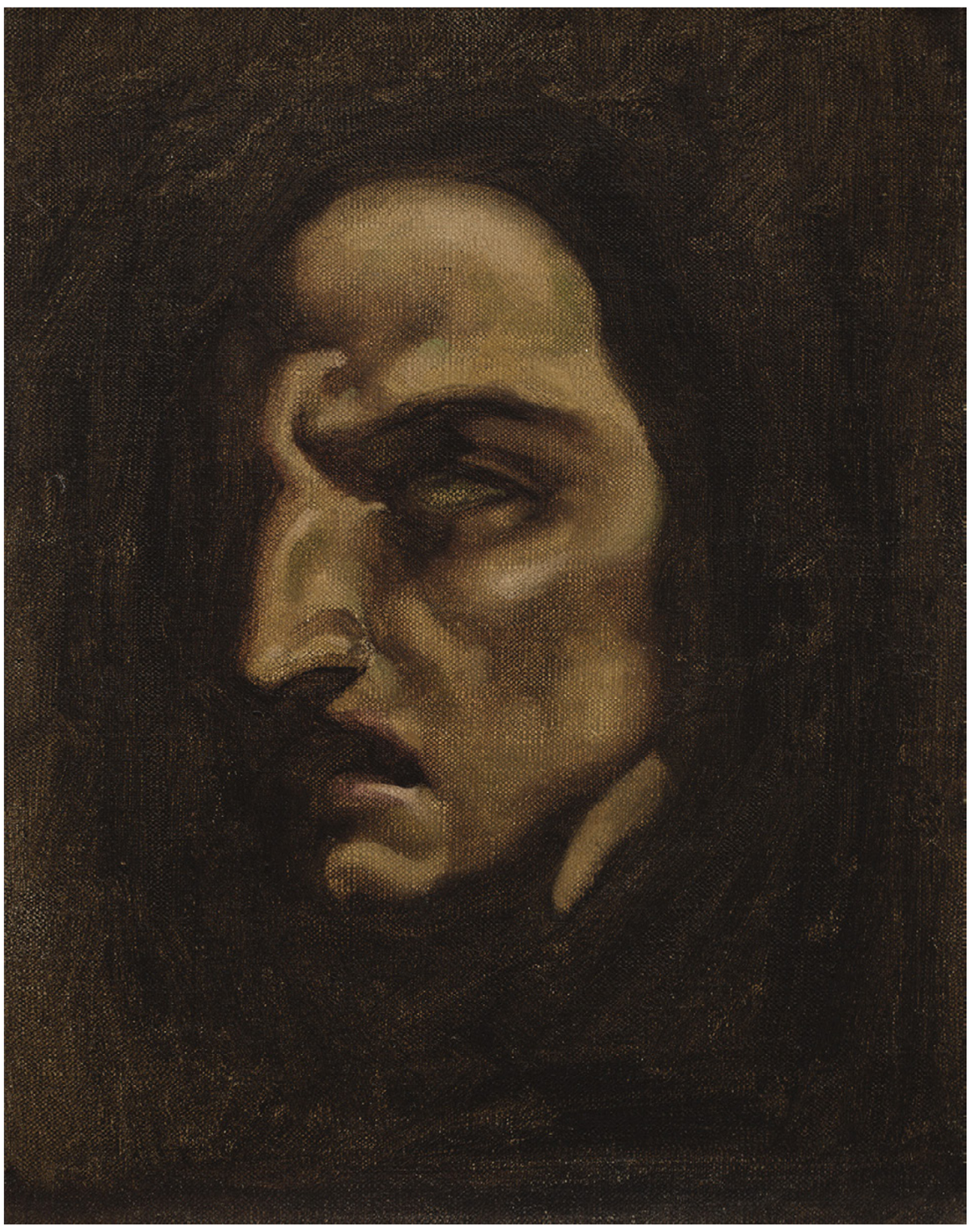
O quadro citado no começo da reportagem, de 1927, ajuda a entender a genialidade do autor e evidencia que ele bebeu de todos os movimentos de vanguarda de sua época, no Brasil e na Europa, sem necessariamente se enquadrar em nenhum deles. Esse, aliás, é o dilema de todo artista moderno, como resume Yuri Quevedo, curador responsável pela exposição da Pinacoteca. De fato, nomes como Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti também mantiveram pés e raízes na cultura europeia enquanto idealizavam um projeto de identidade nacional, conhecido como Modernismo. Mas enquanto esse grupo buscava definir a individualidade do sujeito e determinar o que é ser brasileiro, Nery procura algo maior: um sujeito universal.

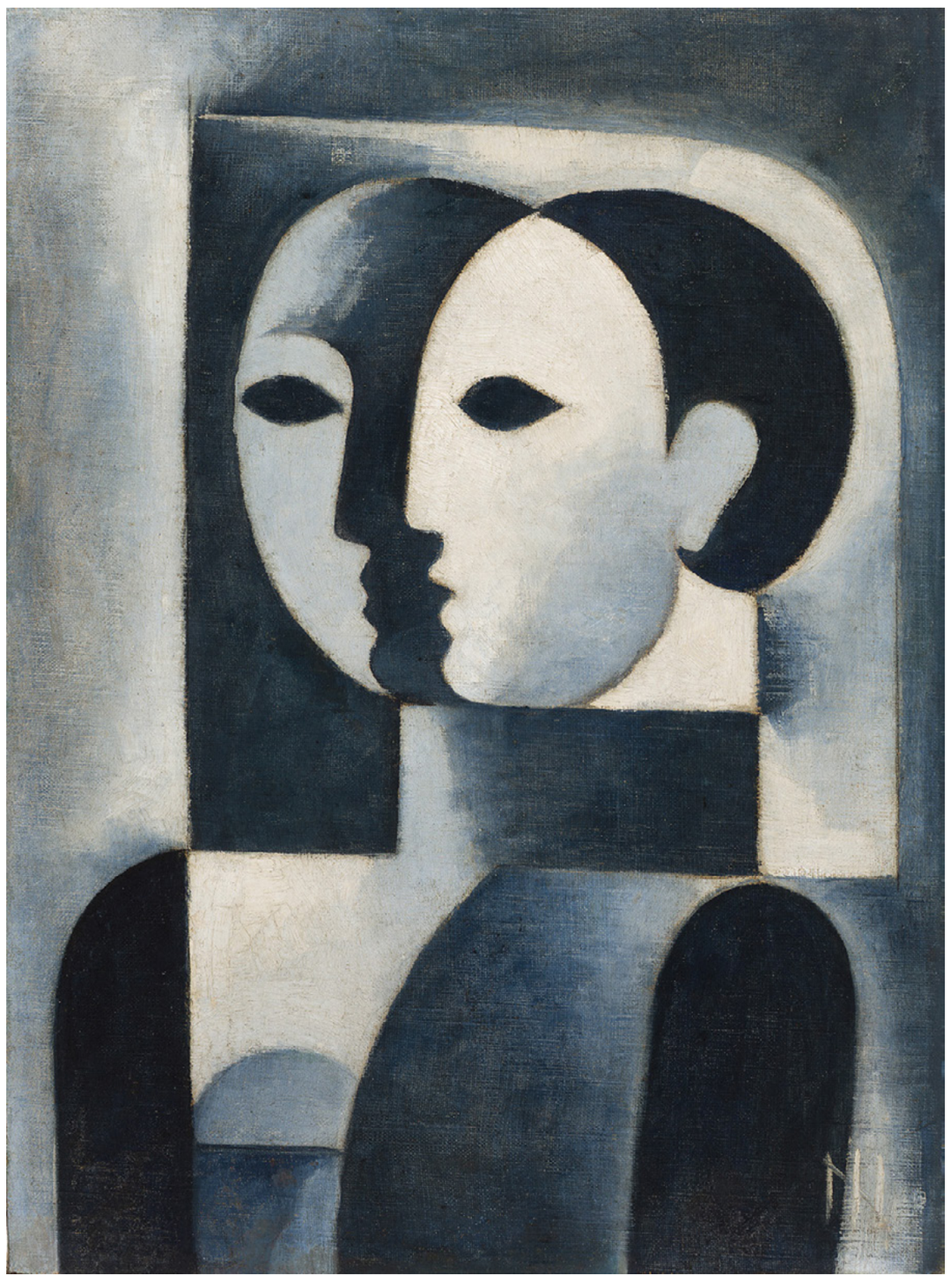
Ser ou não ser surrealista

A mostra reúne cerca de 230 obras, entre desenhos, retratos e autorretratos em estilo classificado como um dos primeiros surrealistas brasileiros, que passou por uma fase inspirada no cubismo. “Ele pinta um ser perfeito que não é afetado pelo espaço e pelo tempo. O espaço e o tempo, para ele, são noções que corrompem os corpos”, diz o curador. Essa noção pode ser observada em “Visão Interna — Agonia” (1931) e “Eternidade” (1931), nas quais os corpos aparecem completamente dilacerados, com as vísceras expostas, como se denunciasse o efeito do tempo e do espaço sobre os indivíduos. Em seguida, foca em corpos arredondados que perdem características humanas. Deles, por exemplo, saem plantas que se conectam a uma outra forma de estar no mundo. É o que Quevedo chama de “busca pela eternidade”.

Essa produção atravessa um momento conturbado na vida do artista, que foi diagnosticado com tuberculose em 1929, e







Na década de 1920, uma variedade de obras: "Dois Irmãos" (1927); "Autorretrato Satânico" (1925); e "Figuras em Azul" (1920)

passou a se dedicar a formatos menores, feitos com nanquim. Ali, se torna personagem das próprias gravuras, viaja no tempo e se "infiltra" em passagens bíblicas. "Quando ele se liberta totalmente do tempo, consegue manipular a História e transitar por outras realidades."

Oswald, um desafeto modernista

O historiador paraense Aldrin Moura de Figueiredo, especialista em modernismo e Amazônia, conta que, mesmo no Rio, Nery manteve contatos, em visitas e cartas, com nomes importantes da intelectualidade da época, como o poeta Bruno de Menezes, autor de "O Batuque", os jornalistas Eneida de Moraes e Osvaldo Viana, o radialista Edgar Proença e o pintor Angelus Nascimento. Viveu, entretanto, afastado do núcleo central de modernistas que estavam ressignificando o Brasil a partir da Semana de 22. Oswald de Andrade, por exemplo, dizia não conhecer nem gostar do trabalho de Nery, definido por ele como uma "invenção" do escritor mineiro Murilo Mendes. Para Quevedo, a birra de Oswald tinha uma razão. Nery era tão provocador quanto o autor de "O Rei da Vela". Eram personalidades parecidas que não se bicavam. Outra fonte de discórdia era a relação com a religião, rechaçada por Oswald e outros modernistas, e sempre em voga nos quadros de Nery. A despeito de toda essa desconfiança do modernismo contra o pintor belenense, a contradição é que ele encarnava, de certa forma, o fascínio dos modernistas pela cultura da Região Norte. Entre essas características, estavam as memórias da Amazônia e os sabores da avó de descendência indígena, além do sacerdócio teológico do tio-avô cônego e da clínica patológica do pai. A mistura pôde ser vista em sua primeira grande exposição individual, que aconteceu em Belém, em 1929.

O esforço para perpetuar o legado

Desde a sua morte, muitas variáveis entraram em cena para que ele não caísse no esquecimento. A lenda diz que a mãe católica não admitia a exposição das obras que mostravam uma vida considerada livre e erótica. A escritora Adalgisa Nery, sua companheira até o fim da vida, era retratada



BETO ASSEM/DIVULGAÇÃO

O curador da exposição, Yuri Quevedo

compulsivamente nas suas telas e nos seus desenhos. A versão mais aceita é que, quando Nery morreu, Adalgisa tirou todas as obras da casa e as enviou a Murilo para que não fossem "sequestradas" pela sogra.

Mendes guardou parte delas em um quarto de seu apartamento para onde levava visitantes e interessados no traço do artista. "Era um trabalho de formiguinha", define Quevedo. Nos anos 1940, o escritor fez uma série de 17 artigos para jornais sobre o amigo. Esses textos, que dialogam com o que foi escrito por Nery, foram posteriormente reunidos no livro "Recordações de Ismael Nery".

Mas o reconhecimento mesmo só veio a partir de 1965, quando o amigo Antonio Bento, importante crítico de arte da época, lutou para a inclusão de um núcleo de seus trabalhos na Sala Especial de Surrealismo e Arte Fantástica da 8ª Bienal de São Paulo. Bento partia da ideia de que Nery deveria ainda ser descoberto, mesmo mais de três décadas após sua morte, e era tão exuberante que, se estivesse vivo naquela época, seria

---

"Em vez de desestruturar o inconsciente, como queriam os modernistas e os surrealistas europeus, o que Nery quer provar é que existe um jeito de chegar à eternidade por meio desse corpo total. O corpo que para ele seria o mais próximo de Deus", diz Yuri Quevedo.



ISABELLA MATHEUS/PINACOTECA



ISABELLA MATHEUS/PINACOTECA

"Agonia", de 1930, a obra foi feita com óleo sobre papel cartão; acima, parte das publicações em texto de Ismael, exibidas na Pinacoteca

também um hippie. Décadas depois, já nos anos 1990, o crítico de arte Tadeu Chiarelli passou a defender que Nery tinha muito o que conversar com quem despontava, como Tunga e Cristina Salgado, que também desconstroem e buscam a fusão de corpos em suas telas.

Mesmo assim, os trabalhos de Nery permaneceram restritos a coleções privadas e ao círculo de amigos próximos. O desafio de Yuri Quevedo na curadoria foi justamente convencer cerca de 50 proprietários, além de dez instituições culturais espalhadas pelo país, a cederem seus "tesouros" para a exposição. Essas pinturas se juntaram a destaques do próprio acervo da Pinacoteca, como "Dois irmãos" (1927), "João Batista" (c. 1928-1929), "Figuras em azul" (c. 1920) e "Autorretrato satânico" (1925). Não há como visitar o espaço sem pensar que Murilo Mendes fez a coisa certa ao não obedecer ao amigo.

ISMAEL NERY: ARMADILHA MODERNA

Pinacoteca de São Paulo
Edifício Pina Luz | 1º andar - Praça da Luz, 2
De quarta a segunda, das 10h às 18h
(entrada até 17h)

Patrocínio vivo

Reservas também combinam com esportes aquáticos. Aqui, canoagem na Caiman

O tempo selvagem de **Caiman, Trijunção e Cristalino**

TEXTO MIRIAM GIMENES

DIVULGAÇÃO

A Original Miles listou destinos que levam o visitante a pisar o solo e repensar a relação de unidade com a natureza. Inspire, escolha um bioma (ou três) e viva as transformações internas que esses locais possibilitam

“Assim que inicia o primeiro passeio e a pessoa sente o som e os cheiros da floresta, percebe que tem algo muito maior ali e acontece uma conexão imediata”, diz o guia naturalista Pedro Reali. A desconexão com o urbano realmente abre espaço para redescobertas. Não é por acaso que o setor de turismo vem valorizando cada vez mais lugares que ajudam a recuperar esse espírito, ainda que por alguns dias. É o que propõem três destinos brasileiros: Fazenda Caiman, no Pantanal; Pousada Trijunção, no Cerrado; e Cristalino Lodge, na Amazônia. Nesses lugares, nos quais Pedro tem experiência, desacelerar e pisar o solo nos aproxima da essência da palavra viver.

Essa realidade tem sido observada por Milena Maggi, uma das fundadoras da Original Miles, agência especializada em viagens de luxo que comercializa pacotes para os três destinos. Segundo ela, a procura por esses lugares ganhou força principalmente no pós-pandemia, quando o olhar do turista se voltou para as riquezas naturais do país e também para a necessidade de desacelerar, ainda que por curto período. A transformação interna do viajante é sentida no dia a dia por quem conduz as experiências no meio da mata.

Turismo de conservação

A lógica da experiência única explica a estrutura dos ecolodges, cuja proposta exige uma mudança de chave de quem está acostumado com hotéis urbanos ou resorts internacionais. Com parte do lucro revertido na preservação dos ecossistemas vulneráveis, as estadias costumam operar em sistema all inclusive, mas o verdadeiro investimento do hóspede é no financiamento de pesquisas de campo, monitoramento de fauna e desenvolvimento sociocomunitário. "Nesses destinos, o turismo é vital. Quando você leva visitantes para lá, está escolhendo locais com muita preocupação ambiental, conscientes sobre desperdício e uso de plástico. Você não está só pagando pela experiência, mas girando a economia local", explica Milena.

Reali acrescenta que o impacto dessa presença transforma todos os envolvidos em guardiões da natureza. "Os guias e os próprios funcionários do hotel trocam informações com os pesquisadores, ajudam em descobertas e exercem esse papel de vigias da natureza, incluindo os próprios turistas", ele diz. O turismo responsável inibe atividades ilegais e gera emprego para a comunidade local. E, como quem trabalha com isso faz questão de frisar, é o apoio de quem visita o que mantém a natureza de pé. Confira nas próximas páginas os três destinos onde o tempo volta a ser selvagem.

"A beleza da Amazônia costuma ser tímida. Quando a gente consegue desvendar o olhar do hóspede para essas riquezas escondidas, entender as diferentes camadas do bioma, as pessoas abrem os sentidos para essas sutilezas da mata", diz Pedro Reali, guia naturalista com experiência no Cristalino, na Caiman e na Trijunção.



DIVULGAÇÃO

A CAIMAN E A VIDA PULSANTE DO PANTANAL

- A Caiman tem 53 mil hectares em Miranda (MS) e mostra que pecuária sustentável e preservação ambiental podem caminhar juntas.
- A fazenda une a tradição do peão pantaneiro a projetos de pesquisa reconhecidos no mundo todo, como o Instituto Arara Azul e o Onçafari.
- O trabalho do Onçafari consiste em pesquisa científica, proteção da fauna e conservação do habitat das onças-pintadas, proporcionando turismo de observação responsável, com a oportunidade de ver os animais em seus habitats naturais, sem a necessidade de domesticá-los.
- O grande diferencial é que os passeios são feitos ao lado de biólogos, em uma experiência de nível internacional.
- A estrutura de hospedagem conta com 26 quartos divididos em três pousadas (Casa Caiman, Baiazinha e Cordilheira).



DIVULGAÇÃO

O ambiente da Caiman, no Pantanal, e sua fauna: um convite à viagem interior

- Para chegar, o ponto de partida é Campo Grande (MS), a 236 km de distância, trajeto feito em cerca de quatro horas de carro ou em voo privativo.
- A recomendação é ficar ao menos três ou quatro noites, de preferência no período de seca, entre julho e outubro, quando a fauna fica mais visível.
- Além da observação de onças, o roteiro inclui trilhas, passeios de barco, cavalgadas e safáris fotográficos.
- Na gastronomia, o destaque são os pratos típicos da região, como o tradicional quebra-torto, peixes de água doce, carne oreada (salgada, que seca ao vento por algumas horas) e frutas locais, como pequi e guavira.

DIVULGAÇÃO



FELIPE CASTELLARI /DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO

A fauna e paisagens exuberantes são parte da viagem ao Pantanal, em vivência ímpar

DIVULGAÇÃO



ALBERTO RIBEIRO /DIVULGAÇÃO

O ECOSSISTEMA DO CERRADO NA POUSADA TRIJUNÇÃO

- A Pousada Trijunção fica na divisa entre Bahia, Goiás e Minas Gerais.
- É um refúgio de preservação no Cerrado, bioma por vezes eclipsado pela fama da Amazônia e do Pantanal.
- Com mais de 20 mil hectares de área conservada, a propriedade forma um corredor ecológico com o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, cenário imortalizado pela obra de Guimarães Rosa.
- Além de atuar na proteção desse ecossistema, a fazenda tem como embaixador o lobo-guará e, também em parceria com o projeto Onçafari, os hóspedes podem acompanhar biólogos no rastreamento e monitoramento em campo do animal.
- A aventura selvagem inclui ainda safáris noturnos em jipes abertos para avistar a fauna local, como o jacaré-anão, antas e tamanduás, observação de aves, caminhadas por trilhas botânicas, passeios de fat bike (bicicleta adaptada para andar em solos difíceis) e saídas de caiaque pelas águas cristalinas do Rio Formoso e da Lagoa das Araras.

- A hospedagem prima pela exclusividade: são apenas sete suítes (uma delas no formato villa com dois quartos), com arquitetura integrada à paisagem e estrutura com piscina, sauna e ofurô para relaxar entre as expedições.
- O acesso principal se dá pelo aeroporto de Brasília, a 333 km de distância, trajeto que leva cerca de 5h30 de carro ou em um voo de 50 minutos até a pista de pouso homologada da própria pousada.
- A melhor época para visitar o destino é na temporada de seca, entre abril e outubro, e a recomendação para vivenciar a rotina do local é de ao menos três a quatro noites de estadia.
- Na mesa, a gastronomia assinada por Fabian Sasso cruza as tradições mineiras, baianas e goianas, e traz pratos regionais como galinhada com pequi, feijão tropeiro, bobó de camarão, churrasco de fogo de chão e piqueniques nas trilhas preparados com frutos nativos do Cerrado, como o baru e o jatobá.



Passeio de fat bike para apreciar a paisagem

ALBORI RIBEIRO /DIVULGAÇÃO



ALBORI RIBEIRO /DIVULGAÇÃO

Alguns dos pratos do restaurante da pousada; abaixo, o interior das suítes da pousada Trijunção



ALBORI RIBEIRO /DIVULGAÇÃO

ALBORI RIBEIRO /DIVULGAÇÃO



THIAGO DIZ /DIVULGAÇÃO



LUIZ GOMES /DIVULGAÇÃO

Aqui, o visual das hospedagens do Cristalino, entre o Cerrado e a Amazônia

A FLORESTA NOS COLOCA NO LUGAR NO CRISTALINO LODGE

- O Cristalino Lodge é reconhecido como um dos melhores hotéis de selva do mundo e fica em uma reserva ambiental em Alta Floresta (MT), bem na transição entre a Amazônia e o Cerrado.
- A grande atração do local são as duas torres de observação feitas em aço, com 50 metros de altura, que ultrapassam a copa das árvores e levam os visitantes, literalmente, às nuvens.
- Por estar dividida em diferentes camadas, a floresta abriga um ecossistema singular no topo de suas árvores, o que torna o destino um dos melhores pontos para o birdwatching, com cerca de 600 espécies catalogadas.

O visual dos observatórios que mostram a copa das árvores

ANDRE DIB /DIVULGAÇÃO

- O Lodge oferece entre 16 e 18 bangalôs divididos em cinco categorias. Alguns deles têm banheira externa, chuveiro, sofás e jardins privativos.
- O local fica a cerca de uma hora e meia de viagem de carro a partir do aeroporto de Alta Floresta (MT).
- Funciona o ano todo e, na época de seca (de junho a novembro), fica mais fácil ver os animais. Já no período de chuvas (de dezembro a maio), a mata fica verde exuberante e permite passeios de canoa pela floresta alagada.
- No restaurante, o chef Fábio Vieira prepara pratos com peixes típicos da Amazônia, como tucunaré, pirarucu e tambaqui. V



RJ CASTILHO /DIVULGAÇÃO

A opção de tomar drinks no rio e degustar açaí com apresentação ímpar no Cristalino Lodge

SAMUEL MELIM /DIVULGAÇÃO

“Tem muita gente que procura se conectar com o eu interior, estar com a família. Esses destinos trazem 100% essa proposta de conexão com a natureza, oferecendo opções de hospedagem impecáveis para um cliente exigente”, afirma Milena Maggi, da Original Miles.

GIOVANNI BIANCO
SEMPRE NO TOPO

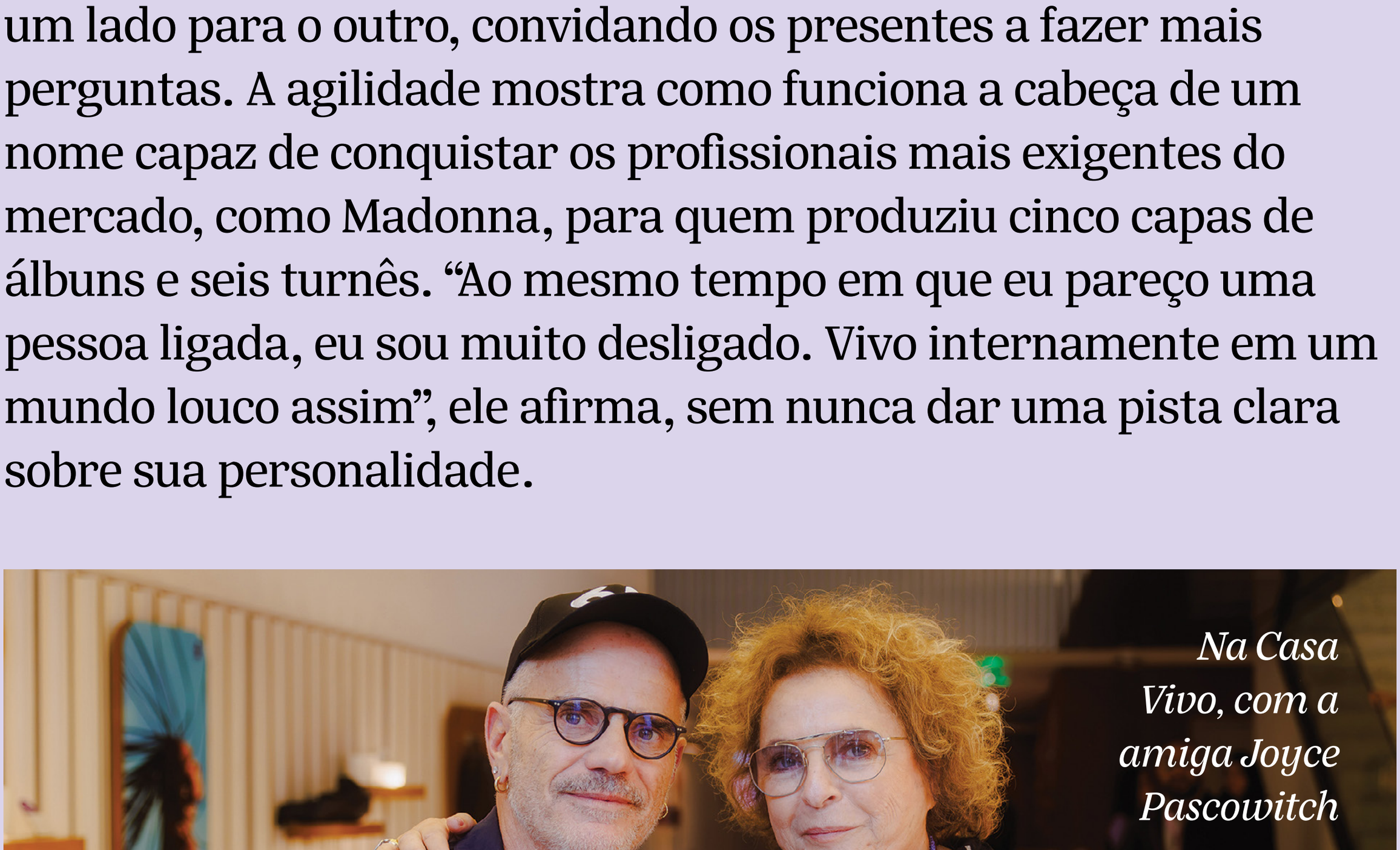
TEXTO LUCAS VASCONCELLOS

FOTOS VANS BUMBEERS

Após décadas morando em Nova York, um dos diretores criativos mais requisitados no mundo da música pop e da moda retorna ao Brasil. E segue cheio de ideias

O que acontece quando uma mente pulsante se une a grandes nomes da moda e da música? A resposta pode ser vista nos muitos trabalhos que Giovanni Bianco produziu como diretor criativo para artistas do porte de Gisele Bündchen e Anitta e para marcas como Miu Miu, Versace e Dolce & Gabbana, além de ter liderado a direção criativa da Vogue Itália. Ele tem um dos currículos mais celebrados internacionalmente em sua área. Após manter por mais de duas décadas seu estúdio GB65, no West Village, em Nova York, Bianco mudou de endereço e trouxe o escritório para os Jardins, em São Paulo. O motivo é que mal ficava em Manhattan, já que passava mais tempo viajando do que nos EUA.

Essa foi uma das histórias que ele revelou em conversa com a amiga Joyce Pascowitch, na Casa Vivo. Na ocasião do encontro, diante de uma plateia cheia de amigos, Bianco empunhou o microfone como um de seus ídolos, Chacrinha, e andou de um lado para o outro, convidando os presentes a fazer mais perguntas. A agilidade mostra como funciona a cabeça de um nome capaz de conquistar os profissionais mais exigentes do mercado, como Madonna, para quem produziu cinco capas de álbuns e seis turnês. “Ao mesmo tempo em que eu pareço uma pessoa ligada, eu sou muito desligado. Vivo internamente em um mundo louco assim”, ele afirma, sem nunca dar uma pista clara sobre sua personalidade.



Na Casa Vivo, com a amiga Joyce Pascowitch

Giovanni nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. Ajudava os pais italianos, que trabalhavam como feirantes, a vender frutas na barraca pelos bairros da cidade. Entre os clientes dos pais estavam nomes como Fernanda Montenegro, Fernanda Torres e Regina Casé. Estudou Engenharia Civil, mas não se formou. Depois, cursou Artes Plásticas e Pintura no Parque Lage. Aos 19 anos, mudou-se para Milão e conheceu Domenico Dolce e Stefano Gabbana por puro acaso, em um evento, há mais de quatro décadas. Mesmo sem entender muito sobre o mundo fashion, nem se interessar verdadeiramente pelo assunto, foi convidado a trabalhar com eles. "Eles me perguntaram o que eu fazia e se eu gostava de moda. Respondi que era designer gráfico e que não sabia a diferença entre Armani e Versace. Era exatamente o perfil que buscavam e acabaram me oferecendo o trabalho." Foi então que começou a colaborar com a D&G, criando a identidade visual da linha jovem da marca. Com frases ácidas e tendência workaholic, Bianco faz questão de dizer que não confunde trabalho com relações pessoais. Nas próximas páginas, veja mais sobre essa tarde de conversa na Casa Vivo.



Com a plateia participando ativamente

TERAPIA

Depois de alguma resistência a ter um profissional cuidando com ele de sua saúde mental, Giovanni cedeu e aceitou fazer uma sessão de análise com a terapeuta de uma amiga. O episódio teve o "jeitinho Bianco" de se comunicar e, também, de recuar e começar a se tratar de verdade.

> *"A vida inteira a Joyce sugeriu que eu fizesse terapia. E eu me neguei porque não ia pagar alguém pra dizer o que eu tenho que fazer. Mas há uns cinco anos, uma amiga me deu uma sessão, dizendo que eu gostaria. Na consulta, a profissional perguntou o que eu fui fazer lá. Eu falei por uns 15 minutos. Ela disse que dava para perceber que eu era criativo, mas não tinha tempo para uma pessoa que ficou 15 minutos... Ela não usou a palavra mentindo, mas eu realmente menti. E sou muito reativo, mas parei dois minutos e falei: 'Olha só, eu não vou te pedir desculpa, porque não te conheço. Estou pedindo desculpa para mim mesmo, estou envergonhado que eu gastei 15 minutos do meu tempo mentindo para você. Então estou triste comigo'. Ela falou: 'Agora, se você tiver interesse, quero trabalhar com você', apaixonada por eu ter pedido perdão para mim e não para ela. E foi isso, são cinco anos de terapia hoje e agradeço a Joyce por ter insistido que eu fizesse análise. Realmente mudou minha vida, ajudou a organizar meus pensamentos. E tenho um problema muito sério com a questão do tempo, porque fui criado para ir para a guerra, tinha que sobreviver, sustentar a minha família inteira desde muito novo. Então, não tinha tempo de pensar, era uma relação estranha e dolorosa. Na terapia, aprendi que é fundamental saber para o que você dá prioridade e para o que não dá."*



Uma das capas de disco de Madonna: trabalho consistente na música

MADONNA

Imagina ficar hospedado bem pertinho da casa da Madonna e rumar para a residência da rainha do pop diariamente para decidir trâmites de discos e shows? O designer conta como foi o período em que trabalhou com ela e como resolveu o fato de não falar inglês quando a cantora telefonou para ele.

> *"Eu sempre fui fã da Madonna. Quando surgiu a oportunidade, não me contaram para quem eu faria o trabalho. Descobri fazendo. Passei uma semana no hotel vizinho à casa dela e ia para lá todos os dias fazer pesquisa com a própria Madonna. Meu inglês era daquela maneira macarrônica e ela repetia 10 vezes: 'are we on the same page?'. Ela queria saber se eu estava entendendo o que ela estava falando. Após esses dias, voltei para Nova York e ela me ligou. Eu desliguei o telefone achando que era trote, afinal, não tinha dado meu número para ela! Já sem paciência, ela afirmou ser Madonna. Corri para o escritório e coloquei no viva-voz para que alguém da minha equipe, que falasse*

inglês, traduzisse. Ela é muito exigente. Em uma das capas para um disco, fiz mais de 90 versões e apresentei. Ela pediu que eu apresentasse mais algumas ideias. Voltei com outras opções e ela ficou com a primeira ideia que apresentei, pois só queria testar se eu era comprometido. Foram 16 anos de trabalho juntos, cinco capas de disco e seis turnês."

MODA

Quem trabalha com moda há décadas vem estranhando o pouco interesse dos jovens por novas tendências. Na conversa, Giovanni se preocupou em não vilanizar o mercado fashion, apontado como gerador de renda e um dos faróis de liberdade criativa.

"Eu me apaixonei pela moda porque a moda é efêmera. Tudo muda a cada seis meses e muito rápido. Para quem é curioso e fofoqueiro como eu, a moda é perfeita. As pessoas interpretam a fofoca de uma maneira pejorativa, mas está associada à curiosidade. A moda emprega em sua maioria mulheres, e o consumo de roupas não é algo ruim. Mas a nova geração não se interessa. Para eles, o luxo é viajar, viver experiências, não consumir peças como era antes. O jovem está comprando muita coisa no second hand, gosta de peças vintage. E isso é preocupante porque eu fico me perguntando o que é o futuro. E não dá para saber, porque estamos andando para trás. Não estou falando de eletrônicos, estou falando do modo de viver, de se vestir. Eu tenho uma ansiedade de entender as próximas tendências porque eu não as vejo. Os jovens estão ficando cada vez mais caretas. Nos anos 1970, a gente era muito mais livre e mais divertido."

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O mundo vem questionando os avanços da IA, mas Giovanni vê o tema sem tanto alarmismo. Acredita que o trabalho de quem é criativo e acima da média não será substituído e há sentimentos que só os humanos têm.

> *"Eu amo a IA, é um baita instrumento. A IA nunca vai substituir o talento do artista, nunca vai tomar o lugar da criatividade de uma pessoa, mas vai acabar com todo o trabalho de pessoas médias. Todo mundo que tem um trabalho médio pode ser substituído. Na minha área, por exemplo, você não vai precisar mais de alguém para fazer layout. A inteligência artificial vai fazer um layout bem melhor do que uma pessoa faz. Mas o trabalho criativo muda muito de acordo com os sentimentos do profissional e isso a ferramenta não tem."*

Com Ivete Sangalo, uma das parceiras

POSTURA NO TRABALHO

Na equipe de Bianco, não se pode usar o celular enquanto trabalha. A concentração é total para entregar o melhor resultado possível para os clientes. Ele, entretanto, achou uma maneira de não ser o porta-voz das broncas na equipe...

> *"Trabalho, para mim, é algo muito sério. Eu trabalhei muitos anos na Europa e nos EUA e a relação do americano com o trabalho é muito incrível, porque cada minuto dele vale dinheiro. Está todo mundo ali para o trabalho. Ninguém quer ser amigo de ninguém, não existe essa ilusão. Só que a gente vive em um lugar latino. E aqui você precisa dessas relações de amizade. Eu era o demônio porque gosto de comprometimento. Meus clientes gastam muito dinheiro, eu não posso terminar meu dia e falar que não consegui. Não uso celular no trabalho, odeio que as pessoas usem celular no trabalho. Mas já não reclamo mais, hoje coloco alguém para reclamar por mim. Tenho que ser esperto e parecer bonzinho."*

HOBBIES

Em um mundo cada vez mais tecnológico, os hobbies do diretor criativo são meramente analógicos — um dos muitos sinais de que a tendência é encontrar espaço para tudo.

> *"Meus hobbies hoje são fazer crochê e jogar tranca. Tenho um grupo que se reúne e a gente joga valendo dinheiro, é maravilhoso. Tranca é a melhor coisa do mundo, é um jogo de inteligência que demanda muita atenção. Gosto muito de esporte, qualquer esporte, posso passar horas assistindo partidas de diferentes modalidades na TV. E tento todo dia ser uma pessoa melhor."*

Bruna Marquezine

Direção Criativa
Christian Gebara

Comitê Editorial
Alex Salgado, Marina Daineze, Dante Compagno, Sabrina Romero, Raphael Mesquita e Renato Winnig

Edição Executiva
Isaac Trabuco

Relações Públicas
Juliana Chagas

Coordenação de Conteúdo
Janaina Felix e Richard Costa

Estratégia de Canais e Distribuição
Renata Taliberti e Larissa Farese

Publicidade e Comercial
Mauro Borges

Direção de Redação
Luciana Bugni

Edição de Arte
Isabella Pisaneski

Identidade Visual
André Stefanini e Cristiano Gonçalo

Produção Executiva
Geórgia Costa Araújo e Nicole Weckx

Coordenação Executiva
Beatriz Modenese

Textos
Alexandre Petillo, Cíntia Marcucci, Clarissa Sayumi, Diego Olivares, Eduardo Viveiros, Felipe Machado, Joyce Pascowitch, Lucas Vasconcellos, Luciana Bugni, Maria Carolina Casati, Matheus Pichonelli, Miguel Arcanjo Prado e Miriam Gimenes

Revisão
Gabriel Naldi e Joice Karoline Vasconcelos dos Santos

Mídias Sociais
Maria Rosa Teles, Emanuel Antônio e Alex Carvalho

Produção
Coração da Selva
Transmídia S/A

Estamos no Instagram
velvet.brasil

Mais sobre a Velvet
Fale com a equipe
Acesse edições anteriores
Escolha como quer receber a Velvet
Acompanhe eventos da Casa Vivo

motorola



motorola signature 27

a melhor câmera do mundo com o melhor 5G do mundo

Acesse o site, o APP ou vá até uma loja Vivo

nPerf Awards - Barometer of Mobile and Internet Broadband connections WorldWide - Países de Área Extensa, Jul/26. Para mais informações, condições, disponibilidade de cobertura e aparelhos compatíveis, consulte www.vivo.com.br/5g.

VELVET